

---

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano  
Universidade Federal de Pernambuco

**“OS USOS DOS COMPONENTES AQUÁTICOS NAS PRAÇAS DO RECIFE”**

Cristianne de Melo Guerra

Recife/PE

2003

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Urbano do curso de Pós-Graduação *Stricto-Sensu*.

“OS USOS DOS COMPONENTES AQUÁTICOS NAS PRAÇAS DO RECIFE”

Por: Cristianne de Melo Guerra  
Orientação: Ana Rita Sá Carneiro

UFPE, abril de 2002

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Vera e Flávio, por terem plantado em mim a semente da educação e acima de tudo a Deus, que está sempre presente no meu caminho.

Gostaria de agradecer aos meus amados irmãos, avós e cunhados, que participaram diretamente do meu amadurecimento, dando-me força para realizar este trabalho, seja através de atos ou palavras.

Agradeço ao meu sobrinho Ian, que aos nove meses, em meus momentos de angústia, balbuciou a palavra “aga”, dando-me o sentido e a inspiração que faltavam para esta pesquisa, que envolve a relação do homem e a “águas” urbanas”. E também agradeço a presença, ainda em gestação, da minha nova sobrinha Nicole.

Gostaria de agradecer o apoio dos professores e colegas do Laboratório da Paisagem e do Mestrado em Desenvolvimento Urbano da UFPE e aos profissionais liberais, que através de suas experiências e opiniões contribuíram para a realização desta pesquisa.

Agradeço aos meus amigos, Ludmila, Ceça, Rafaella, César, Luciana Santiago e Luziana Medeiros, que me deram força e compreensão em vários momentos, e também a Cândida Vasconcelos e a Marly Koblitz, pelos seus momentos dedicados ao processo de elaboração deste trabalho.

Em especial, agradeço à orientação de Ana Rita, que tive oportunidade de conhecer no início e durante a pesquisa. A sua paciência e otimismo, além da sensibilidade e competência com que trata a paisagem, deram-me o sentimento de responsabilidade, para que esta pesquisa fosse concluída com a melhor qualidade possível.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	06
LISTA DE FOTOS.....	07
RESUMO & ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO .....	10
<b>Capítulo 1 - O COMPONENTE AQUÁTICO NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS .....</b>	<b>16</b>
1.1 - A água na paisagem urbana.....	17
1.1.1 - A paisagem do Recife.....	22
1.2 - Os componentes aquáticos nos projetos das praças.....	25
1.3 - A evolução histórica dos componentes aquáticos nas praças.....	28
1.3.1 - Os chafarizes e as fontes nas praças do Recife .....	31
1.3.2 - Burle Marx e os componentes aquáticos .....	38
<b>Capítulo 2 - O USO DAS PRAÇAS COM COMPONENTES AQUÁTICOS.....</b>	<b>43</b>
2.1 - Os usos dos componentes aquáticos.....	43
2.2 - As práticas cotidianas nas praças.....	45
<b>Capítulo 3 - METODOLOGIA DE PESQUISA .....</b>	<b>49</b>
3.1- Método de trabalho.....	49
3.2 - Procedimentos metodológicos .....	52
3.2.1 - Entrevistas .....	52
3.2.2 - Mapeamento das práticas cotidianas.....	53
3.2.3 - Observação participante .....	53
<b>Capítulo 4 - ASPECTOS HISTÓRICOS E PROJETUAIS DOS COMPONENTES     AQUÁTICOS NAS PRAÇAS SELECIONADAS.....</b>	<b>54</b>
4.1 - Praça de Derby.....	54
4.2 - Praça do Hipódromo.....	64
4.3 - Praça do Campo Santo.....	69

Capítulo 5 - <b>AS DIFERENTES VISÕES E OS DIFERENTES USOS DOS COMPONENTES AQUÁTICOS</b> .....	73
5.1 - As práticas cotidianas nas praças pesquisadas.....	73
5.1.1 - Praça do Derby .....	73
5.1.2 - Praça do Hipódromo.....	79
5.1.3 - Praça do Campo Santo.....	84
5.2 - As opiniões dos técnicos e dos profissionais liberais .....	90
5.3 - As opiniões dos usuários .....	92
5.4 - Considerações finais .....	93
 Capítulo 6 - <b>CONCLUSÃO</b> .....	 96
 <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	 101
<b>ANEXOS</b> .....	105

---

## **LISTA DE FIGURAS** (desenhos, projetos, mapas e quadros)

### **Capítulo 1**

Figura 1.1- Projetos das primeiras fontes e chafarizes do Recife.....	33
Figura 1.2 - Praça Dom Pedro II, chafariz de mármore,.....	33
Figura 1.3 - Largo da Matriz da Boa Vista, Fonte-chafariz .....	34
Figura 1.4 - Pátio do Carmo, chafariz de ferro .....	35
Figura 1.5 - Rua da Cruz, chafariz .....	35
Figura 1.6 - Projeto da Praça de Casa Forte.....	39
Figura 1.7 - Projeto da Praça Salgado Filho .....	40

### **Capítulo 3**

Figura 3.1 - Esquema dos aspectos metodológicos.....	50
Figura 3.2 - Localização do estudo de casos no mapa georeferenciado .....	50

### **Capítulo 4**

Figura 4.1 - Praça do Derby.....	54
Figura 4.2 - Desenho do projeto do Parque do Derby em 1924.....	56
Figura 4.3 - Projeto de Burle Marx - Praça do Derby em 1934.....	59
Figura 4.4 - Praça do Hipódromo, 2000 .....	65
Figura 4.5 - Planta da ZEPH-28, Vila do Hipódromo.....	66
Figura 4.6 - Projeto da Praça do Hipódromo, 2002.....	68
Figura 4.7 - Praça do Campo Santo, 2000.....	70

## **Capítulo 5**

Figura 5.1 - Mapa de usos 1- Praça do Derby (manhã e tarde).....	74
Figura 5.2 - Mapa de usos 2- Praça do Derby (noite).....	77
Figura 5.3 - Mapa de usos 3 - Praça do Hipódromo.....	79
Figura 5.4 - Mapa de usos 4 - Praça do Campo Santo, 2000 .....	85
Figura 5.5 - Mapa de usos 5 - Praça do Campo Santo, 2002 .....	87
Figura 5.6 - Quadro 01 - Práticas cotidianas.....	89
Figura 5.7 - Quadro 02 - Visão dos técnicos e profissionais liberais .....	92
Figura 5.8 - Quadro 03 - Visão dos usuários.....	93

## **LISTA DE FOTOS**

### **Capítulo 1**

Foto 1.1- Espelho d'água da Praça do Hipódromo.....	24
Foto 1.2 - Jardim de Versalhes, França.....	29
Foto 1.3 - Praça de Casa Forte.....	39
Foto 1.4 - Praça Maciel Pinheiro, 2000, fonte do séc. XIX .....	41
Foto 1.5 - Praça do Diário, 2002, fonte do séc. XX .....	41
Foto 1.6 - Praça do Hipódromo, 2002 .....	42
Foto 1.7 - Praça Sérgio Lorêto, 2002.....	42

### **Capítulo 4**

Foto 4.1 - Parque do Derby em 1930 .....	57
Foto 4.2 - Parque do Derby - construção do lago e ilha de pedregulhos.....	58
Foto 4.3 - Parque do Derby, pérgula para plantas .....	59

Foto 4.4 - Praça do Derby, lago e ilha .....	60
Foto 4.5 - Praça do Derby, pérgula e estátua .....	60
Foto 4.6 - Praça do Derby, espelho d'água circular .....	61
Foto 4.7 - Praça do Derby, acesso ao orquidário .....	62
Foto 4.8 - Praça do Derby, fonte do orquidário .....	62
Foto 4.9 - Praça do Derby, lago, ponte e ilha-dos-amores .....	63
Foto 4.10 - Praça do Derby, fonte no tanque do peixe-boi .....	64
Foto 4.11 - Praça do Hipódromo 1989/1998, espelho d'água .....	67
Foto 4.12 - Praça do Hipódromo, 2002, águas, ponte, ilha e vegetação.....	69
Foto 4.13 - Praça do Hipódromo, 2002, ponte e reflexos d'água.....	69
Foto 4.14 - Praça do Campo Santo, 2000, espelho d'água .....	71
Foto 4.15 - Praça do Campo Santo, 2002, espelho d'água aterrado .....	72

## **Capítulo 5**

Foto 5.1 - Praça do Derby, casal namorando .....	75
Foto 5.2 - Praça do Derby, mendigo e cheira-colas .....	75
Foto 5.3 - Praça do Hipódromo, adolescentes da escola .....	80
Foto 5.4 - Praça do Hipódromo, meninos pescando dentro do lago.....	81
Foto 5.5 - Praça do Hipódromo, pescaria na ponte .....	81
Foto 5.6 - Praça do Hipódromo, diversidade de usos .....	82
Foto 5.7 - Praça do Hipódromo, lavador de carros.....	83
Foto 5.8 - Praça do Campo Santo, poço e lavadores de carros.....	86



## RESUMO

*Essa pesquisa tem como objetivo principal, analisar o uso dos componentes aquáticos das praças, segundo as dimensões contemplativa e utilitária, considerando as influências dos aspectos do projeto paisagístico e da história, no intuito de contribuir para o planejamento dos espaços livres públicos do Recife. A observação dos usos atuais dos espelhos d'água nas praças, consolidados nas práticas cotidianas, levou-nos a formular um pressuposto inicial de que esses usos, de certo modo, permanecem estabelecidos na história das praças, através das dimensões contemplativa e utilitária. As fontes e chafarizes do século XIX eram usados, ao mesmo tempo para o abastecimento d'água – dimensão utilitária - e como local para encontros sociais, pela qualidade estética que proporcionavam aos logradouros – dimensão contemplativa. Novos usos da dimensão utilitária foram identificados nas praças hoje, como as lavagens de carro, a pesca ou os banhos. Partimos da referência histórica da paisagem do Recife, dos componentes naturais como os rios, o mar ou as lagoas, para entender a relação entre o homem e as águas urbanas e compreender a presença dos componentes aquáticos nas praças como parte dessa estrutura. A partir do estudo de três praças, situadas em diferentes localidades da cidade, utilizou-se o método analítico-descritivo, que mostrou como os novos usos dos componentes aquáticos vêm provocando alterações, de ordem física e social nos projetos paisagísticos das praças do Recife.*

## ABSTRACT

*This research has as the main aim to analyse the use of squares aquatic components, according to useful and contemplative dimensions, considering the landscape design and history influences, in the way to contribute for the planning of open public spaces in Recife. Nowadays, the uses of the water surface in the squares, which are consolidated on daily practices have brought us to formulate the initial presumption that these uses, somehow, remain established in History, through the contemplative and useful dimension. The fountains from the XIX century were used, at the same time, as water supplier – useful dimension – and as a place for social meeting, because of the esthetics quality they used to provide to those open spaces – contemplative dimension. New uses of useful dimension have been identified in the squares, as car washing, fishing or baths. We have started from Recife historical reference, from natural components as rivers, sea or lakes, to understand the relationship between man and water as part of the urban space and to comprehend the presence of aquatic components in the squares as part of this urban structure. From the study of three squares, located in different places in the city, the descriptive-analytical method revealed how new uses of aquatic components have been causing changes in social and material order in Recife's squares landscape designs.*

---

## INTRODUÇÃO

Na história da formação das cidades do mundo, a água apresenta-se como um dos principais elementos que compõe e se destaca na paisagem urbana, seja nos seus componentes naturais ou nos construídos. Esse estudo enfoca os componentes aquáticos construídos nos espaços livres públicos, em particular nas praças, e investiga os seus tipos de uso.

Há indícios históricos de que existiu uma diversidade de usos nos componentes aquáticos nos espaços públicos em diversas cidades, sobretudo na Europa. Em Roma antiga havia as termas e os recintos para os banhos públicos; na Espanha, França, Itália e Inglaterra no século XIX, os espelhos d'água e jardins escultóricos; em Portugal, os chafarizes e fontes nas praças e pátios de igrejas (Munford, 1982). A história do paisagismo europeu influenciou o uso desses componentes aquáticos nos espaços públicos do Brasil colônia, o que de alguma maneira, expandiu-se em diversas cidades.

Dentre os tipos de espaços públicos urbanos, os pátios, as praças, os parques e as ruas são espaços livres de edificação em que há o livre acesso das pessoas (Sá Carneiro e Mesquita, 2000). Nesta pesquisa, as praças foram consideradas como o tipo predominante no Recife, tanto pela sua quantidade, quanto pela presença dos elementos naturais e das atividades sociais que proporcionam aos seus usuários. Hoje, as praças que possuem os componentes aquáticos, passam por uma série de interferências, nas quais as ações humanas afetam o seu funcionamento, alterando o projeto original, principalmente no que se refere aos usos programados desses mobiliários com água.

Em um momento histórico, muitas vezes ao lado dos objetos naturais, os objetos construídos no espaço urbano respondem as ações dos homens segundo as suas necessidades sociais e técnicas (Santos, 1996, p. 56). Entre esses referidos objetos estão os componentes aquáticos, implantados em espaços livres públicos, ora com a função utilitária, como as cacimbas, os poços, os viveiros, os chafarizes e as bicas, ora com a função contemplativa, como as fontes, os lagos artificiais, os espelhos e os jardins de água. Esses componentes, instalados em pátios e praças da cidade do Recife, foram criados, inicialmente, com a função de abastecimento d'água para a população, servindo também para embelezamento desses logradouros. Nos últimos anos, os componentes

aquáticos permanecem com a mesma dimensão contemplativa, mas acrescentam novas formas de uso com a dimensão utilitária, como a lavagem de carro, a pesca e os banhos.

A observação junto ao surgimento de novos usos dos componentes aquáticos nos espaços públicos, sobretudo aqueles que chegam a desconfigurar o projeto original das praças do Recife, despertou o interesse dessa pesquisadora para a investigação. Além disso, as atuais mudanças conceptivas às quais o espaço urbano vem passando, principalmente com a “Pós-Modernidade”, (Harvey 1993), estimulou-nos a conhecer diversos projetos no mundo, nos quais a criação de espaços urbanos responde às novas expectativas de consumo da sociedade. A Piazza d’Itália, em Nova Orleans, utiliza colunatas, arcadas e componentes aquáticos, com os quais exaltam a ficção e a função desses elementos, criando um espetáculo italiano. Com isto, sugere dimensões de sentido social, pelos olhos daqueles que os contemplam ou pelo pensamento do seu produtor, que em um contexto de prédios modernos no sul dos Estados Unidos, criou um ambiente semelhante ao da antiga Itália (Harvey, 1993, p.92).

No espaço urbano produzido, a aparência e o modo como esses espaços se organizam, possibilitam a manifestação das práticas cotidianas. Segundo Kohlsdorf (1996, pp.20-26), a apreensão da forma dos espaços liga-se, indissociavelmente, à produção e a sua utilização, sendo capaz de satisfazer as expectativas sociais dos usuários ao longo do tempo. Cada uma das expectativas pode dar origem a uma dimensão, ou seja, a um campo de investigação de um fenômeno.

Os atuais usos dos componentes aquáticos das praças da cidade do Recife podem representar certas expectativas dos usuários, tendo em vista a sua dimensão contemplativa (atende aos desejos de bem estar, estéticos, sensitivos) e a sua dimensão utilitária (atende às necessidades de trabalho, sobrevivência, abastecimento). Assim, procuramos com esta pesquisa, *analisar o uso dos componentes aquáticos das praças, segundo as dimensões contemplativa e utilitária, considerando as influências do projeto paisagístico e da história, no intuito de contribuir para o planejamento dos espaços livres públicos do Recife.*

Utilizamos o método analítico-descritivo, no qual os usos com dimensões contemplativa e utilitária consideram os aspectos do projeto e da história. A investigação dos aspectos do projeto refere-se à configuração espacial, em particular, à acessibilidade e à diversidade espacial, que

condicionam o uso dos componentes aquáticos nas praças. O aspecto da história trata da formação da paisagem da cidade e das suas práticas cotidianas ao longo do tempo. Esses aspectos indissociáveis, complementados pela temporalidade e pelo tipo da prática cotidiana no espaço, sugeriram outros objetivos necessários para a compreensão do objeto de estudo, tais como:

*- Identificar as transformações nos projetos originais das praças, causadas pelo uso segundo as dimensões contemplativa e utilitária, considerando a acessibilidade e a diversidade espacial dos componentes aquáticos.*

*- Investigar a influência da história do uso dos componentes aquáticos naturais da cidade do Recife, nas práticas cotidianas nos componentes aquáticos das praças.*

A partir da análise dos aspectos do projeto e histórico das praças, encontramos as fontes monumentais e as superfícies aquáticas usadas em diversos bairros históricos do Recife, tanto para o lazer contemplativo e encontros sociais, quanto para as lavagens de carros, de roupas, pesca e banhos. Esses tipos de usos vêm causando conflitos sociais e alterando os projetos originais das praças. Além disso, na atual história da cidade do Recife, o racionamento de água e de energia que a população enfrenta, ocasionado pela falta de água nas represas e barragens, que produzem energia nas companhias hidroelétricas nesses últimos anos vem fazendo com que, a maioria das fontes das praças permaneça desligada. Outros fatores como o custo da manutenção e a vigilância das praças com tais componentes, vêm contribuindo para que estes locais transformem-se em depósitos de lixo, lugar de proliferação de doenças e insetos. Esses problemas vêm fazendo com que os órgãos de planejamento e manutenção priorizem cada vez menos os componentes aquáticos, o que tem levado a execução de aterros, transformando-os em passeios ou jardineiras nas praças.

Diante dos problemas descritos, a pesquisa traz como questão central: *até que ponto as reformas realizadas nos projetos das praças e os aspectos históricos do uso dos espaços públicos influenciam nos usos atuais dos componentes aquáticos?*

Na nossa pesquisa, contextualizamos a investigação dos usos dos componentes aquáticos das praças, na paisagem da cidade do Recife, pela relação próxima de convivência cotidiana do

recifense com os componentes aquáticos naturais ao longo de sua história. Geográfica e historicamente, a cidade do Recife tem a água como elemento de atração e utilização – a diversidade do uso do mar, dos rios, dos mangues, das lagoas, e até mesmo a presença da água em enchentes e alagamento de ruas. O uso da água das fontes, das bicas ou dos chafarizes nos espaços públicos do século XIX, assim como nos quintais e jardins das residências, para o abastecimento e embelezamento, permanece nos espelhos d’água das praças atuais e em outros espaços livres públicos dessa cidade.

Diante da identificação de uma continuidade histórica das práticas cotidianas no uso dos componentes aquáticos das praças do Recife, este estudo pressupõe que *os usos atuais dos componentes aquáticos, de certo modo, permanecem através das dimensões contemplativa e utilitária, estabelecidas na história*. A hipótese formulada através da descrição das dimensões contemplativa e utilitária, procurou compreendê-las como parte de um processo democrático e de coexistência entre grupos sociais, que realizam as práticas no cotidiano dos espaços públicos conforme o local, a sociedade, a cultura, a história e as necessidades individuais ou coletivas.

Partindo-se da hipótese de uma permanência de práticas cotidianas nos componentes aquáticos nas praças do Recife, foram escolhidas como estudo de casos, três praças localizadas em diferentes bairros. Os usos dos componentes aquáticos foram examinados segundo os aspectos do projeto, da história e das práticas cotidianas, na Praça do Derby, bairro do Derby, na Praça Tertuliano Feitosa ou Praça do Hipódromo, bairro do Hipódromo e na Praça da Saudade ou Praça do Campo Santo, bairro de Santo Amaro. Realizou-se a análise descritiva dos aspectos do projeto e histórico dessas praças, considerando as plantas, as iconografias e as fotografias, além das reflexões geradas a partir do mapeamento das práticas cotidianas, da observação participante, das entrevistas com técnicos, profissionais liberais e os usuários das referidas praças, onde as dimensões utilitária e contemplativa consolidam o uso desses componentes.

Portanto, a partir dessas considerações, iniciamos o **Capítulo 1** apresentando conceitos de paisagem urbana, examinando a importância da água na paisagem urbana e sua relação com o homem. Nessa paisagem, as praças com componentes aquáticos aparecem com diferentes usos,

que alteram os projetos originais e enfatizam a influência da história dos componentes aquáticos construídos.

Os aspectos do projeto focalizam a diversidade espacial e a acessibilidade, além da configuração do entorno imediato. Para a compreensão da relação entre o projeto e a prática cotidiana, descreveu-se a retrospectiva do uso das cacimbas, fontes e chafarizes, observando as suas funções utilitárias e contemplativas, até as superfícies e os jardins de água contemplativos, anunciados no início do século XX no Recife. Em seguida focaliza-se os projetos de praças do paisagista Roberto Burle Marx, em seus princípios projetuais, que influenciaram a adoção das superfícies aquáticas, tornando-se um marco importante na história do paisagismo brasileiro.

No **Capítulo 2**, aprofunda-se o conceito de uso, de apropriação e das diversas formas de adaptação dos espaços, mediante as necessidades do usuário no dia a dia, para a identificação das práticas cotidianas nas praças. Os usos dos componentes aquáticos efetivados pelas práticas dividem-se em duas dimensões, a contemplativa e a utilitária, para efeito metodológico. A abordagem das práticas cotidianas no espaço focaliza “as astúcias” segundo De Certeau (2001), o espaço social e o “habitus” de Bourdieu (1996), como fundamentos teóricos. O uso dos componentes aquáticos, pelos diversos atores, surge de práticas individuais ou coletivas nas praças. As práticas sociais impulsionam um melhor direcionamento para os projetos de requalificação de praças, incluindo os desejos dos atores sociais, tornando esses espaços mais democráticos e conservados.

O **Capítulo 3** apresenta o método analítico-descritivo, que analisa o uso dos componentes aquáticos no estudo de casos, e os procedimentos tais como; as entrevistas com os técnicos, os profissionais liberais e os usuários, o mapeamento das práticas do cotidiano e a observação participante.

No **Capítulo 4** caracterizam-se as praças do estudo de casos, segundo os aspectos do projeto e da história, observando-se as práticas cotidianas efetivadas nos componentes aquáticos, na Praça do Derby, na Praça do Hipódromo e na Praça do Campo Santo.

O **Capítulo 5** refere-se à sistematização e análise dos resultados da pesquisa de campo, da observação participante, do mapeamento das práticas, das entrevistas realizadas com os dois grupos, o dos técnicos e profissionais liberais e o dos usuários, que tratam das diferentes visões sobre os diferentes usos dos componentes aquáticos nas praças do Recife, em particular naquelas do estudo de casos.

As opiniões foram examinadas e classificadas segundo as variáveis; os aspectos do projeto e da história e do seu uso. Enfim, fizemos considerações sobre as semelhanças e diferenças entre as diversas visões, no sentido de compreender o uso desses componentes no cotidiano das praças do Recife. A importância dos componentes aquáticos para a beleza foi apontada pelos diversos grupos, bem como as práticas contemplativas associadas à utilização da água para as lavagens de carro. A influência da história dos chafarizes, da paisagem natural e dos projetos de praças realizados por Burle Max também foram citados, sendo a sujeira considerada o principal problema nesses mobiliários hoje.

Por fim, o **Capítulo 6** apresenta as conclusões, a partir das evidências e reflexões dos capítulos antecedentes, sobre a análise dos usos dos componentes aquáticos, o que implica na alteração dos projetos e permanência das práticas cotidianas, consolidadas ao longo da história da cidade do Recife. A coexistência das dimensões contemplativa e utilitária permanece nos componentes aquáticos das praças através das práticas cotidianas realizadas em seu espaço envolvente como o olhar a água, os passeios, os namoros, os encontros e a reflexão, ao mesmo tempo em que a água é apropriada pelos lavadores de carro. Sendo assim, esses últimos usos não previstos no projeto original criam limites de territorialidade desconfigurando os pisos, a vegetação e os bancos. Por isso, as evidências sobre o uso dos componentes aquáticos nas praças do Recife para as diversas dimensões, puderam ser compreendidas como um processo democrático e dinâmico, apontando novos caminhos ao planejamento das praças com esses componentes e possibilitando a melhoria da qualidade de vida.

---

## **O COMPONENTE AQUÁTICO NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS**

Os componentes aquáticos aparecem na história das civilizações, sendo naturais ou construídos, sob diversos tipos e para finalidades diversas, com o caráter particular ou público. Nas cidades greco-romanas, os componentes aquáticos construídos eram as termas e instalações para os banhos públicos, as superfícies aquáticas e os fossos para a proteção de edificações ou simulação de combates navais, além das obras para o abastecimento da população, como aquedutos ou represas, que aproveitavam os componentes naturais do sítio.

A história dos espaços públicos no mundo, sobretudo a partir do Renascimento na Europa, mostra os componentes aquáticos construídos como mobiliário urbano, não só para o abastecimento d'água, mas também como elemento de embelezamento da paisagem urbana da cidade. São as fontes e chafarizes nas praças e pátios de igrejas, até as superfícies aquáticas em jardins e parques privados e públicos. Assim, iniciamos este capítulo com algumas considerações a respeito das funções da água na paisagem das cidades, considerando as definições de paisagem e a importância das águas urbanas, para observar a relação do homem com a água na cidade, o que inclui os componentes aquáticos das praças. Neste enfoque descrevemos uma breve trajetória dos projetos paisagísticos de espaços públicos que utilizaram a água como elemento de composição, e o seu uso nas praças do Recife.

O componente aquático foi analisado como elemento da concepção projetual nas praças, agregando as qualidades espaciais, como a diversidade e a acessibilidade, que induzem as formas de apropriação. Descrevemos a evolução histórica dos componentes aquáticos nos espaços livres públicos do Recife, para a compreensão da sua importância na relação com a cidade. As praças expressam as manifestações de hábitos e costumes públicos, que transformados ao longo do tempo conferem a elas um caráter de lugar histórico. Neste sentido, o tipo de componente, seja uma fonte ou um espelho d'água, pressupõe variadas formas de uso da água, onde os usuários adaptam os componentes aquáticos das praças às suas necessidades sociais em suas práticas cotidianas.



A ênfase à trajetória histórica das cacimbas, viveiros, fontes, chafarizes e lagos artificiais nas praças e nos pátios da cidade do Recife, embasou a busca da compreensão aos usos com as dimensões utilitária e contemplativa nas praças. Por isso, aprofundamos a descrição da implantação dos componentes aquáticos nas praças, pela Companhia Beberibe de Abastecimento d'água, que teve uma participação fundamental na elaboração dos projetos originais destes equipamentos no século XIX. Descrevemos também algumas reformas em praças do final daquele século e início do século XX, nas quais a conservação destes objetos transformou-os em elementos de embelezamento e valorização da vida social.

Para entender as novas concepções projetuais das praças com componentes aquáticos, abordamos de forma sintética a trajetória dos projetos paisagísticos de Burle Marx no Recife, pela sua importância para a construção da identidade paisagística desta cidade. Ele utilizava a água, associando-a a vegetação, aos animais, aos pisos, as cores e as esculturas, em forma geométrica ou orgânica, criando cenários, que expressavam o sentimento nacionalista da modernidade.

Os traçados sinuosos dos espelhos e jardins de água de Burle Marx, perpetuaram-se em outros projetos de praças das décadas seguintes, bem como a reutilização de fontes antigas que embelezavam os logradouros do Recife. Finalizamos este capítulo fazendo breves considerações sobre os usos com as dimensões contemplativa e utilitária destes mobiliários nas praças no Recife, relacionando as transformações que ocorreram antes e depois de Burle Marx, em que as formas de uso não previstas nos projetos e provenientes das necessidades sociais, como as lavagens de carro, de roupas, pesca e banhos, vem definindo uma nova configuração territorial nas praças.

## **1.1 - A água na paisagem urbana**

A água aparece na formação da maioria das cidades da antiguidade, devido à proximidade dos rios, do mar e outros componentes naturais e também na construção de obras de arte ou infraestrutura utilitária, que se tornam monumentos estéticos sejam as pontes, os aquedutos, os portos, as represas e os canais (Lamas, 1993, p.116). Estes componentes aquáticos naturais ou construídos permitiam ao homem o uso da água em suas atividades cotidianas básicas como: a agricultura, a pecuária, a pesca, o comércio e o transporte de mercadorias, ou nas atividades

cotidianas de lazer, através do uso dos rios, do mar, e das fontes. Sendo assim, nas cidades atuais a presença dos componentes aquáticos naturais ou construídos ao longo do tempo torna-os elementos preponderantes na estrutura espacial urbana e na referência destas cidades. São formas urbanas visíveis, que adquirem funções, segundo a cultura e a história de cada lugar, compondo a paisagem das cidades.

Para Sauer (in Corrêa e Rosendhal, 1998, p.23), uma *paisagem* é uma área composta por uma associação de formas ao mesmo tempo físicas e culturais, e pode ser observada sob diversas dimensões. A dimensão morfológica observa o conjunto de formas criadas, tanto pela natureza, quanto pela ação do homem, que manifestada ao longo do tempo, mostra a dimensão histórica. A dimensão funcional trata a relação entre as partes, enquanto que a dimensão simbólica contempla o significado, os valores e crenças e a dimensão espacial relaciona a paisagem à porção de área da superfície terrestre. Neste sentido, compreendemos a paisagem como um conjunto dessas dimensões, tornando o seu conceito bastante amplo.

Para Santos (1996, p. 83) a *Paisagem* é “o conjunto de formas, que num dado momento exprimem as heranças, representando as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. A *paisagem natural* inclui os elementos da natureza, a água, a vegetação, os seres vivos, que juntamente às ruas, praças e aos edifícios, constituem a paisagem construída, na qual há um sistema de relações, onde as formas físicas se distribuem e nele as ações humanas manifestam-se ao longo do tempo, criando o espaço urbano. Contudo, dependendo da dimensão que a paisagem é observada, podemos encontrar definições sendo utilizadas, e que não a contemplam. Normalmente, a definição de configuração territorial - conjunto de elementos naturais e artificiais, que fisicamente caracterizam uma área - se confunde com a definição de paisagem, porque é a dimensão espacial que se mostra evidente, onde o cenário, possível de abarcar com a visão, é composto pelas formas físicas e pela vida que as anima.

Entretanto, além de configuração territorial, a definição de paisagem se estende, ao observarmos a valorização dos sentidos exaltados pela aparência visual da paisagem, na citação de Bachelard (1998, p.152) abaixo, em seu livro *A água e os Sonhos*, na qual a definição de paisagem transcende a forma física. Para ele, a paisagem é composta materialmente por dois elementos da natureza, a vegetação e a água, e subjetivamente pela imaginação e pela exaltação dos sentidos, principalmente o da visão.

“A frescura de uma paisagem é uma maneira de olhá-la. É preciso, não há dúvida, que a paisagem ponha aí algo de si, que tenha um pouco de verdura e um pouco de água”.

Compreendendo a forma urbana, como um resultado da ação das atividades humanas no ambiente natural que deu origem à cidade, alterando-o e adaptando às necessidades humanas em um momento histórico (Spirn, 1995, p.28), estão incluídos nessa paisagem os elementos naturais, os rios, mar, lagos, montanhas, rochas, e os propósitos humanos, como as praças, os edifícios, as ruas, e as obras de infra-estrutura utilitária. Portanto, uma *paisagem urbana*, é constituída em um certo momento histórico, através de acréscimos e sobreposições provenientes de novas organizações, e esta transposição de formas e ações conferem à paisagem urbana um caráter transtemporal (Santos, 1996, p.83).

A paisagem urbana, ou *paisagem cultural* que Sauer (in Corrêa e Rosendhal, 1998, pp.43-56) se refere, é composta pela relação entre a paisagem natural e as formas criadas pela cultura. Ela está sempre em processo de desenvolvimento e transformação. Nela, o homem modifica os recursos naturais do sítio, disponíveis a ele, para o seu uso. O conjunto de formas, que ele introduz nessa paisagem natural compõe a paisagem urbana.

A partir das definições acima, enquadraremos os componentes aquáticos naturais e os construídos, como elementos morfológicos e como partes integrantes do meio urbano. Segundo Lamas (1993, pp.38-134), esses elementos formam a *paisagem natural e cultural* da cidade, que se relacionam entre si, em um sistema articulado. Para a compreensão dos fatos é importante observá-los em suas relações, por isso, a importância da relação entre o homem e a paisagem das águas no meio urbano, permeia forças material e subjetiva, podendo definir as atividades humanas nos espaços.

A paisagem das águas, a qual nos referimos, são os tipos de organizações espaciais entre elementos naturais e construídos, que possuem água e que possibilitam perspectivas, visões e dimensões de usos no tecido urbano, seja a paisagem dos rios, do mar, dos lagos e das fontes e dos espelhos d'água nas praças. Desta maneira, as águas urbanas naturais podem ser usadas nas cidades sob diversas formas, através da dimensão utilitária para o abastecimento da população, os banhos, a pesca, meio de circulação, meio para atividades comerciais e a amenização climática, ou da dimensão contemplativa, em que é valorizado o sentido da visão, através da observação dos reflexos e duplicação da paisagem, do olfato, da composição estética ou do contato com a água.

As águas urbanas nas suas diversas formas sejam as naturais ou as do ambiente construído, exercem um grande poder de atração. Os rios no tecido urbano, por exemplo, são importantes sob o ponto de vista ecológico e ambiental, pois as suas margens são locais que fazem a interface entre os principais elementos da natureza, a terra, a água, o ar e o sol, além de dar lugar a inúmeras associações de espécies vegetais e animais num perfeito ecossistema (Costa, 2002, p.01). Portanto, as diversas funções da água na paisagem das cidades, sugerem-nos um pensar nas condições de seu tratamento e integração no espaço urbano, onde o papel da água dos rios, mesmo que poluídos, não deixa de ser importante na paisagem das cidades, pois além dos reflexos, os rios podem também ser utilizados para fins cerimoniais, de circulação, de comércio, e lazer (Costa, 2002).

Da mesma forma, o uso das águas urbanas presentes nos elementos construídos como as fontes, os chafarizes, os espelhos e jardins de água, dos espaços livres públicos, também possuem estas dimensões contemplativa e utilitária, pois esses componentes da paisagem urbana da cidade participam das práticas cotidianas das pessoas, onde a água é apropriada em diversas possibilidades de uso, seja para lazer, contemplação, pesca, abastecimento ou banhos.

Segundo a opinião do geólogo (entrevista, 2002), esses objetos além de oferecerem à cidade um perfeito ecossistema, proporcionam uma diversidade de funções e usos no cotidiano de uma cidade, sobretudo se esta cidade tem na sua formação histórica e geográfica a água em seu sítio. A água também é importante para a qualidade de vida e para a amenização climática nas cidades, pois, quando se pensa em água, tem-se múltiplas formas de abordá-la, desde as questões psicológicas, físicas, naturais, paisagísticas, até as lúdicas ou as contemplativas. Segundo o entrevistado a água é importante sob qualquer aspecto, tem a função de quebrar a aridez do concreto, mas também tem influência no clima. A água ameniza as ilhas de calor urbanas e tem um aspecto que é fundamental, sutil e difícil de ser mensurado, que é a importância para a qualidade de vida.

Muitos destes componentes aquáticos construídos nas praças possuem uma qualidade estética associada à função utilitária, que se alteram de acordo com o período histórico, mediante as necessidades sócio-econômicas, por conseguinte, transformam a paisagem urbana. Os habitantes das cidades que possuem a água na configuração do seu sítio, normalmente adquirem hábitos que percorrem gerações, e são expressos em manifestações simbólicas, em rituais folclóricos ou

religiosos e músicas, poesias e ditos populares. Gilberto Freyre citado por Pitta (1980, p.04), escreve um poema mostrando a importância da água para a cidade:

*“Nada é mais importante ao estudo do homem que suas relações com a água, com a água do mar, com a água dos rios, com a água condensada das nuvens, com a água das chuvas ou degelos, com a água subterrânea, com a água que corre na seiva das plantas ou que circula nas artérias e nas veias dos animais, por conseguinte, o próprio sangue e a própria vida do homem. Quase uma mística da água”.*

Nessa citação, percebe-se como é importante ressaltar a presença da água nas cidades, seja nas nascentes, nos olhos d'água ou emergindo do lençol freático, da mesma maneira que ela volta para a terra através das chuvas, por um necessário cataclismo. Por isso, os processos naturais devem ser considerados no desenvolvimento das cidades, e principalmente no planejamento e projeto dos espaços públicos, no sentido de criar um relacionamento harmonioso entre homem e as águas urbanas.

Assim, compreendemos que as águas urbanas participam da paisagem, tanto na sua formação geográfica e no uso dos espaços públicos, como nas enchentes e alagamentos. Alguns desastres envolvendo a água em cidades são decorrentes da forma urbana e resultam das ações antrópicas, que alteram as características naturais do sítio, levando à necessidade de soluções emergentes. Algumas cidades desenvolvidas, como Woodlands no Texas, utilizam seus espaços livres públicos e privados como um efetivo sistema de drenagem das águas pluviais, absorvendo as águas das cheias e prevenindo cheias em locais mais abaixo (Spirn, 1995, p.26).

Em Curitiba as superfícies aquáticas podem contribuir para a amenização e o equilíbrio urbano, e que dentre inúmeros meios de controle da água, a utilização dos componentes aquáticos das praças é bastante eficiente para drenagem e conter constantes enchentes. Os componentes aquáticos naturais dessa cidade, como os lagos, as cachoeiras em montanhas de pedra, muitas vezes são incorporados aos projetos de praças ou parques, também como um elemento de composição do cenário contemporâneo.

### **1.1.1 - A paisagem do Recife**

Na paisagem do Recife, encontramos uma diversidade de elementos naturais que formam sua identidade visual, histórica e cultural. Conhecida como a cidade das águas por sua formação físico-geográfica é composta de ilhas, rios, mar, morros verdejantes, lagoas, mangues e outros. Além de ser entrecortada por ricos elementos naturais de águas doces e salgadas, também refletiu esta imagem de abundância física e visual de água, através dos hábitos e da cultura. A influência européia na ocupação do sítio conduziu a presença da água em quintais, praças, pátios ou parques planejados.

Podemos compreender o desenvolvimento urbano, como o responsável pela configuração atual da paisagem do Recife. O uso do espaço público nos séculos XVI e XVII era limitado as estreitas e alagadas ruas por onde trafegavam escravos, comerciantes, vendedores, negras com tabuleiros etc. O tratamento paisagístico do Recife teve seu início no século XVII com os holandeses, propondo a arborização de ruas, e para aumentar o território da estreita península, os aterros permitiram a construção de palácios e fortes, tornando-a entrecortada por águas (Cavalcanti, 1977). Os elementos morfológicos construídos foram adaptados a abundância física e visual das águas e os verdes da geografia, fazendo o Recife ser considerado a “Veneza brasileira”.

Na opinião do Geólogo (entrevista, 2002), a cidade do Recife na sua adaptação ao sítio, passou por problemas decorrentes do crescimento urbano, que alteraram sua configuração natural, como os aterros em área de mangue e de praia. Por isso, a população recifense desde sua origem convive também com alguns problemas causados pela água, que sempre predominou na paisagem desta cidade, como os constantes alagamentos e cheias.

O trecho de Cavalcanti (1977) abaixo nos descreve a paisagem do Recife historicamente consolidada a partir dos abundantes elementos naturais. Porém, um dos contra-sensos dessa cidade aquática foi o problema do abastecimento d’água, pois a água salobra do rio Capibaribe não era boa para o consumo. Por isso, era bastante comum nas ruas e pátios da cidade do Recife existirem cacimbas para captação de água, bem como, haver o transporte d’água em canoas, que vinham do rio Beberibe em Olinda, e eram distribuídas nas praias fluviais dos arrecifes, e então vendidas em barris e tonéis ( Sette, 1978, p.212).

*“Aqui estão dois rios que se irmanam para um suicídio marítimo, mas antes beijam os pés das pontes e rastejam pelos alagados ou peregrinam pelos mangues como se fizessem uma penitência humilde e antecipada pelo ato transloucado que vão praticar e assim formam aquela bela paisagem que entusiasma a todos”* (Cavalcanti, 1977, p. 279).

Foi devido às necessidades de abastecimento d’água da cidade do Recife, que surgiu a CIA Beberibe de Abastecimento d’água em 1946, que além de implantar fontes e chafarizes nos espaços públicos no século XIX, possibilitou as atividades de hidroterapia e higiene nas casas de banhos (Sette, 1978, p.215). Estas atividades ao lado de outros hábitos decorrentes da paisagem das águas do Recife, como os banhos de rio e os passeios públicos na beira-rio, confirmavam a relação próxima do recifense com a água dos componentes aquáticos naturais e construídos.

Os hábitos de uso dos espaços públicos no Recife do século XIX, como os usos dos componentes aquáticos das praças, pátios e largos de igrejas, bem como o uso do rio e do mar para comércio, transporte ou lazer e contemplação, se efetivavam segundo as dimensões utilitária e contemplativa. Verificamos na citação de Cavalcanti (1977, p.158) abaixo, que a pequena quantidade de praças na cidade nesse período, é suprida com a presença dos elementos naturais da paisagem, pois esse trecho nos sugere haver uma complementação entre os componentes aquáticos naturais e os construídos, ou seja, uma relação entre a paisagem natural e a cultural:

*“Uma cidade sem praça é uma cidade material, terrivelmente física, puramente comercial. Recife tem este pecado. É uma comuna de poucas praças. É bem verdade que as que possui são belas, mas infelizmente mal cuidadas. Então é de se admirar que seja uma cidade de poetas. Talvez vá se encontrar uma explicação para tal fenômeno na presença do mar, dos rios - duas grandes motivações poéticas - que preponderam na paisagem, suprimindo aquela falta”.*

Os hábitos sociais recifenses envolvidos com a água da paisagem do Recife, no início do século XX, ainda permaneciam bastante presentes. Além do uso das praças com água nas fontes e espelhos d’água, para passeios e encontros, era comum o uso da praia e de espaços como a famosa “casa de banhos” nos arrecifes e o restaurante “o flutuante”, uma casa noturna em forma de balsa flutuante, ligada a av. Martins de Barros por uma passarela sobre o rio Capibaribe.

O Recife atualmente, conta com mais de 500 KM de convivência direta do homem com a água. A maioria dos bairros é entremeada por rios, o Capibaribe, o Beberibe, o Tejipló e o Jordão, além de córregos e açudes como o de Apipucos e lagoas como a do Araçá. Nessa paisagem os manguezais abrangem cerca de 3,2 KM2 nos bairros do Pina, Imbiribeira, Jiquiá, Caçote e Boa Viagem (Sá Carneiro, 2000, p.13). Há também a presença de água nas praças (Foto 1.1) e parques da cidade proporcionando um relacionamento do homem com a água, melhorando a qualidade de vida nesta cidade, que tem a água como referência.



**Foto 1.1** – Espelho d’água da Praça do Hipódromo. **Fonte:** Arquivo da autora, ano 2002.

Hoje, a água ainda é referência do Recife, firmando-se na presença dos rios, do mar ou canais, que participam do tecido urbano, de uma cidade aquática. A importância dos componentes aquáticos naturais ou construídos na paisagem da cidade permeia uma série de fatores, onde a função primordial da água como elemento de amenização e embelezamento da paisagem urbana, permanece.

Foi a partir do envolvimento do homem com a água na cidade do Recife, que examinamos a história dos componentes aquáticos nas praças do Recife, pois estes elementos criam diversas possibilidades de uso. Os componentes aquáticos criam uma visão exótica ou histórica nestes logradouros do Recife, pois, além de proporcionarem o encontro, exaltação dos sentidos, reflexos e amenização climática, eles resgatam a origem do tratamento paisagístico das praças da cidade do Recife.



## 1.2 – Os componentes aquáticos nos projetos das praças

Os componentes aquáticos das praças são elementos do projeto paisagístico que geralmente constituem o ponto de atração e que mantém também uma relação com o entorno imediato da praça. A sua forma guarda relação com as formas do entorno, o que repercute no seu uso e nas práticas cotidianas. Por isso, consideramos alguns aspectos do projeto para a observação do uso dos componentes aquáticos das praças, como a morfologia do entorno da praça, o desenho da praça, a acessibilidade e a diversidade espacial.

O caráter histórico do entorno e a importância histórico-social da praça, também podem contribuir para o uso dos componentes aquáticos nas praças. Contudo, a configuração urbana do entorno, como o traçado das ruas, a forma da praça, as dimensões e o uso do solo, podem ser geradores de fluxos e movimento na praça. Para Hillier (1993), a morfologia espacial do traçado urbano também pode ser um condicionante do movimento em uma praça. Sua teoria baseada na “Space Syntax” refere-se ao relacionamento entre o *layout* espacial e o uso, que explica como o movimento e a ocupação do pedestre afeta a configuração espacial. Baseado nisto, consideramos importante observar o traçado urbano do entorno imediato das praças, para a compreensão do uso dos componentes aquáticos, onde os fluxos de pessoas e as escolhas dos caminhos adjacentes a eles, são identificados mediante o princípio de que os pedestres tendem a tomar as rotas mais acessíveis, curtas e diretas.

Desta maneira, é o projeto da praça que responde pela definição da forma, dimensão e localização do componente aquático, no qual as ações humanas possam se manifestar. O projeto é o resultado da composição de pisos, vegetação, bancos, fonte ou espelho d’água, criando uma ordem espacial e definindo ângulos de visão, perspectivas, caminhos, acessos e recantos, que proporcionam ao usuário as escolhas dos locais para desempenhar suas atividades cotidianas, segundo as qualidades como a acessibilidade e a diversidade espacial.

Em uma praça, a acessibilidade é uma das qualidades que contribui para a utilização e a permanência de pessoas nos espaços. Lynch (1985, p.138) define acessibilidade como a capacidade de alcance às pessoas, aos serviços, às atividades, à informação e aos elementos.

A acessibilidade, física ou visual, é importante para que as pessoas encontrem seus caminhos. Por exemplo, em uma praça, os caminhos e os acessos aos equipamentos, precisam estar definidos, para que os usuários possam identificá-los e não andem sobre os gramados, desconfigurando-os. A acessibilidade caracteriza a orientação, a legibilidade do espaço (Lynch, 1997, p.05) e através dela as pessoas identificam e estruturam o ambiente, e, conseqüentemente o utilizam.

Os espaços sem barreiras físicas, como os septos, as grades, as massas vegetais ou os bancos, podem tornar a utilização intensa e diversa, por pessoas de diferentes idades, tipos e condições, incluindo os deficientes físicos, mentais ou sensoriais. Portanto, a percepção de um espaço amplo e visível, torna-o acessível, pois, permite que a pessoa identifique as possibilidades de uso, que veja e seja visto. Espaços assim são mais usados do que os espaços escondidos, com acessos limitados, labirínticos e que podem sediar crimes e vandalismos.

Fisicamente, a acessibilidade em uma praça é o livre acesso. Está associada às entradas ou o alcance aos espaços e normalmente é comprometida com as necessidades de segurança e controle do lugar. Existem elementos físicos como o gradil, que foram utilizados ao longo da história dos espaços públicos para o controle da acessibilidade. O seu objetivo principal é a segurança e proteção dos espaços para melhorar a manutenção, embora muitas vezes resulte em processos de exclusão e segregação social.

Neste sentido, a acessibilidade, como o resultado das características projetuais em uma praça, relaciona-se ao movimento das ruas e das calçadas desde o entorno maior até o imediato. Entretanto, consideramos a acessibilidade apenas no entorno imediato e no projeto da praça, por tratarmos um objeto específico - o componente aquático. Deste modo, a acessibilidade pode ser investigada como uma importante solução para diminuição da degradação, do não uso e das formas de apropriação que depredam e desconfiguram os componentes aquáticos, principalmente, pela diversidade espacial proporcionada e pela relação entre este componente e os outros elementos de composição na praça.

A diversidade espacial de uma praça faz parte do projeto, quando proporciona o aumento do conjunto de atividades sociais (Serdoura et. al., 2000), ou seja, quando no projeto de uma praça, é criada uma diversidade de espaços para funcionarem simultaneamente as atividades, o objetivo é

torná-la dinâmica e viva, pois, a heterogeneidade das atividades cotidianas, realizada por um público diferenciado causa a vitalidade do espaço.

As praças com componentes aquáticos possuem essa diversidade espacial, definida pela própria variedade de espaços oferecida. Os componentes aquáticos sejam os espelhos d'água ou as fontes são envolvidos por outros elementos como, os bancos, as jardineiras, os recantos, as ilhas, as pontes e os caminhos, os quais sugerem uma gama de atividades pré-definidas no projeto. Assim, a diversidade espacial promovida pelo componente aquático gera um espaço para o desempenho das práticas cotidianas, cuja razão é a água, com dimensão contemplativa: sentar, conversar, namorar, refletir ou com a dimensão utilitária: tomar banho, lavar carros, roupas ou pescar.

A coexistência dessas dimensões de uso torna o componente aquático das praças um lugar dinâmico e vivo. A diversidade espacial do componente aquático gera uma diversidade de usos e a quantidade de pessoas usando o espaço cotidianamente pode estimular qualidades como o controle e a segurança. Para Jane Jacobs (2000, p.158), a diversidade de usos é fundamental para a vida do espaço público e para ela, a mistura de funções é uma necessidade básica nas cidades.

Contudo, a diversidade espacial, que é a oferta desses espaços físicos, não é suficiente para a definição dos usos. Tanto o local de implantação dos mobiliários em uma praça, a morfologia do entorno, as necessidades dos usuários, quanto às qualidades ambientais e históricas, podem contribuir para gerar atividades diversas, programadas ou não, na função original do projeto.

Portanto, no espaço físico de uma praça, é através do desenho do projeto, que a ordem espacial é definida e as características arquitetônicas podem condicionar o uso destes espaços. O projeto de espaços públicos urbanos, sobretudo de praças, possui uma ordem espacial, que é a disposição de elementos que conduz a um uso previamente determinado e sem esta ordem surgem os conflitos. A multiplicidade de usuários e as relações de grupos que usam e consomem os espaços da cidade, sem esta ordem espacial, é chamado de “antidisciplina” por De Certeau (2001, p.42-175), porque a experiência dos agentes sociais estimula o uso espontâneo, que é expresso através das práticas cotidianas no espaço urbano.

A partir do momento que entendemos que a cidade é um assentamento urbano e a praça está incluída neste, ao identificarmos a existência de uma ordem espacial numa praça, sem a intenção

de fazer julgamento de valor, compreendemos que há um ajuste do espaço ao tipo e a quantidade de práticas realizadas pelos desejos das pessoas. Lynch (1985, p.40) diz que os lugares usados por pessoas distintas, cujos interesses distintos, são afetados em parte por algum uso local. Entendemos que nos espaços públicos essa relação entre as atividades humanas e a forma física é ambígua e causa conflitos, pois, a relação ainda é mais complexa devido às intenções distintas entre as formas físicas e as atividades sociais, que se estabelecem ao longo do tempo.

### **1.3 – A evolução histórica dos componentes aquáticos nas praças**

A criação de espaços e de objetos é obra dos homens, portanto, são artefatos artificialmente produzidos que mantêm a intenção pré-existente que lhe deu origem (Santos, 1996, p.53). Os objetos urbanos de uma praça da Idade Média ou Renascentista, como a praça com fonte, continuam existindo em diversas cidades da Europa, embora hoje transformados os seus usos. Sua forma, mesmo que modificada pelos materiais ou tecnologias contemporâneas, carregam a história do lugar, as ações, o valor e as significações fixadas na origem desses objetos.

Na visão geográfica de Santos, vê-se como as ações do presente incidem sobre os objetos vindos do passado e a utilização passada agrega a utilização atual, modificando assim a paisagem urbana. Para Santos, um lugar possui uma idade representada pela sua realidade histórica, que se efetiva relativizando o seu uso. O que existe hoje em um lugar é o resultado de várias técnicas sobrepostas no espaço pelo tempo (Santos, 1996, p.48). Um projeto de um espaço pode ser o resultado da idéia de um grupo social, que possui técnicas sócio-culturais e que se dão em um território e estruturam a paisagem urbana ao longo do tempo.

A partir do século XV, em diversas cidades da Itália, França e Inglaterra, grandes espaços privados foram planejados e ajardinados sob as leis da geometria e perspectiva Renascentistas. Neste período o jardim foi considerado como uma parte da casa, por isso a composição estética dos jardins utilizava-se de níveis de terraços, fileiras de árvores, caixas de flores e arbustos, onde a celebração da água aparece nas cascatas, nos aquários e fontes decoradas com pássaros e esculturas mitológicas (Enge e Schroer, 1992).

A arte de transformar paisagens artificiais em paraísos privados permaneceu no século XVII. Este período foi marcado pelos *châteaux* e seus jardins Barrocos, planejados por André de Le Nôtre, na França. Ele modelava o verde e utilizava a água como elementos de atração e meio de embelezamento, através de bacias decoradas por fontes monumentais ou belas esculturas, as quais aproveitavam a água natural corrente, ou usavam o sistema de abastecimento d'água da cidade. Podemos citar o jardim romântico de Versalhes, (Foto 1.2), projetado por Le Notrê em 1662, com o traçado barroco e sistemas de eixos longitudinais, marcados por duas bacias paralelas, onde os querubins, ninfas e estátuas mitológicas decoravam as águas, que refletiam o palácio e hoje é aberto ao público (Enge e Schroer, 1992).



**Foto 1.2** –Jardins de Versalhes, França. **Fonte:** arquivo Quapá **apud** Macedo 1999.

Foi a partir do século XVIII, que muitos dos jardins privados das cidades européias foram abertos ao público e no século seguinte a criação de parques ingleses como o Regent's Park, o Hyde Park e o Saint James, proporcionaram a contemplação das águas, pois todos eles exibiam águas e lagos curvilíneos ou serpenteantes, pontes, arcos e animais, juntamente aos extensos gramados e espaços altamente elaborados com arranjos arbustivos e florais (Macedo, 1999, p.29).

As características paisagísticas européias influenciaram o paisagismo brasileiro do século XIX, no que se refere à utilização de componentes aquáticos nas praças. As praças, que se inseriram definitivamente no desenho urbano das cidades européias do século XVIII e XIX, utilizam a fonte e o chafariz e outros mobiliários urbanos - elementos móveis que mobíliam e equipam a cidade (Lamas, 1993, p.108). Nesta época, a praça torna-se também um lugar de cenário urbano e decoração, lugar de vida social e manifestação do poder, e assim, esses componentes aquáticos adquirem a intenção cultural, histórica e estética, no cotidiano das pessoas, unindo-se à intenção utilitária ou religiosa original.

Essas influências manifestaram-se no Brasil através das construções de espaços públicos, como o Passeio Público no Rio de Janeiro em 1783, que foi um local de encontro e contemplação de variadas superfícies aquáticas, espécies da flora nacional, além de obras do Mestre Valentim, como o chafariz, esculturas e pirâmides (<http://www.passeiopublico.com.br>). Foi reformado por August François Marie Glaziou (arquiteto paisagista do século XIX), em 1875, confirmando a forte influência do parque inglês no Brasil, por meio dos parques no estilo pitoresco que exploravam os lagos sinuosos e o formalismo e a simetria do jardim francês clássico, criando perspectivas de canteiros conjugados e espelhos d'água. Considera-se ainda o jardim oriental, que influenciou principalmente o jardim inglês, no qual a água é elemento de purificação, para culminar com os jardins de Burle Marx e seus exuberantes espelhos d'água (Leenhardt, 1996, p.05).

Segundo Olmsted, paisagista do Central Park em Nova York e principal porta-voz do movimento americano no final do século XIX, a implantação de espaços públicos não deve ser pontual (Bartalini, 1995, p.73). Esses devem ser integrados em um sistema acessível a todos, através de ruas, de alongamentos estreitos e informais dos próprios parques, ou, onde isto não fosse possível, por *parkways* formais. Tal concepção tem como base o ecossistema, no qual os seres vivos convivem com os diversos elementos naturais necessários a boa qualidade de vida: a vegetação, o solo, a água, o ar e o clima. Por esta razão, hoje a praça é um elemento importante na paisagem, permanecendo como um lugar de caráter ambiental dentro da paisagem da cidade, sendo também um local de atividades sociais, de lazer e de contemplação onde se reafirmam valores de igualdade e justiça social.

No Recife, a trajetória da criação dos componentes aquáticos nas praças surge a partir de vários fatores, entre eles a sua própria formação geográfica envolvida pelas águas, ou seja, banhada pelo mar, formada por ilhas, recortada por rios, lagos e lagoas, que a tornou conhecida como cidade das águas. O crescimento urbano do Recife atrelado às necessidades de higiene e saúde originou cacimbas, chafarizes e fontes, sob a influência européia, para abastecer uma população que não tinha uma boa qualidade de água no seu rio principal, o rio Capibaribe, além da tradição da construção de viveiros de peixes para a subsistência (Parahym, 1978, p.122). O uso desses componentes aquáticos ao longo da história condiciona as formas de apropriação da água nos espaços públicos e nos fornecem informações para investigar a relação homem e a paisagem das águas.

### **1.3.1 – Os chafarizes e as fontes nas praças do Recife**

A necessidade do abastecimento d'água para fins de sobrevivência e higiene e a preocupação com o embelezamento dos espaços públicos caracterizam a introdução dos componentes aquáticos na cidade do Recife. As cacimbas, componentes aquáticos utilitários, são anteriores às praças e foram implantadas nas ruas e pátios da cidade, como é o exemplo da cacimba da rua da Cruz (atual rua Bom Jesus) e a da Praça Grande (atual Praça da Independência), além das cacimbas do Ambrósio.

As “famosas cacimbas de Ambrósio Machado” estavam localizadas no lado sul da ilha do Recife, e se tornaram propriedades do Sr. Belchior Alves Camelo, antes da invasão dos flamengos em 1630 (Cavalcanti, 1977, p. 149). Como o suprimento de água potável naquela época era bastante precário, estas cacimbas foram de suma importância para os invasores holandeses construírem nesse local o belo Forte Frederico Henrique o “Forte das Cacimbas”, hoje chamado das Cinco Pontas, originado da figura arquitetônica de um pentágono e circundado por uma superfície aquática.

No período holandês, sob o comando de Maurício de Nassau, entre 1637 e 1644, vários elementos urbanos foram sendo adaptados ao sítio para as necessidades de crescimento e defesa como, as pontes, os aterros, o sistema de drenagem, os poços, as cacimbas e os fortes. Nessa época foi construído o primeiro parque da América Latina, o Parque de Friburgo contendo um jardim botânico e o Palácio de Friburgo ou Palácio das Torres. Nesse parque foram catalogadas a fauna e a flora (Dantas Silva, 1975, p. 25), além disso, foram implantados vários elementos de composição de jardim como os lagos, os viveiros para peixes e aves, que além de servirem para o sustento da população e aproveitamento das águas, funcionavam como um espaço para passeios, encontros e contemplação.

Nessa época, também havia o famoso Viveiro do Muniz, localizado nas imediações do Forte das Cinco Pontas. Esse viveiro de peixes abastecia a cidade, como era comum no Recife, sobretudo na Quaresma com Curimãs e Camurins. Ficou conhecido como Viveiro do Muniz, por ter sido uma área comprada pelo Sr. Muniz. Com o crescimento urbano essa área deu lugar a

construções, findando somente a campina chamada de “Campina do Bodê”, que no início do século XX transformou-se na Praça Sérgio Lorêto (Cavalcanti, 1977, p. 174).

Como foi mostrada, a preocupação com o tratamento paisagístico no Recife tem início com os holandeses, período em que as praças começaram precariamente a se configurar, principalmente com a vinda de homens de ciência e artistas humanistas como Pieter Post, criando planos que determinavam os pontos centrais da cidade.

No final do século XVII e início do XVIII, as condições de tratamento dos espaços públicos ainda eram precárias. A falta de um sistema de abastecimento d’água fazia com que o transporte da água proveniente das cacimbas ou das canoas vindas do rio Beberibe em Olinda, fosse realizado a céu aberto pelas ruas. As canoas atracavam nas praias fluviais dos arrecifes trazendo a água doce e potável das bicas e do rio Beberibe em Olinda, o que não podemos dizer da água salobra do Capibaribe (Parahym, 1978, p.122 e Sette, 1978, p.212).

Foi após a influência dos valores europeus, de saúde, higiene e da tecnologia, provenientes da Revolução Industrial, incorporados à cidade pelos governantes educados na Europa após 1822, que Recife foi elevado à categoria de cidade em 1823. Em seguida foi criada a Repartição de Obras Públicas de Pernambuco, realizando mudanças na infra-estrutura urbana, como a organização da Companhia Beberibe de abastecimento público d’água em 1838, que somente foi inaugurada na cidade em 1846.

Somente a partir do sistema de captação de água da Bacia do Prata, pela CIA Beberibe, é que o sistema de abastecimento d’água da população se efetivou. Nos pátios e ruas surgiram os componentes aquáticos, que conferiam a estes logradouros um uso intenso. Havia uma qualidade estética inquestionável nos projetos (Figura 1.1) e na implantação destes mobiliários urbanos.

Segundo o professor, arquiteto e historiador José Luiz Mota Menezes (entrevista, 2002), eles representavam uma associação entre o princípio estético e o utilitário, pois, quando se *“utiliza um princípio estético associado ao uso, esse princípio estético, por menor que ele seja, gera um hábito do ver, do ver melhor.*

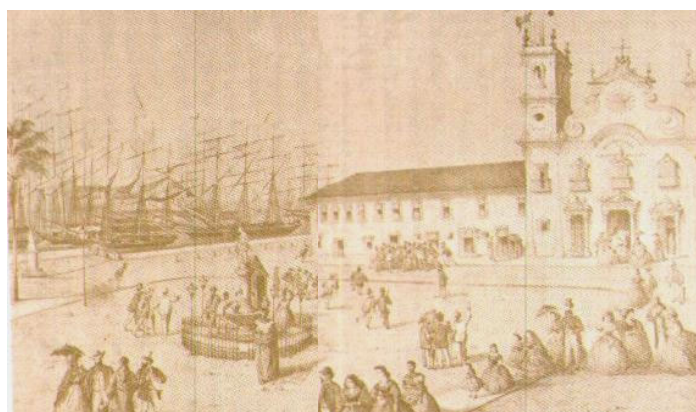




**Figura 1.1** - Desenhos das primeiras fontes e chafarizes com bicas, projeto de Conrado e Bellegard. **Fonte:** Menezes, et. al, 1991.

As fontes e chafarizes continham, além da dimensão utilitária de abastecimento da população, a função de embelezamento dos espaços públicos e estímulo a vida social, aos encontros, pois eram ricamente confeccionados, sendo alguns importados da Europa e até hoje representam elementos monumentais em praças desta cidade.

Os chafarizes, primordialmente utilizados para o abastecimento d'água, logo se tornaram pontos de encontro dos negros aguadeiros, que transportavam baldes d'água pelas ruas, para os moradores das casas e sobrados (Sette, 1978, p.217). Simultaneamente, o seu entorno imediato era ponto de encontro social, sobretudo quando chegavam navios da Europa (Figura 1.2), como podemos ver no desenho do dia da chegada do vapor da Europa, na Praça Dom Pedro II, atual Praça Dezessete.



**Figura 1.2** - Praça Dom Pedro II – o chafariz de mármore da CIA do Beberibe. **Fonte:** desenho de Luiz Schalappriz, litografia de Frederick Hagedorn Carls, 1863-68, Recife, 207 x 296 mm **apud** Menezes et. al, 1991.

O trecho a seguir, também descreve a presença dos componentes aquáticos nos espaços livres, que funcionavam como elemento de socialização, onde havia um relacionamento entre os usos com dimensões utilitárias associadas às contemplativas.

*“Como o abastecimento d’água era uma função coletiva, chafarizes e bicas estavam nas praças e nas ruas e deles a água era levada para a casa em baldes... tais equipamentos exerciam também a função de sociabilidade: as pessoas encontravam-se em torno deles e colocavam os assuntos em dia”* ( Mello, 1991, p. 60 ).

No período de ação da CIA Beberibe foram instalados um grande número de fontes e chafarizes nos bairros da Boa Vista, Santo Antônio e Recife. Segundo Menezes et al (1991), quatro deles foram instalados na Boa Vista, onde o primeiro foi um pequeno chafariz (Figura 1.3) comprado em Gênova e instalado no Largo da Boa Vista (a atual Praça Maciel Pinheiro), que foi trasladado para o cais do colégio (atual Praça Dezessete). Em seu lugar foi construída uma fonte-chafariz considerada artística, inaugurada em 1876, com leões, ninfas e índia de pedra colorida, do tipo escaiola, construída pelo pedreiro, mestre André Wilmer (Franca, 1977 e Sette, 1978, p.215). Segundo o historiador José Luiz Mota Menezes (entrevista, 2002), neste momento havia a intenção de criar uma obra de arte, tanto que no pé deste chafariz, havia uma poesia sobre as água do manancial do Prata. Esta é uma fonte-chafariz de coluna associado a elementos como gárgulas de pedra que jorram água sobre uma bacia circular na base, em que havia um reflexo.



**Figura 1.3** - Largo da Matriz da Boa Vista, com o chafariz e fonte. **Fonte:** Desenho de Luis Schalappriz, litografia de Emil Bauch. c. 1863/68, Recife 202 x 285 mm. **Apud:** Menezes et.al, 1991.

Foram instalados dois outros chafarizes do bairro da Boa Vista, na cabeceira da ponte da Boa Vista, no início do Cais José Mariano e o último na rua dos Pires. No bairro de Santo Antônio foram instalados mais seis chafarizes, o do Viveiro do Muniz (rua Imperial), o da rua do Sol, no outro lado da ponte da Boa Vista, o do Pátio do Carmo (Figura 1.4), o da Ribeira, hoje Mercado São José, o do Largo do Forte do Mattos e o do Pátio do Colégio. Este último, um chafariz de coluna com bicas e torneiras, com uma estátua de índia no topo, foi adquirido em Gênova na Polaca Liguria (Itália). Foi proveniente da Praça Boa Vista, mas por este ser modesto instalou-se no cais deste colégio, que foi o primeiro passeio público. Esse chafariz foi destruído e o atual é proveniente da Colônia Portuguesa. No bairro do Recife, foram instalados três chafarizes, um na rua do Brum, outro na rua da Cruz, atual Bom Jesus (Figura 1.5) e o do Largo do Hospital do Paraíso (Menezes et al, 1991).



**Figura 1.4** - Pátio do Carmo. **Fonte:** cromolitografia L. Krauss – Carls /1885 **apud** Menezes, 1988.



**Figura 1.5**– Rua da Cruz, chafariz da água de encanção solenemente inaugurado em 1846. **Fonte:** cromolitografia de L. Kraus – Carls 1878-85 **apud** Menezes, 1988.

Alguns hábitos europeus de higiene e saúde foram incorporados à cultura recifense, a partir da CIA Beberibe, como verificamos no Pátio do Carmo (bairro de Sto. Antônio), que além do chafariz de ferro, teve em funcionamento, ao lado da igreja Nossa Sra do Carmo, uma Casa de Banhos, que continha quartos e chuveiros, segundo Menezes et. al. (1991), para as atividades de hidroterapia. A influência européia da França, Inglaterra, Itália e Espanha introduziu também o tratamento de jardins no final do século XIX, com o efeito de cenarização, tendo os componentes aquáticos, uma intenção projetual de embelezamento do espaço livre público, além da função utilitária, em cidades do Brasil, como Recife, Salvador e Belém (Macedo, 1999). Com o tempo, os hábitos de uso do espaço público para passeios e contemplação passaram a ser cada vez mais intensos, facilitados também pela melhoria da iluminação pública em 1859, que incentivou o hábito do passeio noturno. A função estética dos componentes aquáticos que embelezavam estes logradouros era ressaltada por escritores, como verificamos os adjetivos “chafarizes cristalinos e cascatas deliciosas” referidos aos componentes aquáticos no trecho abaixo.

*“Seja assim o Passeio Público do Recife, como nas principais cidades do mundo civilizado, o lugar de reunião dos nossos elegantes: estabeleçam-se ahi cafés e gabinetes de leitura, que nos entretenham e nos exaltem o espírito; goze-se ahi do fresco voluptuosos de que tanto carecemos; e varie-se a atmospherá pela arte, como nos soberbos jardins do oriente. Regado de dia com profusão e sumptuosamente iluminado a gaz à noite; seja o Passeio Público do Recife um pequeno Elysêo, cheio de ruas magníficas, de tableiros floridos, d’árvores copadas, de chafarizes cristalinos, de cascatas deliciosas, de estátuas admiráveis, em que o gosto e o bello dêem as mãos de contentes, em que o rei da criação chamado homem dilate por ahi o espírito absorto, e se compenetre orgulhoso da dignidade de sua condição. Quanto se não tomariam melhores e mais humanos os hábitos de nosso povo, se lhe tivessem despertado pela arte os excellentes instinctos que elle a cada momento revela !”* (Parahym, 1978, p. 87).

A implantação de componentes aquáticos com caráter contemplativo aumentou no final do século XIX, sobretudo nas praças do centro da cidade, bairro do Recife, Santo Antônio e São José. Em 1876 existiam 26 chafarizes nos espaços públicos. Uma década depois já existiam 1153 ligações prediais, para aproximadamente 10.000 casas e esse grande aumento de penas d’água fez com que a pressão dos chafarizes diminuísse, tornando o serviço dos chafarizes precário, surgindo a necessidade de um novo manancial de captação d’água, além do Prata. Este problema fora solucionado com o aproveitamento, depois de muitos estudos, do manancial do rio Paratibe.

Em 1883, os chafarizes voltaram a funcionar com eficiência, depois de controlar as pressões, através de hidrômetros nas casas e aparelhos que regulavam a água nos chafarizes. Alguns chafarizes tiveram que ser gradeados, rebaixados, implantados em áreas mais baixas ou reformados, pois a depredação era constante.

No início do século XX, os componentes aquáticos das praças não estavam mais relacionados ao abastecimento público d'água, pois este serviço se tornou privado, aumentando assim o caráter contemplativo desses componentes. A depredação dos chafarizes, os novos hábitos e o anúncio de padrões estéticos e higiênicos da modernidade fizeram extinguir a CIA Beberibe em 1922 (Menezes et. al., 1991 e Mello, 1991). Nesse período houve transformação dos espaços públicos na cidade, considerando novas funções sociais dos espaços públicos, a introdução de arborização e de melhorias urbanas, onde as fontes-chafariz passaram a serem utilizadas apenas como elementos decorativos nos projetos paisagísticos.

Esse princípio da estética dos jardins é sentido no governo de Sérgio Lorêto (1922-1926), com a urbanização de praças e parques. Uma dessas praças, a atual Praça com o nome do governador, surgiu da remodelação da antiga “Campina do Bodê” no ano de 1924, aparecendo como uma bela composição de jardim, onde outrora se fez o viveiro e um chafariz (Revista de Pernambuco, out. 1924 e Cavalcanti, 1977). Reunia na sua área, o grupo escolar Sérgio Lorêto e um belo jardim com espelho d'água de linhas sinuosas como uma réplica da natureza, variadas árvores e palmeiras, inspirado em modelos inglês e bancos em Art Nouveau (Mesquita, 1998, p. 39).

Foi um projeto marcante para a cidade do Recife, o qual os reflexos na água, os ângulos de visão e os locais de permanência criavam um cenário encantador para a sociedade da época, que desfrutava da praça para passeios, festas e comícios. A partir destas reformas, é que se fez consolidar o tratamento das praças do Recife e valorização da vida social nos espaços públicos, sobretudo após o ano de 1934, quando o paisagista Roberto Burle Marx foi contratado pela Diretoria de Parques e Jardins da Secretaria de Obras Públicas do Estado, projetando e reformando praças, como a Praça de Casa Forte e a do Praça do Derby.

### **1.3.2 – Burle Marx e os componentes aquáticos**

Foi após a chegada de Burle Marx no Recife, que as superfícies aquáticas nas praças tiveram uma nova concepção projetual, com o aproveitamento da flora, fauna e as águas. Ele utilizou inicialmente a forma geométrica em seus projetos de pisos e lagos artificiais e posteriormente em um segundo momento na cidade, fez uso de formas orgânicas em seus lagos e no traçado, fato que continuou também nos projetos das praças das décadas de 1970 e 1980, onde os lagos artificiais e fontes monumentais tinham a função de embelezamento, associados à função de amenização climática nas áreas urbanas e suburbanas.

Para compreender a atuação de Roberto Burle Marx no paisagismo de Recife, é importante ressaltar que, ele nasceu em São Paulo no ano de 1909, e em uma de suas viagens à Alemanha em 1928, como pintor, reconheceu a diversidade da flora brasileira, cultivada em estufas do jardim botânico de Berlim-Dahlem e logo se apaixonou, passando a incorporar as plantas tropicais em suas pinturas (Leenhardt, 1996, p. 09). A ligação entre a pintura e o paisagismo, que ele fez, é demonstrada pela não existência estética entre objeto-pintura e objeto-paisagem construída. Na pintura a superfície era a tela, no paisagismo a topografia do jardim era a sua superfície de composição.

Burle Marx participa da onda Modernista, pintando o realismo voltado para a cidade, até que responde ao apelo de arquitetos e urbanistas, defendendo um campo de arte, através de composições com a natureza morta e organização de espaços – os esboços de jardins. Em suas obras procura apropriar-se do passado para construir um jardim tipicamente brasileiro, tendo como preocupação o controle técnico e o usuário, bem própria do trabalho artístico tal como ele concebia na época, que permanecerá a marca de toda uma obra e de uma vida (Leenhardt, 1996, p.12).

Na primeira fase em Recife, ele utilizou superfícies aquáticas nos projetos e nas reformas das praças e dos jardins públicos: na Praça de Casa Forte (1934), na Praça do Derby (1934), na Praça do Entroncamento (1936), no Jardim do Campo das princesas (1936). Na sua segunda fase: na Praça Ministro Salgado Filho (1957) (Mesquita, 1998 e Sá Carneiro e Mesquita, 2000). Além dos

diversos jardins de residências e instituições nessa cidade, que proporcionavam o lazer contemplativo e o embelezamento, através da associação da água à flora local.

Burle Marx teve o início de seu trabalho no projeto da Praça de Casa Forte no ano de 1934 (Foto 1.3), com a utilização de grandes bacias geométricas. A Praça é conhecida pela predominância das superfícies aquáticas e espécies vegetais. Formada por três jardins com lagos em seu interior, dois de formas retangulares e um circular no centro (Figura 1.6), exibe em cada um deles uma espécie vegetal (Mesquita, 1998). O primeiro lago no lado sul da praça Forte expõe plantas americanas, o segundo espécies amazônicas e o terceiro plantas exóticas, além de bancos e passeios de terra batida, os gramados e as árvores nativas de sombra. Preocupa-se também com a acessibilidade e a contemplação, pois utiliza caminhos e escadarias que adentram até a água.



**Foto 1.3** – Praça de Casa Forte **Fonte:** Macedo, 1999.



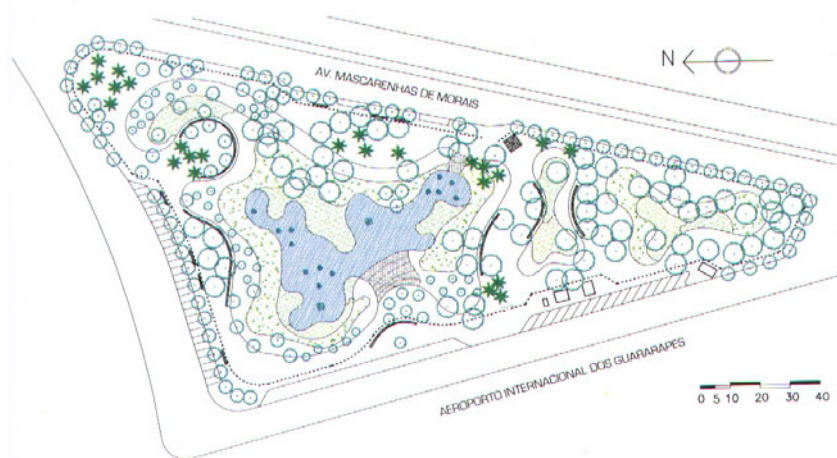
**Figura 1.6** – Projeto da Praça de Casa forte. **Fonte:** arquivo Quapá **apud** Macedo, 1999.

Assim, podemos notar que, Burle Marx anunciou na cidade do Recife uma nova concepção de projeto de praças e jardins, reutilizando ou criando, sempre que possível, as superfícies aquáticas e fontes, valorizando o uso para o lazer contemplativo. Ele criou o lar botânico para plantas aquáticas e subaquáticas, espaços encantadores, jogos de água, em movimento nas fontes ou parada, onde as imagens refletidas de imensa beleza nos encantam e valorizam a paisagem urbana até os dias de hoje.

*“O domínio das superfícies aquáticas, é sem dúvida, um dos segredos de Burle Marx. Não é preciso lembrar a importância que elas tiveram na concepção e no tratamento dos jardins. Da Antiguidade à Vila d’Este, a Versalhes e até nossos dias, bacias, charcos, espelhos d’água, repuxos e fontes, estiveram carregados não só de símbolos mas também de funções. A água é vida, mas é também o ruído de seu jorrar, a luz do céu que ela capta e devolve sob as copas, espelho da natureza cuja imagem recebemos invertida”* (Leenhardt, 1996, p.28).

Percebemos que no período de Burle Marx, os tipos de reformas dos espaços livres públicos, em resposta a uma tendência social, abre um caminho em direção à conservação de elementos construídos nas praças, embora às vezes alterando-lhes a função ou renovando-os através de novas tecnologias. Na Praça do Derby, no ano de 1934, Burle Marx manteve os componentes aquáticos existentes no projeto realizado no governo de Sérgio Lorêto em 1924 (que será apresentado no capítulo 4), mantendo o lago com a ilha, a fonte do orquidário (pérgula) e o espelho d’água circular. Traçou passeios de terra batida, conservou os elementos neoclássicos como as colunas dóricas, taças e esculturas, utilizou grandes palmeiras e maciços vegetais, que possibilitavam a contemplação na praça.

Na sua segunda fase no Recife, na década de 50, o formalismo ainda era forte em seus projetos, contudo, no projeto da Praça Salgado Filho (figura 1.7), em frente ao Aeroporto dos Guararapes, a imponência das espécies vegetais, caminhos sinuosos, bancos e canteiros, como elementos compositivos, eram multiplicados pelos reflexos do espelho d’água. Este projeto destacou-se pelas formas orgânicas, sinuosas, anunciando um novo padrão estético na concepção de jardins.



**Figura 1.7** – Praça Salgado Filho. **Fonte:** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.



Após o período burle Marxiano, os projetos de praças com componentes aquáticos no Recife, realizados pela equipe de técnicos da Empresa de Urbanização do Recife - URB e a Prefeitura da Cidade do Recife – PCR, tiveram o seu apogeu na década de 1970 e 1980. Foram reformadas várias praças, como a Praça da Independência (ou Praça do Diário - 1974), a Praça da Saudade (ou Praça do Campo Santo-1978), a Praça Tiradentes (1975), a Praça Tertuliano Feitosa (ou Praça do Hipódromo - 1976), a Praça Phaelante Câmara (ou Praça do Rosarinho - 1979) e outras, que incorporam elementos de jardim voltados para o lazer contemplativo, com a predominância dos espelhos d'água com formas curvas e orgânicas, em composição com maciços vegetais, fontes, bancos, pisos e brinquedos, seguindo a linguagem projetual de Burle Marx. Segundo as arquitetas responsáveis por alguns dos projetos das praças acima citadas, Brena Remígio, M<sup>a</sup> Inês Oliveira e M<sup>a</sup> do Socorro Mussalém (entrevista, 2001), a conservação de fontes ornamentais da época da CIA Beberibe, bem como a construção de espelhos d'água com formas orgânicas e fontes modernas, amenizavam o calor e embelezavam as praças em diversos bairros da cidade.

A partir da década de 1980 e 1990 os componentes aquáticos aparecem restritamente nos projetos de reformas, ora conservados ou incrementados com novos equipamentos d'água e luz, ora aterrados ou transformados em jardineiras. Na Praça da República (1999) implantou-se uma fonte, com luzes e jatos d'água voltados para o centro da bacia circular; na Praça Maciel Pinheiro (Foto 1.4) a fonte-chafariz original da CIA Beberibe do século XIX foi iluminada e reformada; na Praça da Independência (Foto 1.5), a fonte projetada em 1974, permanece sobre um lago artificial com formas orgânicas, apesar de estar desligada pelo racionamento de água e de energia.



**Foto 1.4-** Praça Maciel Pinheiro. **Fonte:** Arquivo da autora, 2000.



**Foto 1.5-** Praça do Diário. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

As fontes acima mostradas, dentre outras, quando estavam em funcionamento antes do racionamento, eram verdadeiras cascatas de águas, que embelezavam o lugar, amenizavam o micro-clima e reuniam pessoas e mostravam imponência e referência histórica no Recife.

Segundo a leitura mais recente do Recife, através da Pesquisa dos Espaços Livres (Sá Carneiro e Mesquita, 2000), são 219 praças distribuídas nas Regiões Político Administrativas – RPA - da cidade do Recife, onde 26 delas possuem componentes aquáticos: contendo 10 fontes e 16 espelhos d'água. Pudemos observar nesta pesquisa que existe a concentração de 50% deles nos bairros de centro, na RPA 1- Bairro da Boa Vista, Ilha do Leite, Recife, Santo Amaro, Sto Antônio, São José e 34,6% na RPA 3 - Bairro dos Aflitos, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Graças, Jaqueira e Parnamirim (Sá Carneiro e Mesquita, 2000, p.51).

Compreendemos que o número de componentes aquáticos hoje existente no Recife é pequeno, considerando a sua pequena proporção e a concentração em bairros de centro, onde houve a primeira área de ocupação e implantação das fontes e chafarizes. Os dois únicos projetos de reforma, registrados no final do ano 2000, que requalificaram os espelhos d'água foram: o projeto da Praça do Hipódromo (Foto 1.6) e a o projeto da Praça Sérgio Lorêto (Foto 1.7).



**Foto 1.6** – Praça do Hipódromo. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.



**Foto 1.7** – Praça Sérgio Loreto. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

---

## O USO DAS PRAÇAS COM COMPONENTES AQUÁTICOS

Neste capítulo, abordamos conceitos que envolvem o uso dos espaços livres públicos, relacionando-os às formas de apropriação, assim como, as práticas do cotidiano que efetivam esse uso, para compreendermos os fenômenos relacionados às materializações dos usos dos componentes aquáticos nas praças do Recife. As práticas do cotidiano foram tratadas de forma específica, para que pudéssemos ter uma compreensão dos grupos sociais que usam esses objetos, de acordo com as atividades por eles desenvolvidas. Essa compreensão nos possibilitou identificá-las e classificá-las em duas dimensões - contemplativa e utilitária - segundo a temporalidade e o tipo da prática.

Os usos foram observados segundo a dinamicidade e a transformação dos espaços segundo as práticas do cotidiano, que alteram a disciplina criada pelo projeto, ao mesmo tempo em que as formas de ocupação demarcam o território, estabelecendo formas de controle. Fundamentamos a investigação do uso dos componentes aquáticos nas praças do Recife, a partir das definições de autores como De Certeau (2001), que trata os “modos de usar” como uma realidade democrática social existente nos espaços e Bourdieu (1996), que define um princípio gerador e unificador, o qual reúne as escolhas de pessoas, de bens e práticas, o “habitus”.

### 2.1 – Os usos dos componentes aquáticos

A perda de conteúdos estéticos, formais e sociais da cidade (Lamas, 1993), reflete nos diversos modos de apropriação dos espaços públicos. Os modos atuais de uso dos componentes aquáticos nas praças das metrópoles encontram-se em um momento de reflexão, pois resultam das diversas formas de apropriação resultantes das necessidades sociais do cotidiano.

O significado etimológico da palavra uso designa o ato ou o efeito de usar, o emprego freqüente, o serviço, a prática, o hábito e a moda (Dicionário Globo de Multimídia, 1997). Assim, o ato de usar um componente aquático inserido em um espaço físico, supõe a apropriação que implica em delimitações físico-territoriais, decorrentes das práticas cotidianas.

Para De Certeau (2001, pp.93-104), “usos designa geralmente procedimentos estereotipados recebidos e reproduzidos por um grupo”. O uso de um espaço público ocorre pelo seu consumo, que diferentemente do consumo de outros bens, o usuário tem a possibilidade de fabricar alterações espaciais através dos “modos de usar”. No seu livro “A Invenção do Cotidiano”, este autor focaliza os modos de proceder e as formas criativas, com que os consumidores dos espaços subvertem as disciplinas impostas pelas técnicas de produção sócio-cultural, através das práticas do cotidiano, que ele chamou de “astúcias”.

Para Santos (1996, pp.59-60) a criação e o uso dos objetos surgem a partir das funções resultantes das necessidades dos homens. O componente aquático da praça é considerado um objeto, que se correlaciona com outros na paisagem, portanto, a sua utilidade atual, passada ou futura, vem exatamente do seu uso, que é combinado pelas ações dos grupos humanos que o criaram, ou que herdaram das gerações anteriores.

O uso desse objeto projetado nas praças é efetivado pelas práticas desempenhadas pelas pessoas, que geram a sua apropriação. A apropriação é a qualidade proveniente do ato ou do efeito de tornar próprio, conveniente, apossar-se (Dicionário Globo de multimídia, 1997). Campos (1998) define a apropriação, como a propriedade de um espaço público aberto, por parte dos usuários. Harvey (1993, p. 202) trata as práticas espaciais, estendendo esta definição, considerando que “a apropriação do espaço examina a maneira pela qual o espaço é ocupado por objetos (casas, fábricas, ruas, etc), atividades (usos da terra), indivíduos, classes ou grupos sociais. A apropriação sistematizada e institucionalizada pode envolver a produção de formas de territorialidade, determinadas de solidariedade social”.

Diante disso, o uso do componente aquático parte da produção original do projeto da praça. Esse uso é normalmente proposto pela função estabelecida no próprio objeto, onde as formas de apropriação podem reproduzir o projeto que lhe deu origem. A apropriação, qualidade proveniente da propriedade do lugar, efetiva as necessidades dos usuários, ajustando os objetos e os espaços ao exercício das práticas do cotidiano. Assim, a apropriação de um componente aquático nas praças, manifesta-se de formas diferentes de acordo com os diversos tipos e propósitos dos usuários. Podemos considerar ainda, que as formas de apropriação definem as características de utilização, que são os diversos tipos de usos responsáveis pelo próprio funcionamento do espaço, seja o uso previsto pelo projeto ou não.

A análise do uso dos componentes aquáticos nessa pesquisa baseou-se nos estudos de Kohlsdorf (1996, p.26-27) sobre a apreensão do espaço urbano, para melhor compreender a relação entre o uso, o projeto e a história dos respectivos lugares, através das práticas cotidianas que foram identificadas em duas dimensões - a contemplativa e a utilitária. A definição dessas dimensões foi complementada com a noção de espaço social (Bourdieu, 1996) e das práticas cotidianas (De Certeau, 2001), para podermos compreender a ação dos grupos sociais no espaço e aquilo que eles produzem, não os motivos que os fazem produzir. Embora reconhecemos a importância da observação das práticas cotidianas ausentes nos componentes aquáticos, isto é, o não uso, a pesquisa preocupou-se com o uso efetivado pelas práticas presentes.

A dimensão contemplativa trata de identificar as práticas cotidianas, que são geradas a partir do uso, nas quais as expectativas dos usuários em relação ao “espaço aquático” relacionam-se ao bem-estar emocional e que são normalmente previstas no projeto como: o lazer contemplativo, o descanso, as leituras, o namoro ou a reflexão. Nesse caso, os usuários apropriam-se do objeto e o seu espaço envolvente, sem transformar o espaço projetado, criando a territorialidade e confirmando a ordem espacial.

A dimensão utilitária trata de identificar as diversas práticas cotidianas provenientes do uso doméstico e prático do espaço, em que a água do componente é apropriada pelos usuários em seus cotidianos, diante das expectativas de consumo, produção ou distribuição, tais como: lavar carro, abastecimento d'água, pescar ou tomar banhos de lazer ou de higiene. Nesta dimensão, os usuários têm a capacidade de transformar o espaço projetado, segundo a apropriação do componente, da água e do seu espaço envolvente, fabricando novas formas de usar o objeto. Seja adequando o piso de acesso, as calçadas, o gramado, os bancos e as pontes, isto é, transformando a natureza original do projeto. Essas atividades que não se encontram na função original do projeto, tendem a criar demarcações territoriais, formar limites e controlar os acessos.

## **2.2 – As práticas cotidianas nas praças**

As práticas cotidianas são as diversas ações realizadas conforme o tempo, a moda, a necessidade ou a cultura de cada sociedade e são registradas nos espaços físicos compondo uma realidade, historicamente situada e datada. Criadas a partir do espaço social, no qual as pessoas se unem por

objetivos comuns (Bourdieu, 1996, p. 51), elas possuem uma lógica que representa o mundo social, apresentando-se de maneiras diversas, muitas vezes opostas. A sistematização das práticas cotidianas permite que investiguemos os modos diversificados de sua materialização nos componentes aquáticos das praças, em que pesem a temporalidade, o tipo e o modo, tal como a materialização territorial que se estrutura nas praças.

A temporalidade das práticas, segundo Moraes (1995) é a intensidade ou frequência; as constantes são as ações contínuas realizadas durante todos os dias da semana; as periódicas são as que se repetem em intervalos regulares e as ritmadas são as práticas sem regularidade. O tipo é a classificação dessas práticas pela natureza das ações, como lavar, passear, olhar, tomar banho ou pescar. A materialização territorial é o registro da prática no espaço físico, resultante da temporalidade e do tipo da prática, seja ela individual ou coletiva. O modo como essa materialização territorial se estrutura no espaço, pode criar forças subjetivas ou concretas, pelas quais proporcionam o controle, a inibição ou a atração de pessoas.

Bourdieu (1996, p.21), diz que há condições objetivas que produzem as práticas no espaço. Para ele há um vínculo mediador entre o objetivo do usuário e a prática, que é o “habitus - um princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição, em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas”. O “habitus”, de certa maneira, pode ser uma forma de classificação de gostos e de hábitos que as pessoas criam em seus cotidianos através das experiências, as quais se refere ao sistema social formado por estruturas cognitivas, estilos e motivações das próprias pessoas usuárias. Com esta definição, o interesse desse autor é examinar o modo de produção das práticas e a nossa intenção nesta pesquisa é observar aquilo que elas produzem no componente aquático das praças, para explicar o uso do ponto de vista do físico, histórico e social.

Santos (1996, p.88) diz que as ações ou práticas cotidianas são geradas a partir das necessidades sociais sobre o espaço. Neste sentido, cada grupo social pode ter percepções, avaliações e expectativas diferentes dos espaços. Por exemplo, as crianças preferem espaços para lazer, os adolescentes para encontros, namoros, atividades ou busca de identidade, enquanto os adultos preferem relaxar, meditar, ler etc. Esta preferência também pode variar de acordo com a classe social ou cultura, onde as intenções de uso são distintas perante as necessidades e expectativas do lugar (Basso, 2001).

Os espaços públicos podem conter formas de usos diversas. Dentro de uma mesma sociedade, diferentes espaços têm respostas diversas em termos de uso e são transformados de acordo com valores públicos ou privados, existentes nesta sociedade. (De Certeau, 2001). O usuário dos espaços públicos da cidade - praças, ruas, parques - buscam uma identidade coletiva ou individual, uma segurança no mundo efêmero. Nesses espaços, nos quais tem livre acesso, eles têm a possibilidade de alterar a ordem espacial.

*“Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades e proibições, o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais”*  
(De Certeau, 2001, p.177).

A partir da citação de De Certeau, podemos compreender o que acontece com os usuários de um componente aquático, considerando o modo como esses objetos são usados, diferentemente do projeto, em que os usuários encontram seus melhores ângulos de visão ou os caminhos, os tipos e os locais para desenvolver suas práticas cotidianas.

Bentley et. Al (1985) chama as mudanças dos elementos do projeto de versatilidade. Versatilidade é uma qualidade ambiental e uma forma de ajuste dos espaços. Compreendemos que nos espaços livres públicos, é o grau no qual as pessoas podem usar um dado lugar para diferentes propósitos. Os ambientes que oferecem uma diversidade de atividades possuem esta qualidade, pois, permitem variados usuários e práticas, tornando-os mais dinâmicos.

Os modos como essas práticas cotidianas estruturam-se na praça, decorrem da utilização e, conseqüentemente podem implicar na manutenção, na degradação, na segurança ou na aparência do lugar, podendo causar limites e domínios de território. Para Santos (1985, p.68) um contexto social qualquer exige, para o êxito da “cena” ou da “peça”, a habilidade de estar no lugar certo, na hora certa, de modo certo. Assim, as práticas utilitárias com fins de serviço passam a ser vistas como impróprias, porque, ao mesmo tempo, que se estabelecem fisicamente nestes lugares, criam uma demarcação territorial.

O território refere-se a objetos, a lugares ou às áreas geográficas que podem ser controlados por um indivíduo ou um grupo, em bases permanentes ou temporárias. A partir da demarcação e o controle do território, também se regulam as regras de funcionamento social, promovendo a segurança, a identidade, o status, a estabilidade social, o sentimento de pertencimento e o sentido de lugar (Basso, 2001, p.28). Território para Santos (1996, p.207) é um conjunto de normas e regras constituídas em um momento histórico, através dos atores e ações. Os territórios em um praça podem ser demarcados ou personalizados, pois, são definidos por aqueles que se sentem responsáveis por ele.

A territorialidade nas praças é uma condição que funciona como um dos princípios fundamentais de controle do espaço público através do uso. A diversidade de atividades segundo Jacobs (2000, p.30), que se desenvolvem no espaço urbano, gera um certo número de pessoas que se autocontrolam e asseguram-se. A própria utilização do espaço explica a atração das pessoas para ele. Além do modo com que as pessoas o usam, a quantidade e a intensidade de uso atraem outras para os espaços. Hillier (1993) aborda que quanto maior a presença das pessoas, maior a vigilância natural do espaço não privado.

*“o trabalho simbólico de constituição ou consagração necessário para criar um grupo unido, tem tanto mais oportunidades de ser bem-sucedido quanto mais os agentes sociais sobre os quais ele se exerce estejam inclinados”* (Bourdieu, 1996, p.51)

Enfim, a citação de Bourdieu, mostra que a territorialidade é uma condição de domínio do lugar e de poder, que não é o econômico, mas é o poder de apropriação do espaço por um grupo específico, unido pela qualidade educacional, pelos objetivos e a proximidade no espaço social.

Diante dos conceitos que envolvem o uso dos componentes aquáticos, consideramos as práticas cotidianas na análise do uso desses objetos, pois elas são as responsáveis pela sua dinâmica. Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa, mostrada a seguir, parte das dimensões contemplativa e utilitária que efetivam o uso desses componentes nas praças estudadas, relacionando os efeitos dos “modos de usar”, do “habitus”, da materialização territorial das práticas cotidianas no projeto da praça com componente aquático ao longo do tempo.



---

## METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a compreensão do uso dos componentes aquáticos, adotou-se o método da análise descritiva das práticas cotidianas segundo as dimensões contemplativa e utilitária, considerando os aspectos do projeto e histórico das praças com componentes aquáticos no Recife.

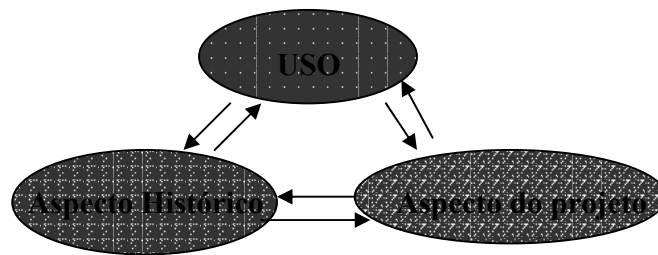
### 3.1 – Método de trabalho

Diante da necessidade de se conhecer os fenômenos de uso dos componentes aquáticos das praças atuais, onde as práticas cotidianas efetivam esse uso, através das dimensões contemplativa e utilitária, partimos da referência histórica da paisagem urbana, dos projetos e dos usos de tais componentes nos espaços livres públicos da cidade do Recife ao longo do tempo.

Dessa forma, foi escolhido o método analítico-descritivo abordando os aspectos; do projeto e o histórico, separados apenas para efeito metodológico. Porém, analisados simultaneamente através dos procedimentos aplicados: a revisão da literatura e a iconografia, as entrevistas, o mapeamento das práticas cotidianas e a observação participante.

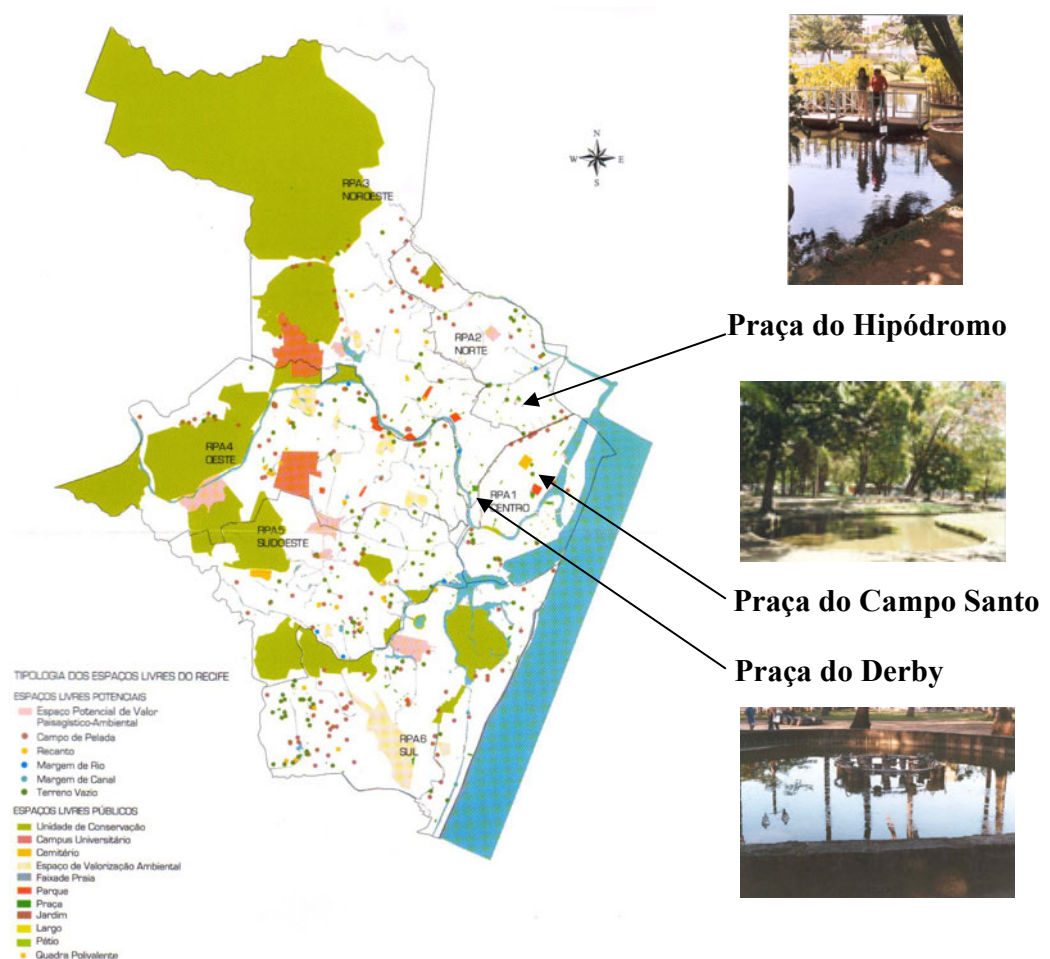
O estudo do projeto identificou os aspectos arquitetônicos e urbanísticos relativos ao projeto paisagístico da praça e a configuração do entorno imediato, que se relacionem às práticas cotidianas dos componentes aquáticos nas praças. Estas últimas foram observadas a partir da diversidade espacial e a acessibilidade, que podem condicionar o uso do componente aquático e resultar na territorialidade. O estudo histórico buscou a compreensão dos fenômenos de uso, através da descrição das dimensões contemplativa e utilitária nos espaços públicos ao longo do tempo. Consiste em investigar os acontecimentos e os processos sociais e projetuais do passado, para verificar sua influência no uso da praça na sociedade de hoje.

Portanto, o esquema abaixo (Figura 3.1) representa os aspectos considerados nessa pesquisa, que relacionados entre si, definem o método de análise dos usos dos componentes aquáticos nas praças do Recife.



**Figura 3.1-** Esquema dos aspectos metodológicos

Para analisar o uso dos componentes aquáticos nas praças do Recife foram selecionadas três praças para o estudo de casos (Figura 3.2): a Praça do Derby, a Praça do Hipódromo (ou Praça Tertuliano Feitosa) e a Praça do Campo Santo (ou Praça da Saudade).



**Figura 3.2** – Localização do estudo de casos no mapa georreferenciado dos espaços livres do Recife.

**Fonte:** Base Cartográfica Geoprocessamento – DIRCON/SEPLAN/PCR **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

As praças do estudo de casos foram escolhidas segundo alguns critérios como; a localização, a importância histórica e a paisagística, a conservação do projeto e a heterogeneidade de usos. Assim, elas foram consideradas exemplos representativos das 26 praças do Recife que possuem os componentes aquáticos.

A Praça do Derby tem uma importância histórica e paisagística, porque se localiza numa área de aterro, onde funcionou o antigo Prado do Derby (1888). A sua localização entre diversos bairros da cidade tornou-a uma praça de conexão entre linhas de ônibus, táxis, sendo hoje considerada uma praça de trânsito. Foi configurada como praça no ano de 1924, no governo de Sérgio Lorêto e reformada por Burle Marx em 1935, com o aproveitamento dos componentes aquáticos, como a fonte do orquidário (pérgula), o lago artificial com ilha-dos-amores, além de diversas espécies vegetais, um lago para plantas aquáticas, e outro que abrigou o peixe-boi. Esta praça foi um lugar usado, inicialmente, por pessoas moradoras de residências do entorno, e mais tarde, por pessoas de toda a cidade, que a desfrutavam para o lazer, os passeios, os namoros e a contemplação.

A Praça do Hipódromo ou Praça Tertuliano Feitosa, como é sua oficial denominação, foi construída numa área aterrada, onde funcionou o prado do Hipódromo, na qual havia corridas de cavalo, que deu nome a Praça e ao bairro. Sua configuração fez parte de um projeto de habitação modelo - a vila do Hipódromo, construída entre a década de 1937 e 1944 – destacou-se pela sua área e vegetação abundante. No final de 2000, essa praça foi reformada e foram acrescentados novos equipamentos de lazer, a grade, a vegetação, os pisos e os bancos, onde foram recuperados, o lago, com formas orgânicas, a ilha e a ponte. Hoje esse lago é bastante usado pelos estudantes e pela população moradora do entorno, que é predominantemente residencial.

A Praça do Campo Santo, conhecida oficialmente como Praça da Saudade, está localizada em frente ao Cemitério de Santo Amaro, no bairro desse mesmo nome. A praça surgiu em uma área de aterro de mangue, e configurou-se como um espaço livre no projeto de expansão do bairro da Boa Vista, em meados do século XX. Foi projetada em 1978 com o espelho d'água de forma orgânica, que foi aterrado no ano de 2001. Foram implantados os bancos, os pisos e os espaços para atividades culturais, além da padronização de barracas de flores e lanchonetes. O entorno dessa praça tem uso misto, com equipamentos escolares como o SESC, uma escola de ensino fundamental e o cemitério, além de residências que predominam no bairro.

## **3.2 - Procedimentos Metodológicos**

Os procedimentos metodológicos compreendem o desenvolvimento da pesquisa empírica, a partir do método escolhido, seguindo uma seqüência devidamente organizada conforme o tempo, ou seja, o cronograma estabelecido para a coleta de informações, e dados necessários à pesquisa e a análise.

### **3.2.1 – Entrevistas**

É uma técnica bastante útil no que se refere à obtenção de informações, posturas e opiniões que as pessoas têm a respeito de um tema estudado e que complementam a pesquisa bibliográfica (Gil, 1994). O tipo de entrevista aplicada nesta pesquisa (modelo 01 e 02, em anexo) foi a semi-estruturada, contendo perguntas básicas flexíveis pela natureza da entrevista escolhida, registrada em gravações e em seguida interpretada.

O modelo da entrevista 01 foi aplicado no período entre outubro de 2001 e março de 2002, com onze técnicos e profissionais liberais, entre arquitetos, engenheiros, agrônomos, geólogos, historiadores, que trabalham em órgãos ligados ao planejamento, consultoria, projeto de construção e paisagístico, ensino e manutenção das praças do Recife, locados em diversos setores de órgãos públicos e instituições de ensino.

O modelo 02 foi aplicado no mês de maio de 2002, com dezenove usuários dos componentes aquáticos das praças estudadas e complementadas em agosto desse mesmo ano. Sendo a pesquisa qualitativa, apesar de um número reduzido de entrevistados, foram selecionadas pessoas importantes no cotidiano do componente aquático, que freqüentam cada praça diariamente, seja para olhar o espelho d'água ou para recolher água para lavar carros, além das pessoas que trabalham na praça e conhecem o seu cotidiano, como um vigilante (Praça do Derby), um supervisor de obras (Praça do Hipódromo) ou a encarregada da varrição (Praça do Campo Santo). A partir de Minayo (1997), procuramos buscar uma aproximação gradativa com os usuários, para a coleta de dados, buscando a obtenção de informações na fala dos atores sociais que vivenciam a realidade cotidiana estudada.

### **3.2.2 - Mapeamento das práticas cotidianas**

O mapeamento das práticas foi uma técnica que buscou registrar o cotidiano dos usuários nos componentes aquáticos das praças do Recife, através da identificação das práticas no espaço estudado. Foi o resultado da sobreposição de aproximadamente 23 dias de observação participante no campo, onde as diversas práticas mais constantes ou periódicas encontradas e que também demarcam as territorialidades foram identificadas e registradas no mapa de usos, considerando as dimensões contemplativa e utilitária. Cada mapa mostra quem é o usuário ou grupo, os locais e o tipo de prática desempenhada e a territorialidade, a diversidade espacial, a acessibilidade e a morfologia do entorno imediato da praça estudada. Os mapas de usos 01, 02, 03, 04 e 05, são apresentados no capítulo 5 e foram elaborados em dias da semana, fins de semana, feriados, em 1 ou 2 horas seguidas, nos turnos da manhã, da tarde ou à noite, durante os meses de maio, junho e agosto de 2002.

### **3.2.3 - Observação participante**

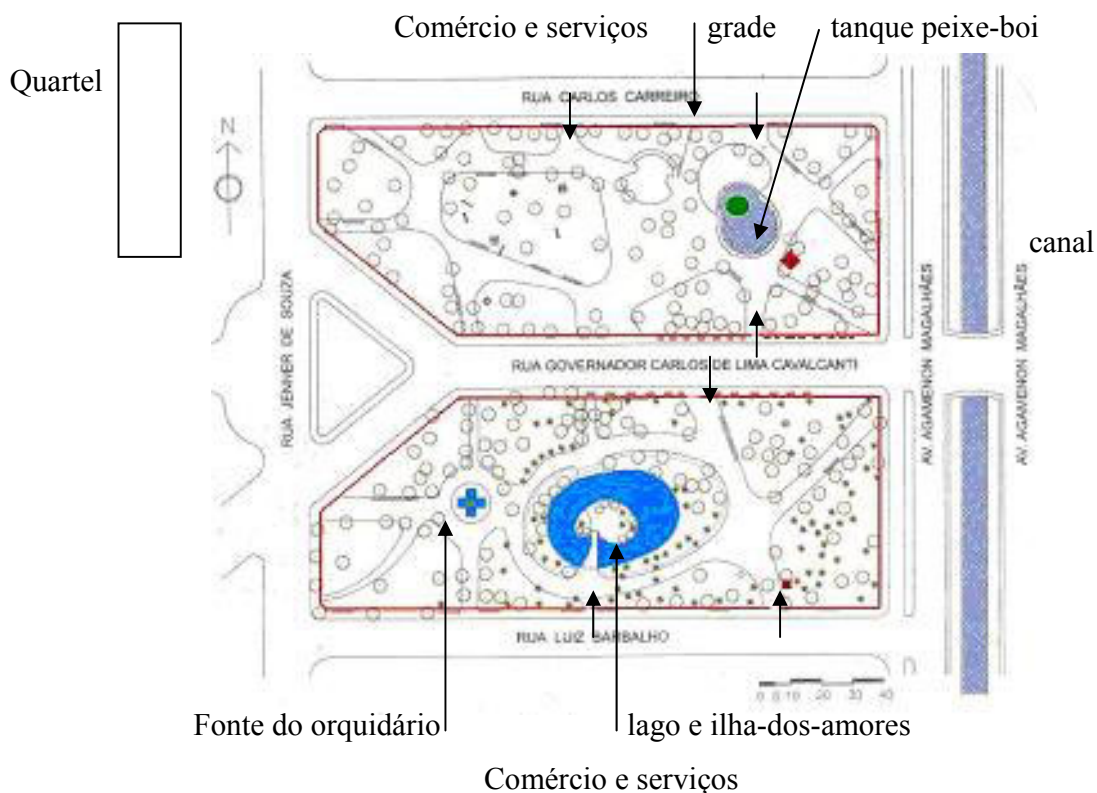
A técnica da observação participante foi utilizada para captar uma variedade de fatos e fenômenos, diretamente na realidade estudada, que não são obtidos por meio de perguntas (Minayo, 1994). Foi uma técnica escolhida para complementar a entrevista e permitiu a elaboração do mapeamento das práticas cotidianas, onde foram observados os aspectos do projeto e aspectos históricos, considerando a acessibilidade e a diversidade espacial. Registrada em material fotográfico, em esboços e anotações em diário de campo, a observação participante foi iniciada no final do mês de abril de 2002 (04 dias), de forma rápida e superficial, para o reconhecimento do local, dos principais usuários e das práticas cotidianas. Durante o mês de maio de 2002 (16 dias), no qual foram realizadas as entrevistas aos usuários, houve a participação da observadora no dia-a-dia das praças estudadas, através da permanência no objeto estudado durante uma ou duas horas seguidas, em dias alternados. No mês de agosto a observação foi realizada (03 dias) para complementação de dados e entrevistas aos usuários (Praça do Derby e Campo Santo), de forma rápida, em locais com boa visualização do componente aquático e relativa discricção.

**ASPECTOS HISTÓRICOS E PROJETUAIS DOS COMPONENTES AQUÁTICOS NAS PRAÇAS SELECIONADAS**

Alguns aspectos históricos e projetuais dos componentes aquáticos nas praças selecionadas; a Praça do Derby, a Praça do Hipódromo e a Praça do Campo Santo foram descritos, considerando a influência que estes aspectos podem exercer no uso dos componentes aquáticos das praças, visam o esclarecimento das dimensões contemplativa e utilitária.

**4.1- Praça do Derby**

A Praça do Derby (Figura 4.1) contém uma área de 26.900 m<sup>2</sup> e está situada no bairro do Derby, entre o braço do Capibaribe e o canal do Derby-Madalena.



**Figura 4.1** – Praça do Derby. **Fonte:** arquivo da autora, atualização do projeto da Praça do Derby apud Sá Carneiro e Mesquita (2000).

A Praça do Derby tem como vias lindeiras, a rua Jenner de Souza, a rua Carlos Carreiro, a rua Luiz Barbalho e a avenida Agamenon Magalhães. Ela é formada por duas partes, a norte e a sul, e é dividida pela avenida Governador Carlos de Lima Cavalcanti, um corredor de transporte urbano principal, que é responsável pela integração de diversas linha de ônibus e táxis do Recife.

A Praça do Derby localiza-se hoje em uma área que abrigou um dos primeiros prados da cidade do Recife, o Jockey Club, pertencente à Sociedade Hípica Derby Club, inaugurado em janeiro de 1888. Dez anos depois o industrial Delmiro Gouveia inaugura o Derby Club, além de outros atrativos como, a construção de uma pista para ciclismo, corridas de cavalos, além de regatas, arquibancada para 1.800 pessoas, restaurante, botequins, mercado, área para feira de amostras, abertos à noite, pois eram abastecidos por luz elétrica (Dantas Silva, 1975, p.72). Foi considerado um avançado centro comercial e de diversões, que reunia além da sociedade recifense, os turistas de vários estados e estrangeiros (Sá Carneiro e Mesquita, 2000).

O Derby Club passou por um período de decadência, tendo sua área invadida por mangues e pauis, até que foram drenadas as águas e foi construído o canal do Derby-Madalena no Governo de Sérgio Lorêto (1922-1926). Os terrenos do bairro do Derby foram dragados e aterrados, surgindo o primeiro projeto do Parque do Derby (Figura 4.2), como anteriormente era chamada a praça, inaugurado em 18 de outubro de 1925. Ainda no Governo de Sérgio Lorêto, as quadras do entorno desse parque urbano foram parceladas em terrenos, favorecidos pelos aspectos da natureza, pela proximidade do Rio Capibaribe e servidos por canais e linhas de bondes, esses terrenos deram lugar às mansões, onde residiram importantes figuras da sociedade (Revista de Pernambuco, out. 1924).

*“O Derby, um pântano aberto e abandonado apesar de sua excelente localização topográfica, foi inteiramente transformado, aterrada toda a vasta planície, numa extensão de 57.000 m<sup>2</sup>. Antes... uma feia e pantonosa campina, depois... um parque bello e salubre”* (Revista de Pernambuco, nov/ 1924).



**Figura 4.2** – Desenho colorido da vista aérea do Parque do Derby. **Fonte:** Biblioteca Pública de Pernambuco **apud** Revista de Pernambuco, Mar.1925.



Esse projeto urbano e paisagístico mostra-nos uma preocupação estética e funcional, através da composição de elementos e da integração entre a praça e as residências do entorno. Além do caráter higienista, esse projeto teve também a intenção de resolver problemas de moradia existentes nesse período no bairro do Recife e Santo Antônio (Outes, 1997, p.49).

Podemos observar nesse primeiro projeto um certo formalismo francês. A praça era dividida em duas partes, por um eixo central, a avenida 18 de outubro (atual Governador Carlos de Lima Cavalcanti) e marcada por duas rótulas (Foto 4.1) nas extremidades, dos quais partiam vias arborizadas em forma radial, cortando cada parte da praça. As vias da extremidade leste passam pela praça e continuam cortando as quadras do entorno imediato, enquanto que, as vias que partem da extremidade oeste, apenas cortam a praça ligando-se às vias laterais. Estas grandes alamedas que adentram o parque acompanham o traçado das vias, e promovem uma continuidade entre o rio e o canal.



**Foto 4.1** - Parque do Derby dividido pela avenida 18 de outubro. **Fonte:** Museu do Estado de Pernambuco, ano 1930.

Notamos que esse projeto foi inovador na época, recebendo também a forte influência do jardim e do parque inglês, com o estilo pitoresco, explorado os lagos sinuosos, além do formalismo do jardim francês clássico. Os eixos e ruas simétricas criavam eixos, perspectivas e ângulos de visão do bosque, dos espelhos d'água e dos elementos compositivos, como as estátuas e as taças de bronze. A continuidade entre as alamedas arborizadas que cruzavam as duas partes da praça, sobretudo no sentido norte-sul, proporcionavam espaços para a permanência e contemplação dos componentes do projeto – os lagos, o bosque, a pérgula e o coreto.

Em relação aos elementos de ligação e a composição da praça, observamos oito caminhos em cada parte da praça, três são direcionados a um lago circular e outros cinco caminhos conduziam os usuários pelo parque, ao bosque e ao coreto, na parte norte. Na parte sul da praça verifica-se cinco caminhos convergindo para o lago sinuoso com uma ilha em seu interior (Foto 4.2), um ambiente bucólico propício aos passeios e contemplação, semelhante aos jardins europeus. A análise do projeto da Praça do Derby sugere-nos que a denominação de ilha-dos-amores tivesse origem nesse projeto, pois a cor e a forma da ilha no interior desse lago, assemelhava-se a um coração. Outros acham que a denominação surgiu mais tarde com o projeto de Burle Marx, porque a beleza do jardim criado por ele atraía os casais de namorados.

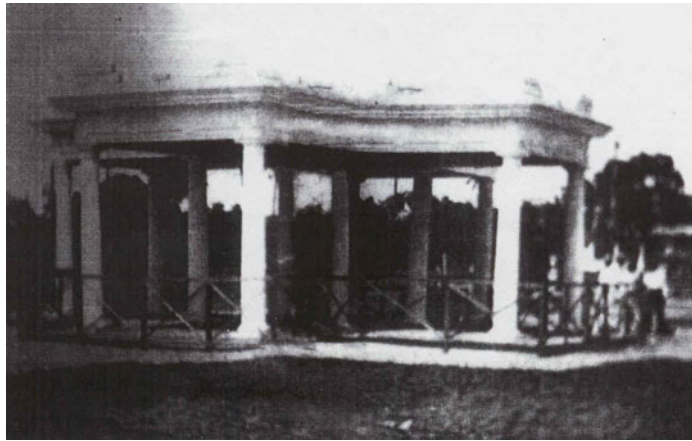


**Foto 4.2** – Parque do Derby, “construção da ilha de pedregulhos, belo lago”. **Fonte:** Biblioteca

Pública Estadual Pres. Castelo Branco **apud** Revista de Pernambuco, nov. 1924.

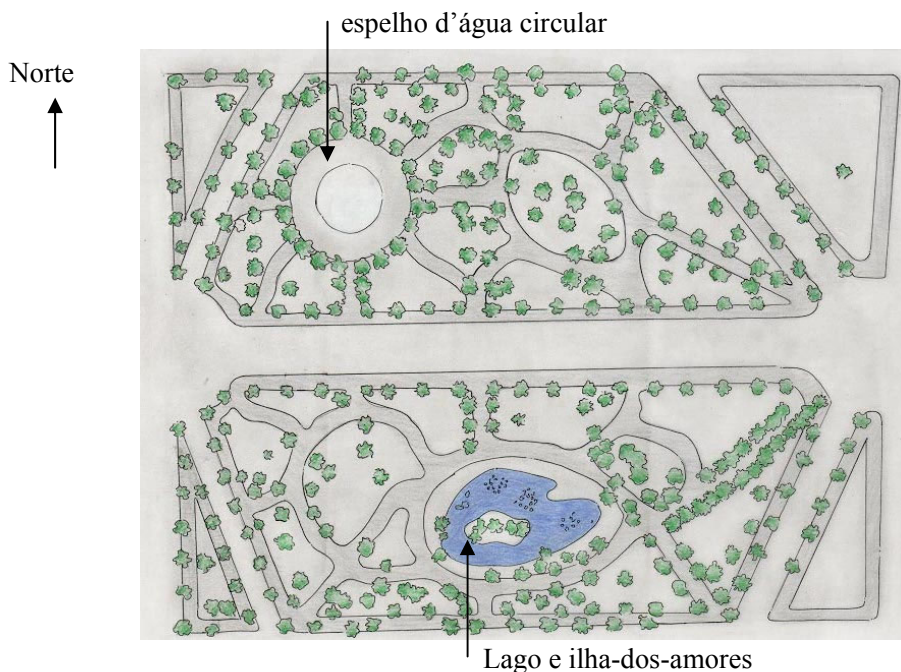
*“Parque do Derby - A linda ilha de pedregulhos, no centro do bello lago do Parque. Pela sua vegetação adequada e pelo seu aspecto de naturalidade, a ilha à qual se chega por uma ponte rústica é um dos mais lindos pontos do novo jardim”* (Revista de Pernambuco, nov. 1924).

Mais três caminhos levavam a pérgula (Foto 4.3), formada por colunas dóricas, que foi utilizada para a venda de plantas, na Exposição Geral de Pernambuco em 1925 (Revista de Pernambuco, set., out.1924). Dessa forma, percebemos que a disposição dos acessos na praça permitia uma condição favorável ao uso desses componentes.



**Foto 4.3** – Parque do Derby, “linda pérgula em estilo dórico para venda de flores”. **Fonte:** Biblioteca Pública Estadual Pres. Castelo Branco **apud** Revista de Pernambuco, out. 1924.

No ano de 1935, Burle Marx fez uma intervenção na Praça do Derby (Figura 4.3), reutilizando diversos elementos compositivos do projeto original.



**Figura 4.3** – Projeto de Burle Marx, Praça do Derby. **Fonte:** Laboratório da Paisagem da UFPE, cópia do desenho original de Burle Marx **apud** Dissertação - Modernidade Verde, jardins de Burle Marx, autor Guilherme Mazza, abr. 2000.

A análise do desenho, feito no Laboratório da Paisagem – UFPE sobre uma fotografia do projeto original, cedida pelo arquiteto Guilherme Mazza, que fez levantamento para sua dissertação, mostra que Burle Marx acrescentou elementos compositivos próprios de sua linguagem projetual. Além da reutilização dos vários componentes do projeto original do parque, tais como o lago com ilha (Foto 4.4), a pérgula transformada em orquidário e as estátuas (Foto 4.5), o coreto e o lago (Foto 4.6), que além de abrigar plantas aquáticas, proporcionava cenários para a contemplação e deleite humanos.



**Foto 4.4** - Praça do Derby, lago e ilha. **Fonte:** Museu do Estado de Pernambuco. Autor e ano n/i.



**Foto 4.5**-Praça do Derby, pérgula e estátua. **Fonte:** Museu do Estado de Pernambuco. Autor ano n/i.



**Foto 4.6**-Praça do Derby, espelho d'água. **Fonte:** Museu do Estado de Pernambuco. Autor e ano n/i.

O espelho d'água circular do lado norte da Praça do Derby foi aterrado, não se sabe ao certo qual o ano, e foi construído o atual ao lado do coreto, que recebeu plantas aquáticas e o peixe-boi no ano de 1963. Essa praça, até o final dos anos 80 foi freqüentada pelas famílias de classe média e popular de toda a cidade, que levavam as crianças nos finais de semana, para ver o peixe-boi, conhecido por Chica. Além desse atrativo havia carrocinhas de pipoca e picolé, brinquedos e era bastante comum encontrar os casais namorando na ilha-dos-amores. Desde então, a praça começou a ser usada por mendigos, cheira-colas e desocupados.

Os projetos da Praça do Derby em 1925 e 1934 enquadraram-se nos planos urbanísticos da cidade do século XX, que através de diversas melhorias, alargamentos de vias, saneamento de mangues, criação de parques acessíveis a todas as classes sociais, higienização, conforto e elevação do nível educacional das pessoas, buscava criar ambientes capazes de melhorar a qualidade de vida (Outtes, 1997, p.53).

O último projeto de reforma da Praça do Derby, foi realizado no ano de 1985 pela arquiteta Lúcia Melo Lima, que apenas incorporou alguns elementos necessários ao controle e manutenção, como a guarita, os banheiros, o gradil e foram consertados ou substituídos brinquedos e bancos, ou seja, algumas características do desenho do projeto original e o de Burle Marx ainda aparecem na configuração atual da praça, sobretudo, com a presença dos caminhos que conduzem aos componentes aquáticos; ao lago com ilha, o orquidário com a fonte (antiga pérgula) (Foto 4.7 e Foto 4.8), ao coreto e ao espelho d'água circular.



**Foto 4.7-** Praça do Derby, acesso à fonte do orquidário. **Fonte:** Arquivo da autora, ano 2002.



**Foto 4.8-** Praça do Derby, fonte do orquidário. **Fonte:** Arquivo da autora, ano 2002.

O entorno atual da Praça do Derby é formado pelo edifício da antiga Escola de Medicina, edifícios residenciais, escolas e o Quartel da polícia (antigo Mercado) voltado para a praça, como também pela presença de algumas casas do início do século XX, hoje reformadas e com usos comercial e de serviço, como as lojas, as clínicas, os restaurantes, as agências bancárias e o bar. O fluxo de carros nas duas ruas laterais é moderado e o uso do entorno favorece a presença de carros e pontos de táxi, que também prejudicam o acesso físico e visual à praça.

A acessibilidade visual aos componentes aquáticos também é comprometida na Praça do Derby, pois, os pedestres da rua Jenner de Souza ou da avenida Agamenon Magalhães, não visualizam a

diversidade espacial, além de não terem acesso ao interior da praça. Outro fator que prejudica a identificação dos acessos à praça é a presença de uma barreira física e visual, causada pelas barracas dispostas em toda a extensão lindeira à avenida Governador Carlos de Lima Cavalcanti.

O gradil comprometeu a acessibilidade desta praça, devido à diminuição dos acessos que levavam ao interior da praça, sobretudo aos componentes aquáticos. Dentre os 20 caminhos identificados no desenho da praça em 2002, restam apenas seis acessos, sendo três portões em cada parte da praça. Dessa maneira, a restrição dos acessos hoje vem fazendo com que as pessoas usem a praça, predominantemente para circular, não identificando a diversidade de espaços, como o espelho d'água sob a fonte do orquidário e o lago com a ilha-dos-amores (Foto 4.9), criando assim, recantos em desuso ou ocupados por mendigos, desocupados e cheira-colas, que contribuem para o estado deprezado em que estes componentes aquáticos se encontram hoje.



**Foto 4.9** – Praça do Derby, lago, ponte, ilha-dos-amores. **Fonte:** arquivo da autora, 2002.

O espelho d'água, mais conhecido como tanque do peixe boi, foi o componente aquático menos prejudicado com o gradil, pois este ficou localizado em um local de passagem. Nesse espelho d'água circular foi instalada uma fonte, em substituição ao peixe-boi, que foi remanejado no ano de 1992 pelo Instituto Brasileiro de Apoio ao Meio Ambiente, IBAMA, para o Centro de Mamíferos em Itamaracá. A fonte (Foto 4.10), que é composta por um jato de água e luzes centrais, com pequenos jatos voltados para o centro, veio a ser o novo ponto de atração e embelezamento da Praça do Derby, até o racionamento de água e energia.



**Foto 4.10** – Praça do Derby, fonte do tanque do peixe-boi. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

Apesar da fonte hoje estar desativada, sem o peixe-boi e a água apresentar-se suja e remanescente de chuva, esse componente aquático, além de servir aos lavadores de carro, ainda é considerado um ponto focal na praça. A sua localização, a referência histórica e a água proporcionam efeitos cênicos e imaginários, através da duplicação de imagens do céu e da vegetação, reunindo crianças e adultos que passam andando, sentam para conversar, namorar ou olhar para seu interior.

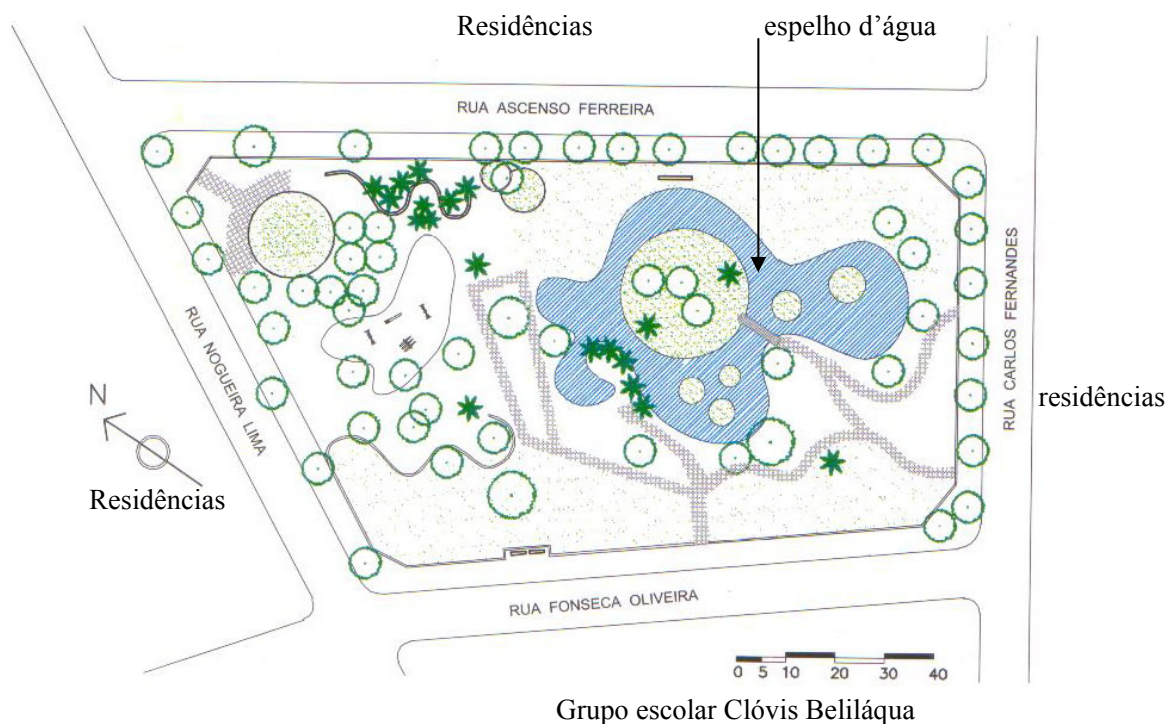
A gestão municipal atual, através da Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente realizou um estudo nas Praças projetadas por Burle Marx, no qual se pesquisou a Praça do Derby (PCR, 2001) e o seu entorno, entrevistou os usuários e registrou suas atividades, no intuito de requalificá-la, pois, essa praça, de valor histórico, urbano e paisagístico na cidade, além de conservar elementos do projeto original e do projeto de Burle Marx no Recife, hoje é considerada um verdadeiro “pulmão verde” pela diversidade de espécies vegetais no tecido urbano.

## **4.2 - Praça do Hipódromo**

A Praça do Hipódromo (Figura 4.4) como popularmente é conhecida a Praça Tertuliano Feitosa, ocupa uma área de 12.558,61 m<sup>2</sup>. Localizada no bairro do Hipódromo, está circundada pela rua Ascenso Ferreira, rua Nogueira Lima, rua Fonseca Oliveira e rua Carlos Fernandes. No local que hoje a praça se localiza houve o Hipódromo de Campo Grande, construído em 30 de agosto de 1888 (Dantas Silva, 1975, p.72).



Segundo a arquiteta Liana Mesquita (entrevista, 2002), esse Hipódromo foi construído para abrigar corridas de cavalo, proporcionando encontros de pessoas na época e também possuía uma importante qualidade ambiental, relacionando elementos da natureza. Foi nesse local que a Praça do Hipódromo foi construída.

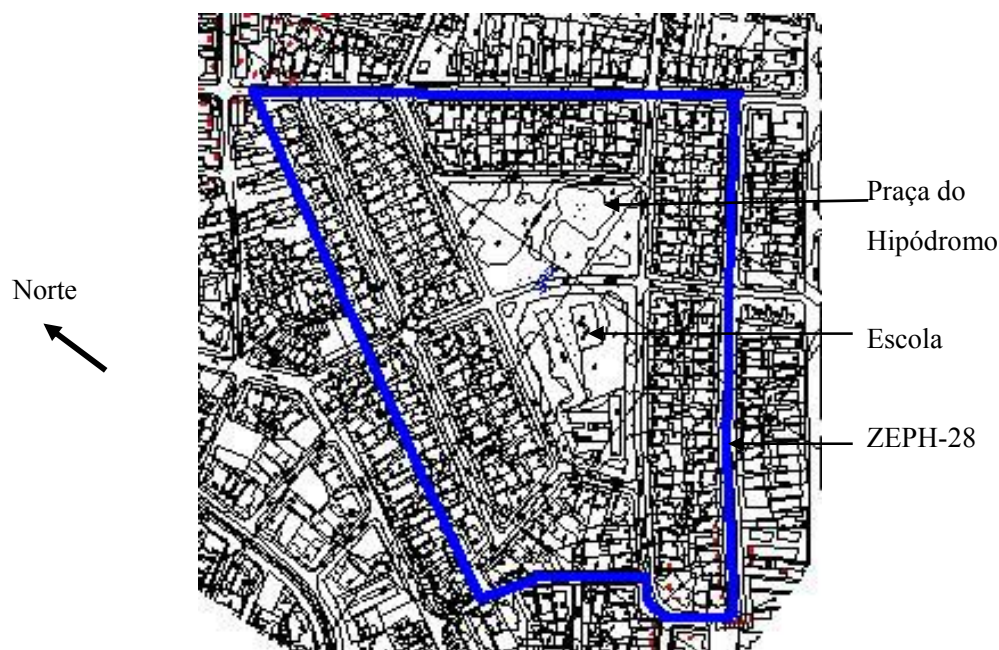


**Figura 4.4** – Praça do Hipódromo. **Fonte:** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

A Praça do Hipódromo fez parte do modelo pioneiro de habitação do Governo do Estado de Pernambuco no Recife, a Vila do Hipódromo, que foi projetada para os funcionários do Instituto de Previdência Social do Estado de Pernambuco, IPSEP, entre os anos de 1937 e 1944 (PCR, 1989). O projeto da vila teve como participantes os profissionais, Antônio Baltar, Airton Carvalho, Hélio Feijó, Joaquim Cardozo, e João Corrêa Lima (Sá Carneiro e Mesquita, 2000). A praça foi projetada entre os anos de 1940 a 1941 e surgiu do parcelamento do solo, que deu lugar a vila. É uma praça composta por um espaço livre anexo a uma quadra ocupada pelo grupo escolar Clóvis Beviláqua, ambas circundadas pelas residências da vila.

A importância da concepção urbanística dessa vila operária, que continha um conjunto de casas, a escola e a praça, com o componente aquático e a vegetação, foi um exemplar de um projeto urbano inovador dos anos 1930 no Brasil. Por isso, a Vila do Hipódromo foi considerada um

modelo de lugar na cidade, fazendo com que a Prefeitura da Cidade do Recife, PCR, pelo Decreto Nº 11883 em 26 de março de 1981, a incorporasse na Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural - ZEPH-28 (Figura 4.5). O Sítio Histórico da Vila do Hipódromo contém um Setor de Preservação Rigorosa (SPR), na categoria de edifícios isolados, com parâmetros específicos (PCR, 1989). Dessa forma, a Lei 16176/96 de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife, conserva as edificações do bairro com o uso habitacional, sendo admitidos os usos não habitacionais, que com ele se compatibilizem, mantendo o entorno e a Praça do Hipódromo (PCR, 1996).



**Figura 4.5** – Planta da ZEPH 28- Vila do Hipódromo. **Fonte:** DPSH, 2002.

O projeto de reforma no ano de 1976 (Figura 4.4), realizado por Maria do Socorro Mussalém e Ridete Tavares, reutilizou o espelho d'água como um elemento de composição na praça, com um novo desenho. Segundo a arquiteta Maria do Socorro Mussalém (entrevista, 2002), o espelho d'água, que existia antes desse projeto, foi aumentado, revitalizado e foram reformadas a ponte e ilha, que proporcionavam passeios, namoros e contemplação das águas, dos peixes e das plantas aquáticas. A praça não era gradeada e seu entorno, predominantemente, era ocupado por residências.

No ano de 1989, a pesquisa de opinião realizada pela Empresa de Urbanização da Cidade do Recife (URB, 1989), mostra o espelho d'água (Foto 4.11) como um elemento de destaque na

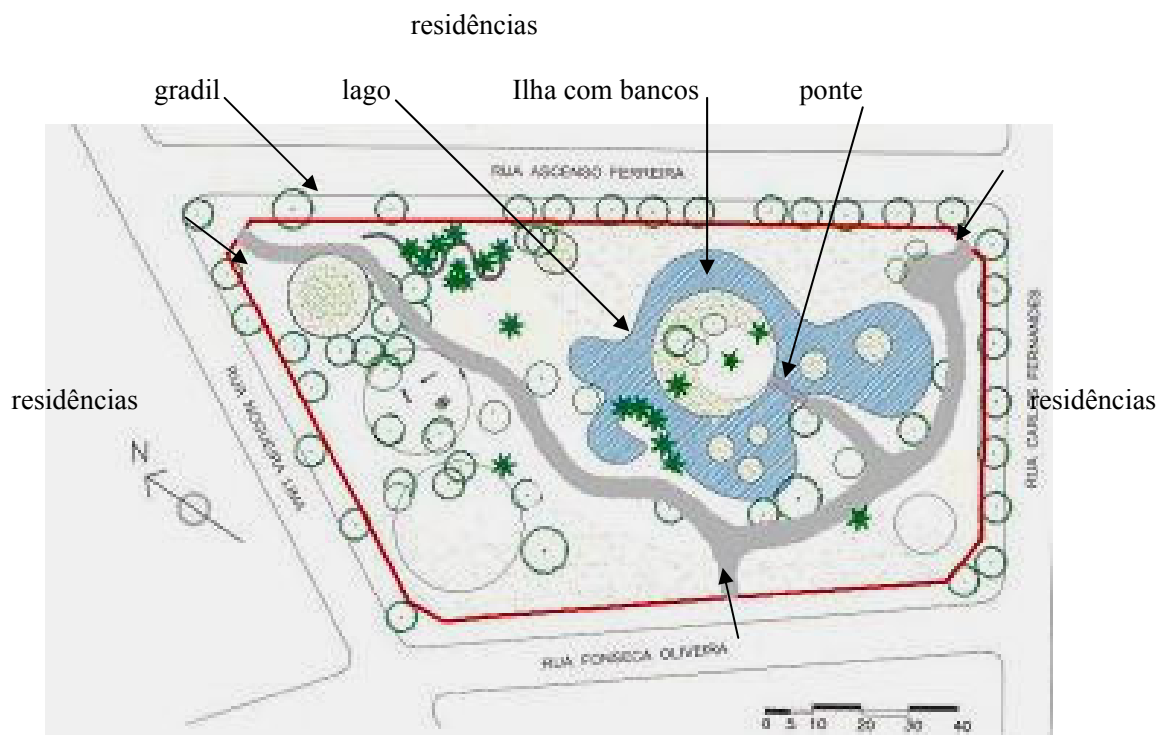
praça do Hipódromo, compondo com os bancos e a vasta vegetação. Não havia gradil, e os moradores do entorno usava-a para lazer, namoros e encontros, como verificamos a descrição da situação da praça feita por um morador para o jornal Diário de Pernambuco.

*“A Praça do Hipódromo necessita de ajuda; mais limpeza, brinquedos, iluminação, tratamento para as árvores atacadas por cupim. A Praça do Hipódromo é hoje o derradeiro refúgio da tranqüilidade. Vamos mantê-la assim, para sempre”* (Matos, 1989).



**Foto 4.11** – Praça do Hipódromo, espelho d’água, 1989 e 1998. **Fonte:** URB- Recife **apud** Pesquisa de opinião, 1989 e Arquivo DPSH.

No final de 2000, foi realizada outra reforma na Praça do Hipódromo (Figura 4.6), pela arquiteta da URB, Beatriz Assman, onde foram acrescentados novos equipamentos de lazer, para as atividades de ginástica, de jogos, bem como os elementos para proteção, como o gradil, que foi solicitado pela população para evitar os assaltos e a apropriação da água do lago para as lavagens de carro, a pesca e os banhos. Uma nova vegetação arbustiva foi plantada na praça, foram modificados os caminhos, os bancos e foram reformados o lago, a ilha e a ponte. A intervenção no lago apenas modificou algumas formas do desenho anterior, dos caminhos e criou novos ângulos de visão do espelho d’água, pelo novo posicionamento dos bancos.



Escola Clóvis Beviláqua

**Figura 4.6** – Projeto da Praça do Hipódromo 2002. **Fonte:** Anteprojeto cedido por Beatriz Assman do arquivo da URB, atualizado sobre planta digitalizada **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

Há três acessos à praça, dos quais dois deles permitem a visualização do componente aquático e toda a diversidade espacial envolvente, como a ilha, os bancos, a ponte, a vegetação e as águas. Um dos acessos está localizado na esquina das ruas Carlos Fernandes e rua Ascenso Ferreira e outro acesso está voltado para rua Fonseca Oliveira, direcionado à Escola Clóvis Beviláqua, que contém os mais efetivos usuários da praça – os estudantes.

A conservação do componente aquático nessa reforma aproveitou o potencial de uso da praça e a qualidade ambiental e ecológica que ele cria na praça e na cidade, pois relaciona elementos como a vegetação, o sol, a terra, a água e os animais, assemelhando-se a natureza e proporcionando o habitat para aves de várias espécies, hoje dificilmente encontradas na área urbana, tais como; a galinha d'água e as lavadeiras, além de proporcionar momentos de encontro, reflexão e contemplação da águas, dos peixes e dos reflexos (Foto 4.12 e Foto 4.13).



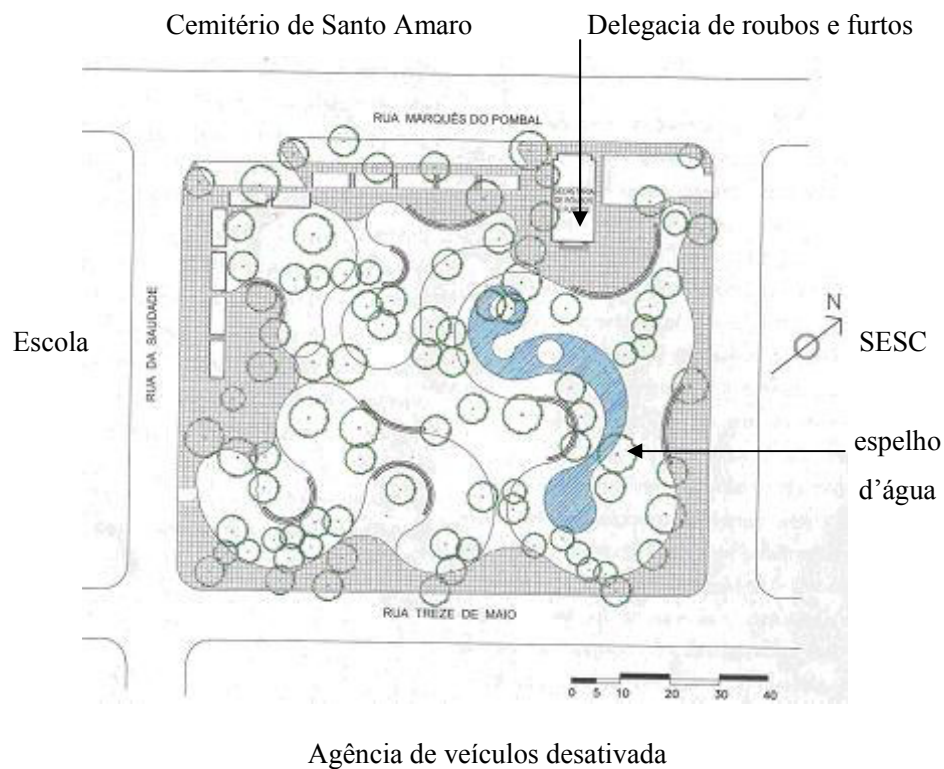
**Foto 4.12-** Praça do Hipódromo, águas, ponte, ilha e vegetação. **Fonte:** arquivo da autora, ano 2002.



**Foto 4.13** – Praça do Hipódromo, ponte e reflexos d'água. **Fonte:** arquivo da autora, ano 2002.

### 4.3 - Praça do Campo Santo

A Praça do Campo Santo ou Praça da Saudade possui 9.636,80 m<sup>2</sup> de área verde e está inserida numa malha ortogonal, entre as ruas Treze de Maio, rua Marquês de Pombal, rua da Saudade e rua Campo Santo, no bairro de Santo Amaro. A Praça do Campo Santo (Figura 4.7) está localizada em frente ao portão principal do cemitério do Bom Jesus da Redenção de Santo Amaro das Salinas, que foi projetado por Louis Léger Vauthier, inaugurado em 1º de março 1851 (Franca, 1977, p.242), e composto por aléias de palmeiras, que conduziam a capela gótica octogonal no centro do cemitério. A Praça do Campo Santo surgiu em uma área alagada e de mangue. Segundo a arquiteta Liana Mesquita (entrevista, 2002), essa praça aparece como um espaço livre nas plantas antigas do século XIX e permaneceu com pauis até início do século XX.



**Figura 4.7** – Praça do Campo Santo. **Fonte:** Arquivo da autora *apud* Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

Foi a partir dos aterros no Governo de Agamenon Magalhães, para expansão da Boa Vista em meados do século XX, um período de impulso progressista, de melhorias urbanas e de arborização da cidade, que esse espaço livre iniciou a sua configuração de praça. Essa contou com a presença de um baobá, árvore de origem africana, que provavelmente foi plantado, no governo de Francisco do Rego Barros, pois em finais do século XIX foram registrados alguns exemplares em alguns locais da cidade (Cavalcanti, 1977, p.164). No século XX, a praça possuía um número considerável de árvores de grande porte, como os flamboyants, as mangueiras, as castanholas e o baobá, funcionando como sementeira da Prefeitura da cidade do Recife até a década de 1970. Continha além da vasta vegetação e a edificação do antigo necrotério (atual Delegacia de Roubos e Furtos), um pequeno tanque para criar peixes, no qual havia uma função utilitária.

O primeiro projeto paisagístico (Figura 4.7) foi realizado no ano de 1978, pela arquiteta Brena Lúcia Remígio e foi então que a configuração de praça estabeleceu-se, com locais para atividades culturais e de lazer, playground, passeios, bancos e o espelho d'água com forma orgânica, rompendo com o traçado geométrico das ruas e do cemitério de Santo Amaro. Segundo Brena

Remígio (entrevista, 2001) esse espelho d'água foi projetado para servir de elemento atrativo, de amenização e de embelezamento, para proporcionar atividades contemplativas e para a reflexão, compondo com a edificação da Delegacia de Roubos e Furtos (antigo necrotério) e o cemitério.

A Praça do Campo Santo, além de dispor do espelho d'água como o principal elemento de atração, contava com um traçado orgânico de pisos e bancos semicirculares, que formavam recantos, entremeados pelos gramados e as grandes árvores, além de prever locais para o estacionamento e a padronização de barracas de flores e lanchonetes. A presença de uma árvore dentro do espelho d'água criou uma pequena ilha, que funcionava como uma ponte de passagem. Esta ilha proporcionava momentos de lazer para as crianças e de contemplação da água e dos reflexos para os passantes em seus percursos diários (Foto 4.14).



**Foto 4.14** – Praça do Campo Santo, espelho d'água. **Fonte:** Arquivo da autora, 2000.

Segundo a atual chefe do departamento de praças e áreas verdes da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana – EMLURB, a agrônoma Juliane Barreto (entrevista, 2001), as condições da praça, sobretudo a salubridade da água do componente aquático, que era usada para lavagem de carros, agravado pelo foco de dengue, identificado pela Secretaria de Saúde Pública, fizeram com que o espelho d'água fosse aterrado, em meados de 2001 (Foto 4.15). Essa ação foi realizada no sentido de aguardar um novo projeto ou adoção, embora não houvesse qualquer intenção de conservação, de peixamento ou limpeza. Esse fato ocorreu durante a pesquisa, tornando-se alvo de investigação, pois a ausência do espelho d'água na Praça do Campo Santo, levantou outros questionamentos e tornou-se uma surpreendente oportunidade de comparar esses dois momentos. Momentos em que há uma negação dos espelhos d'água pelos responsáveis pela manutenção.



**Foto 4.15** – Praça do Campo Santo, espelho d’água aterrado. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

Antes do aterro, a água desse componente aquático era usada constantemente pelos lavadores de carro, às vezes servindo para banhos. A ação de aterrar o componente aquático alterou o projeto original da praça, embora não tenha alterado a situação de depredação, na qual vinha passando a praça de modo geral, ao longo dos vinte quatro anos de sua existência.

A situação atual da praça do Campo Santo, mostrada no relatório realizado em março de 2002, sobre as condições de salubridade, pela engenheira da EMLURB Maria de Fátima Barbosa (entrevista, 2002), para os agentes de saúde, apontou vários problemas resultantes da sua utilização, pelos floricultores, lavadores de carro, desempregados, moradores da praça, policiais e pessoas da delegacia, que não zelam e depredam essa Praça.

Enfim, as descrições dos aspectos históricos e projetuais dos componentes aquáticos das Praças do Derby, Hipódromo e Campo Santo, mostram-nos um panorama geral dos fenômenos que refletem no uso destes componentes. A narrativa aponta que as reformas das praças ao longo da história vêm alterando as formas de uso dos componentes aquáticos e vice-versa. O impasse existente ente as intenções do planejamento, da manutenção e as ações cotidianas dos usuários, além das diferentes situações sócio-econômicas, nos conduzem a realizar uma análise maior, para a qual se faz necessário um exame das diferentes visões: da pesquisadora, dos técnicos, dos profissionais liberais e dos usuários das três praças estudadas.



---

## **AS DIFERENTES VISÕES E OS DIFERENTES USOS DOS COMPONENTES AQUÁTICOS**

Este capítulo apresenta as diferentes visões da pesquisadora, dos técnicos e profissionais liberais e dos usuários, sobre os diferentes usos dos componentes aquáticos nas praças do Recife, especificamente naquelas do estudo de caso: Praça do Derby, Praça do Hipódromo e Praça do Campo Santo. Procuramos descrever os resultados da pesquisa de campo e das entrevistas, para fazermos considerações que relacionem as evidências, as tendências, as analogias e os antagonismos encontrados na pesquisa que envolve o uso dos componentes aquáticos nas praças. A descrição das práticas cotidianas observadas pelas diversas visões tem o intuito de mostrar a importância da coexistência das dimensões de uso desses componentes aquáticos, considerando-as como forças geradoras, nos projetos das praças, compreendendo que as praças são espaços urbanos com maior ou menor intensidade quando são utilizadas pelas pessoas em seus cotidianos.

### **5.1 -As práticas cotidianas nas praças pesquisadas**

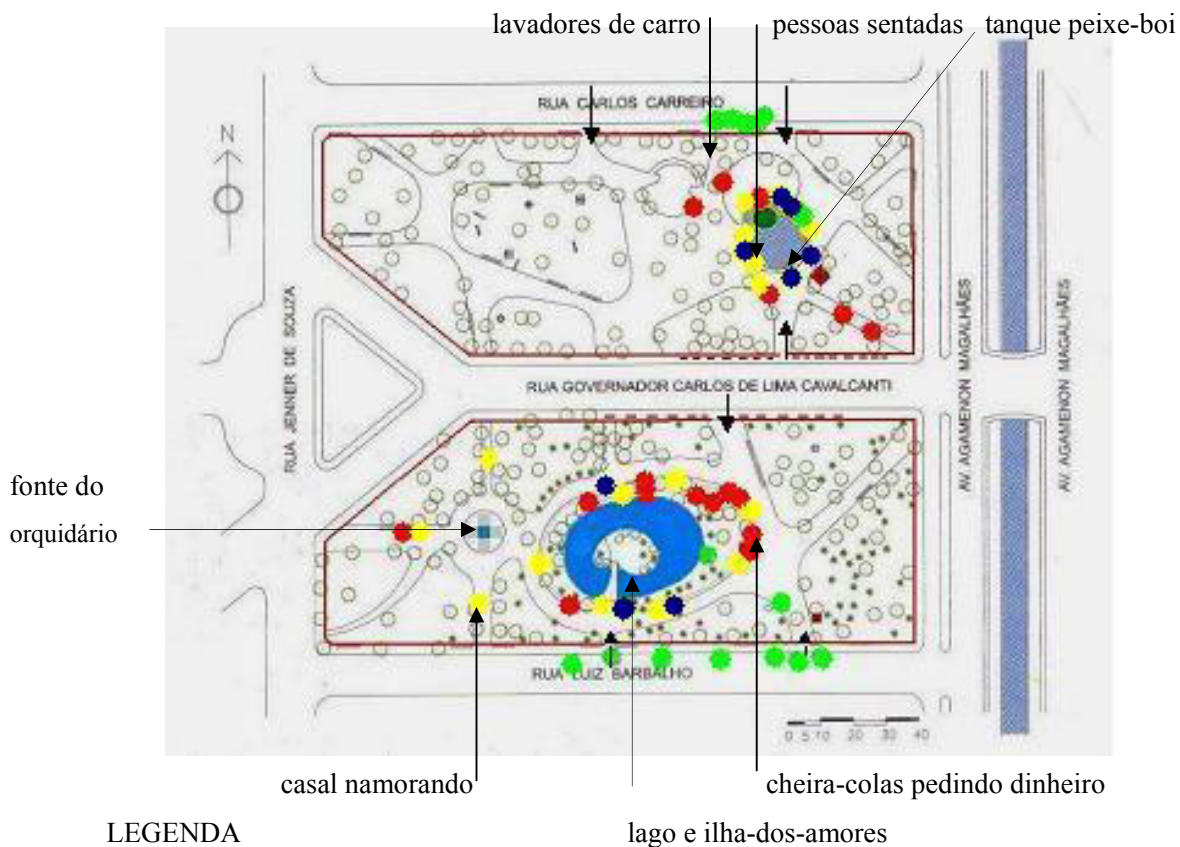
Este item reúne a descrição dos fenômenos relacionados ao uso dos componentes aquáticos nas praças pesquisadas, realizada através da identificação das práticas cotidianas, da observação participante, do mapa de usos e do registro fotográfico, na qual, foram examinadas as características de apropriação, as particularidades e as formas de usar o espaço, através das dimensões contemplativa e utilitária.

#### **5.1.1 - Praça do Derby**

A Praça do Derby apresenta hoje três tipos de componentes aquáticos, o lago com a ilha-dos-amores e o orquidário com a fonte na parte sul da praça e o tanque do peixe-boi na parte norte. Estes componentes são usados de diferentes maneiras de acordo com o período do dia e o grupo social, nos quais as diversas práticas cotidianas (Figura 5.1), expressam o caráter de uso misto do bairro do Derby.

O lago durante o dia serve como banheiro público para os homens que usam a praça como local de trânsito ou lavam carro no entorno. A sua água apesar de estar suja e ser remanescente de

chuva, com mato, lixo e ratos, esporadicamente, serve para os lavadores de carro. Na mureta que contorna a jardineira justaposta ao lago, algumas pessoas ficam sentadas conversando, estudantes dos colégios do entorno namoram, conversam ou descansam deitados no gramado.



- Componente aquático
- Pessoas andando ou olhando o tanque
- Pessoas sentadas, conversando, namorando
- Mendigos, desempregados, garotos e cheira-colas pedindo dinheiro
- Homens pegando água ou lavando carro

**Figura 5.1** -MAPA DE USOS 1- Praça do Derby durante a manhã e à tarde. **Fonte:** Arquivo da autora - Práticas cotidianas registradas sobre planta **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

Na escadaria ou na ponte que adentra esse lago, periodicamente, encontramos alguns casais de jovens namorando, pela manhã e à tarde (Foto 5.1). O que predomina no espaço envolvente ao lago com ilha, isto é, nas muretas e na jardineira que contornam o lago, é a apropriação por famílias pobres e desempregados, que constantemente, ficam sentados ou deitados nos gramados, além dos garotos que cheiram cola e pedem dinheiro as pessoas que passam na praça (Foto 5.2).



casal namorando

**Foto 5.1** – Praça do Derby. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.



cheira-colas

mendigo

**Foto 5.2** – Praça do Derby. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

De certa forma, podemos considerar que algumas práticas realizadas no cotidiano desse componente por esse grupo de desocupados e cheira-colas, enquadram-se na dimensão utilitária, como dormir, pedir dinheiro, alimentar-se ou usar o local como sanitário. Estas práticas, de certo modo, demarcam o território, sugerindo perigo e inibindo o acesso aos usuários da dimensão contemplativa, pois, os mendigos e os cheira-colas criam limites de territorialidade, ocupando diariamente esse espaço, no qual, a maioria das pessoas evita passar ou passam rapidamente.

A ponte que conduz à ilha está praticamente sem uso, pois além da ilha não ter atrativos como bancos e postes de iluminação, a vegetação está sem manutenção, aparentando uma “ilha dos fantasmas”. A reflexão e o devaneio solitário são práticas individuais, que não foram encontradas no cotidiano do lago com a ilha-dos-amores, durante a manhã ou à tarde. Na maioria das vezes as

práticas da dimensão contemplativa são realizadas por ações coletivas de grupos de estudantes, ou casais, pois o local, apropriado pelos garotos e famílias desabrigadas, aparenta perigo.

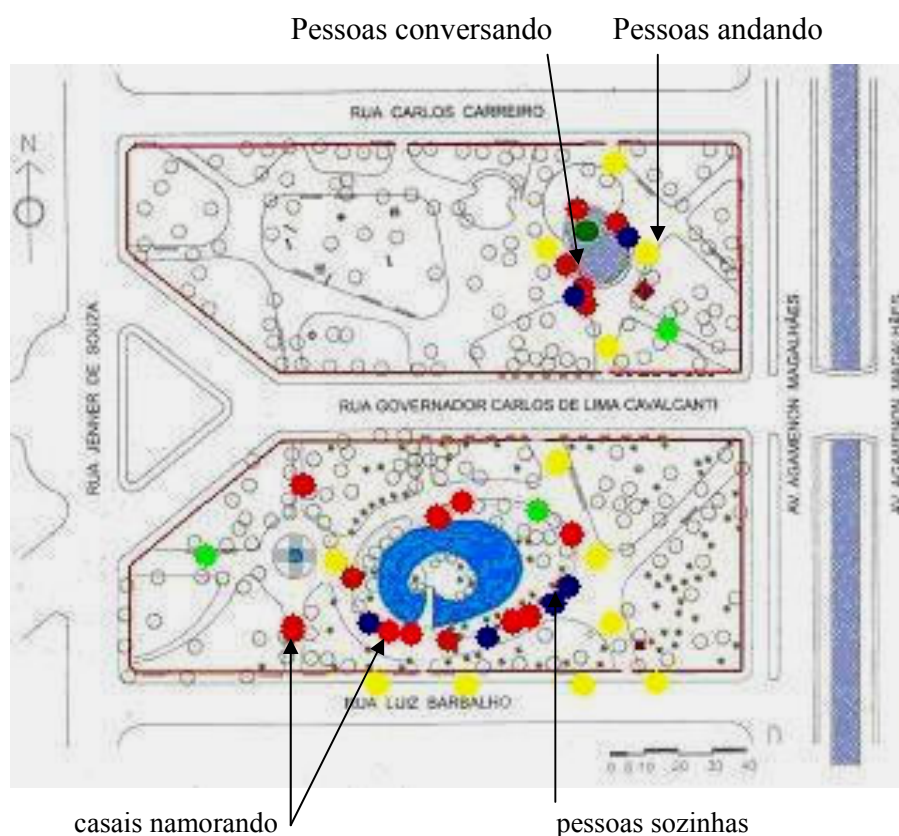
A antiga pérgula (orquidário), composta pelas colunatas dóricas e a pequena fonte de pedra, centralizada no espelho d'água, que passou por uma intervenção em 1934 por Burle Marx, hoje não funciona. Sem água, esse componente é ocupado por mato, bichos e lixo. Não foram encontrados usuários das dimensões contemplativas ou utilitárias nas manhãs ou tarde. Apenas foram observados alguns desabrigados e casais namorando, sentados nos bancos próximos.

De acordo com o desenho atual da praça, há pelo menos quatro caminhos que dão acesso ao orquidário. Entretanto, estes caminhos se encontram fechados pela grade, restando apenas um portão de acesso próximo a esse componente aquático, o da rua Luiz Barbalho, que pela sua localização, cria um caminho contornando a ilha-dos-amores em direção à avenida Governador Carlos de Lima Cavalcanti e vice-versa. Isso vem fazendo com que as pessoas não passem pelo orquidário em seus percursos diários, por isso, consideramos a pouca oferta de acessos é um dos fatores que prejudicam as práticas cotidianas neste componente aquático. Outro fator é a presença dos mendigos e cheira-colas que inibem a passagem de pessoas para esse local, contribuindo também para o desuso do orquidário durante o dia.

No tanque do peixe-boi, na parte norte da praça, encontramos algumas práticas cotidianas periódicas, tais como; pessoas sentadas nas muretas conversando, casais namorando e pequenos grupos se encontrando. Os usuários da dimensão contemplativa mais observados nesse componente aquático foram os adultos e principalmente as crianças passantes, que param para olhar o interior do tanque, na intenção de ver a água ou um animal. De forma ritmada, os mendigos entram nele para tomar banho e os lavadores de carro pegam água ou dormem na mureta que contorna o tanque.

Os lavadores de carro, que usaram por alguns anos a água desse componente, hoje, raramente utilizam-no, pois, a fonte está desligada e a água que é remanescente de chuva está suja. Esses usuários da dimensão utilitária realizam suas práticas cotidianas em um reservatório da Companhia Pernambucana de Saneamento – COMPESA, na calçada do outro lado da rua Carlos Carreiro, no qual, abastecem seus recipientes com água limpa, para lavar os carros dos clientes.

Durante a noite (Figura 5.2), a intensidade de uso dos componentes aquáticos é um pouco distinto da manhã ou da tarde, principalmente pela presença de barracas da feirinha, na calçada da rua Luiz Barbalho. No lago com ilha-dos-amores, o grupo de garotos pedintes, famílias pobres e desempregados diminui, conseqüentemente há uma maior utilização da mureta que contorna o lago, por uma quantidade maior de usuários da dimensão contemplativa. Encontramos os casais namorando, homens sentados conversando, pessoas sozinhas, andando, passando tempo ou refletindo.



#### LEGENDA

- Componente aquático
- Pessoas sentadas sozinhas
- Pessoas andando
- Pessoas sentadas, conversando, namorando
- Mendigos, desempregados, garotos pedindo dinheiro,

**Figura 5.2** - MAPA DE USOS 2- Praça do Derby durante à noite. **Fonte:** Arquivo da autora- Práticas cotidianas registradas sobre planta **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

À noite, o orquidário permanece sem uso. Embora haja mais pessoas passando por ele, ao circundarem a ilha-dos-amores e/ou namorando nos bancos próximos, esse componente aquático não oferece atração aos usuários da dimensão contemplativa. Pois, além de estar sem água e sujo, encontra-se mal iluminado à noite.

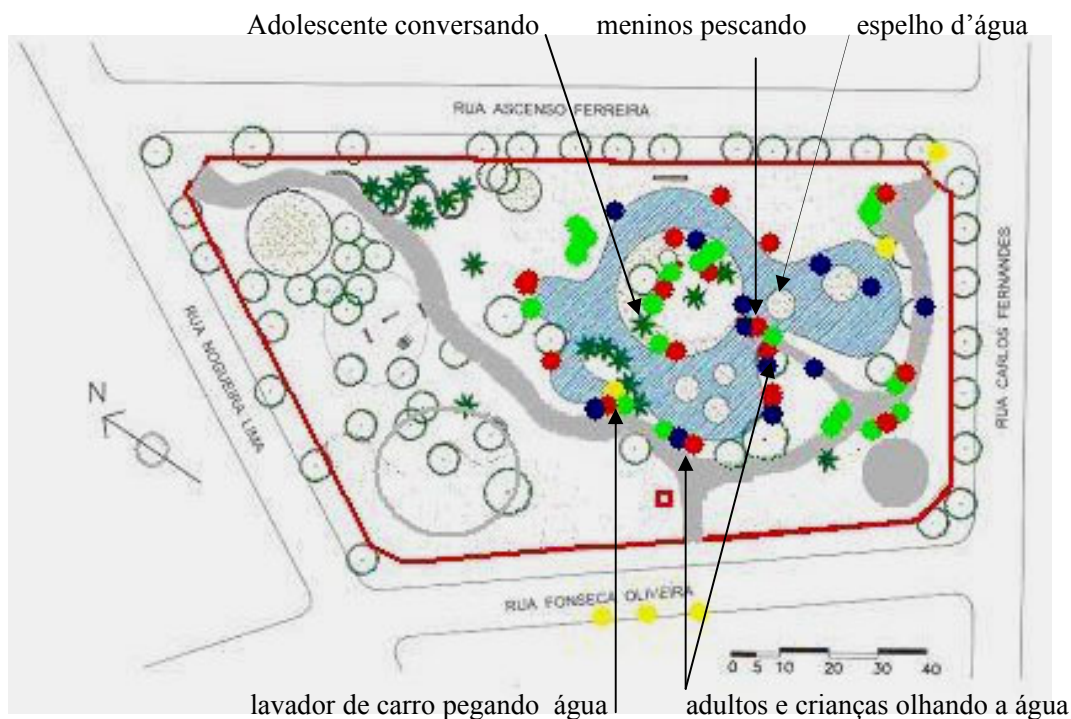
O tanque do peixe-boi é constantemente utilizado à noite, tanto por casais que namoram, conversam e pessoas que se sentam na mureta, quanto por pessoas que passam andando e fazem pausas rápidas. Os olhares constantes dos passantes apontam o predomínio do uso para a dimensão contemplativa, mostrando o quanto é importante esse atrativo com água nas praças, mesmo em breves momentos de percurso ou pausa diária.

Diante das descrições, dos mapeamentos e do registro fotográfico, mostrados acima, entendemos que as ações dos grupos nos componentes aquáticos da Praça do Derby são diversas. Segundo Bourdieu (1996), inicialmente, as ações cotidianas criam-se no espaço social e refletem-se no espaço físico, pois, as posições destes grupos na sociedade ocupam os lugares públicos e demarcam o território. Durante o dia, a territorialidade é identificada nas práticas no lago com a ilha-dos-amores, onde o grupo de mendigos e garotos escolheu para o seu estabelecimento cotidiano. Verificamos que esse fato vem contribuindo para a pouca utilização desse componente aquático pelos usuários da dimensão contemplativa durante o dia, ou seja, a territorialidade criada por um grupo específico, pode restringir o seu uso, além das condições físicas, que não atraem os usuários. Este fato inverte-se durante a noite, quando o grupo de pessoas da dimensão contemplativa predomina, inibindo os mendigos e os cheira-colas.

O desuso do orquidário, de modo geral, também pode ser atribuído à territorialidade criada pelo grupo de mendigos e de cheira-colas, além da falta de acessos direcionados a esse componente aquático e uma iluminação adequada, o seu estado de conservação está degradado. O tanque do peixe-boi é um dos componentes aquáticos mais usados nessa praça, apesar de hoje não conter mais os atrativos na água, como a fonte ou o animal, que contribuíam para o uso com a dimensão contemplativa. A sua localização na praça o torna acessível e a sua referência histórica, estabelecida no imaginário coletivo dos cidadãos, fazem desse componente aquático, um local onde coexistem práticas sociais das diversas dimensões; a utilitária e a contemplativa, embora com uma intensidade moderada.

## 5.1.2 - Praça do Hipódromo

A Praça do Hipódromo possui um componente aquático formado por caminhos que passam perto da água, pelos estares mais elevados com bancos e mesas de jogos, pela ponte que passa sobre a água e liga-se a uma ilha de forma circular com seis bancos, proporcionando diversas práticas cotidianas (Figura 5.3).



### LEGENDA

- Componente aquático
- Meninos pescando ou andando
- Lavadores de carro e de carroça
- Adultos e crianças olhando água ou dando comida aos peixes
- Adolescentes conversando, namorando, estudando, olhando a água

**Figura 5.3** - MAPA DE USOS 3- Praça do Hipódromo. **Fonte:** Arquivo da autora – práticas cotidianas registradas sobre planta da Praça do Hipódromo, 2002 **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

A população do entorno da Praça do Hipódromo é formada predominantemente por moradores das residências da ZEPH-28 e por alunos das duas escolas, por isso verificamos diversas práticas cotidianas contemplativas, como a observação da água, das plantas, dos peixes, bem como a

permanência nos bancos para pensar, estudar, conversar ou namorar. Há também outros espaços, concebidos no projeto para contemplação, adaptados para a realização de várias atividades como, a pesca, a captação d'água para as lavagens de carro ou de carroça e os banhos de diversão dos garotos.

Constantemente, os usuários que freqüentam o componente aquático são os adolescentes provenientes do colégio ao lado da praça (foto 5.3), que se encontram para conversar, namorar, beber, fazer rodas de capoeira e passear perto do lago. As garotas andam pelo gramado, sentam perto da água e os garotos ficam sentados nos bancos. As maneiras de uso dos estudantes depredam o lugar, porque jogam o lixo nos gramados e na água, riscam e pisam nos bancos, e muitos andam de bicicleta na pequena ilha e na ponte. Estes usuários tornam o componente aquático um espaço vivo em todos os dias de semana, principalmente no início e no final da tarde, deixando-o vazio à noite.



adolescentes da escola

**Foto 5.3** –Praça do Hipódromo. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

Uma prática constante no componente aquático da Praça do Hipódromo é a pescaria realizada periodicamente pelo grupo de meninos que moram no entorno próximo (Foto 5.4). É comum, de manhã ou à tarde, estes meninos apropriarem-se da ponte, com nylon, anzóis e redes, para pescar os pequenos peixes coloridos do lago, que eles brincam ou vendem. Esse fato foi verificado em 5 dos 23 dias da pesquisa. Um dos meninos foi o que mais que se destacou, caracterizado na pesquisa como “o neguinho”, ele parecia ser o líder deles e o mais antigo, pois, utiliza técnicas de pesca, com redes e garrafas.



Além das criativas “astúcias” (De Certeau, 2001) para pescar, esses meninos encontram locais para pescar, sem a repreensão do vigilante, além de esconderem seus equipamentos de lazer ou de trabalho. Estas técnicas e “astúcias” tratadas por De Certeau são formadas individualmente ou por um grupo social, que se associam em função de seus objetivos, fortalecidos inicialmente no espaço social (Bourdieu, 1996), realizando criativas formas de uso do espaço físico.



**Foto 5.4** – Praça do Hipódromo. **Fonte:** arquivo da autora, 2002.

Os meninos pescam sobre a ponte ou dentro d’água, por trás das plantas aquáticas do lago, tentando burlar os olhares do vigilante, que vez por outra os repreende e o uso recomeça. A pescaria torna-se a prática principal do espaço que contém o componente aquático, pois, outros grupos chegam periodicamente para ver o lazer, tanto os adultos acompanhado das crianças, quanto os adolescentes do colégio e pessoas que passam e param para ver o movimento e o que elas estão olhando e fazendo (Foto 5.5). Muitas pessoas jogam também pipoca, pão ou outros alimentos para os peixes. Isso confirma a teoria de que a diversidade de pessoas usando o espaço, atrai outras, tornando o espaço dinâmico, além de estimular a segurança ( Jacobs, 2000).



**Foto 5.5** – Praça do Hipódromo-pescaria na ponte. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

A pequena ponte desta maneira, deixa de ser local de passagem e paradas rápidas, tornando-se um “píer” de pescaria e atração, onde o grande grupo cria a territorialidade. Embora a pescaria contribua para a inibição da passagem pela ponte à ilha, essa prática possibilita a coexistência das dimensões utilitárias e as contemplativas.

Os moradores do entorno são um outro grupo importante no uso do componente aquático da Praça do Hipódromo. Constantemente, os adultos sentam nos bancos para pensar, ler, conversar ou levar crianças para brincar. Eles têm o hábito de chegar perto da água para olhar e jogar comida aos peixes, principalmente na ponte, para chamar a atenção das crianças. O idoso de cadeira de rodas é colocado para ver a água, meninas e meninos olham para os peixes e às vezes até entram no lago, molhando suas pernas, pegando na água e até tomam banho, para se divertirem.

A diversidade de usuários no espelho d’água da praça é grande, por isso a diversidade de usos a corresponde, olhar a água e os peixes, pegar água para lavar carros, conversar, passar tempo, pescar... (Figura 5.6). Existem certas regras de uso criadas pelo projeto, tais como os locais previstos para sentar e andar, além das regras criadas pelo vigilante, “é proibido pescar” e pelos próprios usuários, “ não pise na grama”. Contudo, o uso desse espaço é espontâneo e os usuários fazem suas próprias regras, seus modos de usar. Eles escolhem seus caminhos e locais de estar e desempenhar as atividades (De Certeau, 2001, p.177).



**Foto 5.6** – Praça do Hipódromo, diversidade de usos. **Fonte:** Arquivo da autora, 2002.

Usar a água do componente aquático da praça do Hipódromo para lavagem de carros é outra prática constante (Foto 5.7). Esta forma de uso do espaço explica-se através do “habitus” (Bourdieu, 1996), onde o grupo é formado por um conjunto de práticas e de experiências cotidianas coletivas. Os três lavadores de carro, que se encontram estabelecidos na Praça do Hipódromo há oito anos, vieram da Praça do Rosarinho (avenida Norte), depois que o componente aquático desta praça foi aterrado. Eles usam a água do espelho d’água da Praça do Hipódromo para o serviço de lavagem de carros, e estão presentes constantemente, em todos os dias da semana, inclusive nos sábados e domingos. Os lavadores de carro entram na praça através do portão, que liga o “tanque”, como eles o chamam, aos seus “pontos de serviço”, lavando os táxis e carros sem constrangimento algum, ou repreensão dos vigilantes e usuários da dimensão contemplativa.



lavador de carro

**Foto 5.7-** Praça do Hipódromo. **Fonte:** arquivo da autora, 2002.

Os hábitos dos lavadores pegarem a água com seus recipientes plásticos, em um recanto do lago que não se encontrava definido no projeto, pois inicialmente havia vegetação, tornaram esse lugar bastante encharcado e sem vegetação. Entretanto, é nesse recanto que, constantemente, os usuários da dimensão contemplativa param para a contemplação da água, pois, esse é um dos lugares que mais se destaca na composição entre reflexos, peixes e vegetação na praça.

Os usos do cotidiano do componente aquático associado a outros usos na praça, como os jogos e as atividades físicas, criam a segurança direta pelos próprios usuários. A heterogeneidade de funções (Jacobs, 2000) e de pessoas nesta praça, caracterizam-na como uma praça dinâmica, viva e bonita, apesar de existirem problemas relacionados ao tipo e ação dos usuários, que muitas vezes sujam, depredam e criam domínios dos territórios. Considerando a manutenção como um

dos principais fatores do sucesso ou insucesso de uma praça, pudemos observar a falta de limpeza e manutenção da água do espelho d'água. Ainda, a falta de cuidados com o lugar pelas pessoas é evidente, devido a grande quantidade de objetos jogados na água, tais como, os copos, garrafas, sacos plásticos e latas, além das folhas e frutos que normalmente caem na água.

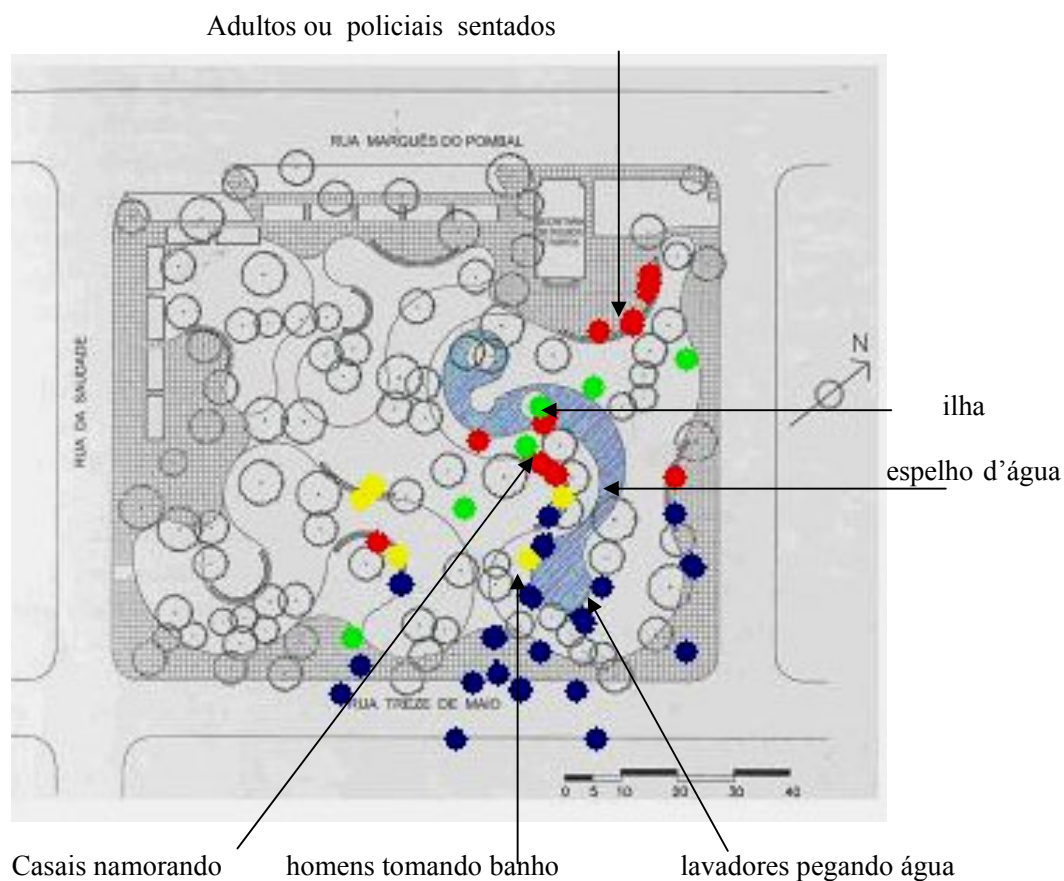
Hoje, a praça é realmente bastante utilizada e o espaço envolvente do espelho d'água tornou-se um espaço dinâmico, com algumas adaptações físicas resultantes das necessidades dos grupos de usuários. Contudo, a territorialidade criada pelos lavadores de carro, pelos adolescentes ou pelos meninos que pescam, não impede outros usos como, passear, namorar, conversar ou ver a água. Consideramos essa praça a que mais se aproxima dos conceitos de praça urbana – espaço livre público com função de convívio social, inserido na malha urbana como elemento organizador de circulação e de amenização pública, com área equivalente à da quadra, geralmente contendo expressiva cobertura vegetal, mobiliário lúdico, canteiros e bancos (Sá Carneiro e Mesquita, 2000, p.29).

### **5.1.3 – Praça do Campo Santo**

As práticas cotidianas observadas no espelho d'água da Praça do Campo Santo estão relacionadas a história e ao projeto da praça e às alterações projetuais realizadas em dois momentos. O primeiro com a presença do espelho d'água projetado e o segundo depois de seu aterro.

O primeiro momento teve origem com a implantação do espelho d'água em 1976, que possibilitou uma prática cotidiana que existia em frente ao cemitério de Santo Amaro – as lavagens de carro. Esta prática da lavagem de carro, portanto, encontrava-se pré-estabelecida no espaço social e se inscreveu em frente ao cemitério, em seguida no espelho d'água da praça. Segundo a responsável pela varrição da praça, Helena Silva (entrevista, 2002), os lavadores de carro se localizavam na rua Marquês de Pombal, depois do projeto da praça com o componente aquático, porém, *“os lavadores foram chegando de um por um, de dois em dois, todo mundo, até que se estabeleceram na praça, ocupando calçadas, sujando”*. Dessa forma, compreendemos que houve um processo de formação de um grupo social unido por um objetivo comum (Bourdieu, 1996), o de lavar carro como meio de vida, que reflete no espaço físico, a Praça do Campo Santo.

Essas práticas cotidianas (Figura 5.4) passaram a se realizar no espaço envolvente do espelho d'água da Praça do Campo, prejudicando o uso desse componente para a contemplação, pois as lavagens de carro desconfiguravam os pisos, as calçadas e os bancos. Como nossa pesquisa não tem a intenção de observar os motivos que levam as pessoas às formas de usar, examinamos as práticas cotidianas realizadas no ano de 2000 (Guerra, 2000).



LEGENDA

- Componente aquático, 2000
- Lavadores de carro pegando água, lavando tapetes
- Mendigos e desempregados
- Policiais, adultos, crianças e adolescentes sentados
- Pessoas andando

**Figura 5.4** - MAPA DE USOS 4 - Praça do Campo Santo - 2000. **Fonte:** arquivo da autora, práticas cotidianas registradas sobre planta da Praça do Campo Santo **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

Verificamos nesse momento a criação de uma territorialidade causada pelos lavadores de carro, que constantemente estacionavam os carros no interior da praça, usando os bancos para lavar tapetes dos carros, inibindo o acesso à outros usuários. Havia também a presença de mendigos e desocupados que ficavam sentados nos bancos ao lado do espelho d'água ou tomando banho. Simultaneamente, algumas práticas eram realizadas periodicamente nesse espelho d'água como, os adultos que levavam as crianças para ver a água e brincar e alguns casais e adolescentes das escolas do entorno, que sentavam no banco para conversar ou namorar.

Os pedestres faziam uma rota sobre a pequena ilha localizada no interior do espelho d'água, em um movimento natural (Hillier, 1993), criando um percurso em diagonal de esquina para esquina, muitas vezes observando ou parando para olhar a água, principalmente as crianças. Assim, esse percurso, resultante da morfologia do entorno, mostrava a intensidade de pessoas que, diariamente, circulavam e usavam esta praça como local de passagem e, conseqüentemente, o espelho d'água. Este grande movimento de pessoas na praça é justificado pela diversidade de edificações do entorno, o cemitério de Santo Amaro, o SESC, a escola de ensino básico, concessionárias, locadoras e residências que predominam no entorno, além das barracas de flores, lanchonetes e a Delegacia de Roubos e Furtos existentes na praça até hoje.

No segundo momento, em meados de 2001, o espelho d'água da praça do Campo Santo foi aterrado pela EMLUB na intenção de requalificar a praça, que se encontrava depredada pelos usuários, sobretudo pelas condições da água do componente aquático. Com o aterro do espelho d'água, os homens (lavadores), que lavavam os carros cotidianamente na praça com a água desse componente há aproximadamente vinte anos, apropriaram-se do poço da COMPESA (Foto 5.8).

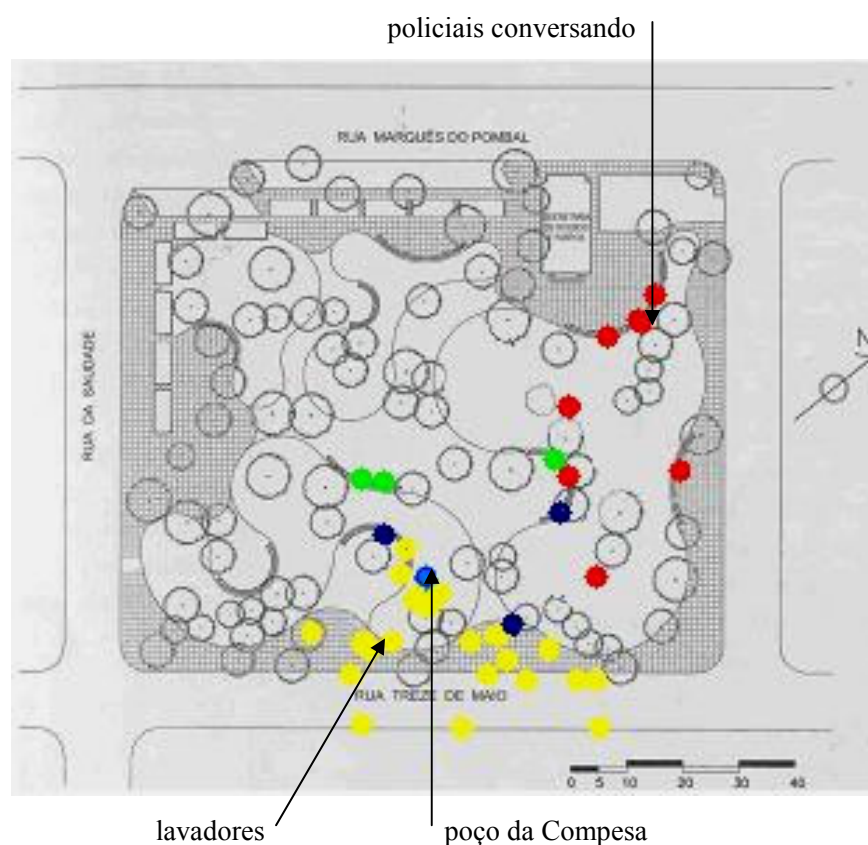


Lavadores de carros

Homem pegando água

**Foto 5.8-** Praça do Campo Santo. **Fonte:** Arquivo da autora, ano 2002.

Este poço se encontra a poucos metros do antigo espelho d'água, portanto facilitou a continuidade dessas práticas cotidianas (Figura 5.5). A pena d'água do poço foi consertada pelos lavadores, que puseram uma corda com um recipiente plástico em sua extremidade, para captar a água. Consideramos essa prática análoga à captação d'água das cacimbas dos séculos passados, pois, segundo De Certeau (2001, p.104), as práticas apresentam curiosas analogias que atravessam instituições de ordens sócio-políticas e a história, através de uma arte de proceder que se encontra no fundo do ser humano.



LEGENDA

- Componente aquático, 2002
- Homens esperando a lavagem de carro
- Homens lavando carro ou desempregados
- Policiais conversando, crianças andando de bicicleta ou adultos conversando
- Mendigos

**Figura 5.5** - MAPA DE USOS 5 - Praça do Campo Santo - 2002. **Fonte:** arquivo da autora - Práticas cotidianas registradas sobre planta da Praça do Campo Santo **apud** Sá Carneiro e Mesquita, 2000.

Indiretamente, essas formas de uso da água na praça, segundo a dimensão utilitária, bloqueiam os caminhos, tornando-os sempre molhados, além de ocuparem e depredarem os gramados, pisos e bancos, porque os carros ficam estacionados no interior da praça. Atualmente, a lavagem de carro é um fenômeno muito significativo para ser levado em consideração pelos interventores nos projetos das praças, tanto pelo uso do espaço ao longo do tempo, quanto por alterações causadas por esse grupo e pelos setores de manutenção, que negam cada vez mais esses componentes.

Se compararmos as práticas cotidianas, quando havia o espelho d'água e hoje com ele aterrado, não há muita diferença. As lavagens de carro apenas se deslocaram na praça, pois os lavadores criaram novas formas de usar o espaço, para atender suas necessidades. Os lavadores no primeiro momento usavam a água do “tanque” e da pena d'água desse tanque, e agora usam a água do “poço” com a água da COMPESA. Para os lavadores de carro o aterro foi viável, pois, a alternativa que eles criaram foi considerada melhor:

*“A água limpa do poço é melhor para lavar carro”*  
(lavador de carro Jairo Rodrigues em entrevista, 2002).

De modo geral, as formas de apropriação criadas para o desempenho das práticas do cotidiano da Praça do Campo Santo vêm alterando ao longo dos anos a configuração do projeto original do componente aquático e da praça. Os bancos, os pisos, os gramados e as calçadas são depredados, porque há um conflito entre as definições formais do projeto e as alterações informais produzidas pelos próprios usuários. A partir de Bourdieu (1996), compreendemos que as lavagens de carro são práticas cotidianas que se ajustam ao espaço físico para atender as necessidades sociais do grupo dos lavadores de carro e estão unificados na classe do “habitus”, onde as escolhas das práticas podem nos indicar os efeitos no espaço físico.

A partir da análise das práticas cotidianas nas três praças, verificamos que a apropriação da água dos componentes aquáticos, pelo grupo de lavadores, altera a ordem espacial pré-estabelecida no projeto, através da criação de novas formas de usar o componente, a praça e conseqüentemente a cidade. Pois, segundo (Kohlsdorf, 1996, p.20), a praça enquanto uma entidade arquitetônica da cidade permanece em transformação pelos agentes sociais, onde a sua natureza física e social permite uma gama de possibilidades muito diversificadas. Dessa forma, se incluem as dimensões contemplativa e utilitária.



A coexistência das dimensões de uso dos componentes aquáticos atuais levou-nos a um entendimento da continuidade das práticas cotidianas que se manifestavam na história do uso dos espaços públicos da cidade do Recife, no entorno das cacimbas, dos chafarizes e das fontes nos espaços públicos. Em todas as praças pesquisadas, os componentes aquáticos apresentaram-se como elementos que agregam as pessoas, atraem crianças, convidam o olhar e a permanência na praça.

Resumimos, no Quadro 01, as práticas cotidianas identificadas em cada praça pesquisada, segundo o tipo, a dimensão e a temporalidade. As lavagens de carro são práticas cotidianas que vêm se realizando todos os dias nos componentes aquáticos das praças do Hipódromo e do Campo Santo e em intervalos regulares na Praça do Derby. Esse tipo de prática resulta do grupo criado no espaço social que adaptam os espaços envolventes aos componentes aquáticos às suas necessidades cotidianas, coexistindo com as práticas contemplativas nas praças do Derby e Hipódromo, como o olhar a água, passear e refletir. Na Praça de Santo Amaro, as práticas da dimensão contemplativas não foram consideradas pois elas são realizadas em intervalos irregulares ou inexistentes. A pescaria na Praça do Hipódromo foi considerada como uma prática contemplativa, pois é realizada pelos garotos, embora eles também vendam os peixes. O tomar banho foi uma prática considerada utilitária porque é realizada periodicamente pelos homens nas praças do Derby e Campo Santo, apesar dos banhos e o alimentar peixes na Praça do Hipódromo serem lúdicos, portanto práticas contemplativas.

Quadro 01: Usos dos componentes aquáticos segundo o tipo, a dimensão e temporalidade.

PRÁTICA		PRAÇA		
Tipo	Dimensão	Derby	Hipódromo	Campo Santo
Lavar carro	utilitária	periódica	constante	constante
Olhar	contemplativa	periódica	constante	-
Passear	contemplativa	constante	constante	-
Refletir	contemplativa	periódica	constante	-
Pescar	contemplativa	-	periódica	-
Tomar banho	utilitária	periódica	periódica	periódica
Alimentar peixe	contemplativa	-	constante	-

**Figura 5.6:** Quadro 01. **Fonte:** Pesquisa direta, 2002.

## **5.2 - As opiniões dos técnicos e profissionais liberais**

As visões dos onze técnicos e profissionais liberais sobre o uso dos componentes aquáticos nas praças do Recife foram identificadas e classificadas em relação aos tipos de usos, à importância, a história, à paisagem e aos projetos paisagísticos, incluindo a influência de Burle Marx e as transformações nos projetos, além dos problemas relacionados ao objeto.

O grupo citou, com ênfase, os tipos de usos destinados à dimensão contemplativa, aqueles que envolvem o olhar à água, os animais, os reflexos e que proporcionam o descanso, a reflexão e a exaltação dos sentidos. Seguindo aparece o uso destinado a dimensão utilitária, referindo-se à lavagem de carro. Outro uso citado em metade das opiniões foi o uso dos espelhos d'água como piscina, para o lazer do grupo de crianças pobre e em menor número, a pesca, a lavagem de pratos e de roupas. Outras opiniões citaram o uso com dimensão utilitária, como as lavagens de carro e de roupas, atribuindo-os às necessidades sócio-econômicas da população.

Segundo eles, a importância dos componentes aquáticos está no valor estético, na composição de jardim, citando a beleza e a amenização climática, ou seja, ele é um elemento importante na paisagem da cidade, pelas suas múltiplas funções urbanas. A associação do uso dos componentes aquáticos e a as características da paisagem da cidade ficou bastante clara nas respostas dos entrevistados. Oito dos onze entrevistados acharam que existe uma relação de afetividade e identidade dos recifenses com os componentes aquáticos naturais. Um dos entrevistados discordou da representatividade do componente aquático na praça diante da grandeza dos componentes naturais, rios e mar, que marcam a paisagem do Recife.

A quantidade foi considerada insuficiente, sendo menos presentes nas praças de bairros mais afastados do centro urbano. A concentração de componentes aquáticos nas praças das áreas centrais da cidade foi citada com ênfase, mostrando a influência européia na formação do Recife e evidenciando a dimensão estética e contemplativa associada à dimensão utilitária, quando relacionam ao uso dos chafarizes e bicas para o abastecimento da população. As bicas de Olinda e os viveiros da época de Nassau, que também associavam as duas dimensões, foram pouco citados. Além disso, ficou evidenciado que o uso com dimensão contemplativa das fontes

escultóricas antigas e dos espelhos d'água, consolidam as influências históricas relacionadas à contemplação do jardim e a amenização climática.

Quanto aos princípios dos projetos das praças com componentes aquáticos, as opiniões acusam claramente a influência de Burle Marx na inserção do componente aquático como elemento de contemplação e embelezamento, evidenciando a repetição de formas orgânicas, sobretudo na década de 1970 e 1980, como formas bem sucedidas. Foi ressaltado que Burle Marx não foi o precursor desses elementos nos projetos, pois já havia viveiros e lagos artificiais no Recife desde o século XVII, como os dos Jardins do Palácio de Friburgo.

Vários problemas de uso dos componentes aquáticos foram mencionados, desde sujeira e depredação pela falta de informação e educação ambiental, não só em relação às praças de Burle Marx, até a falta de manutenção e fiscalização, relacionando ao fato dos usuários não conhecerem a importância histórica desse paisagista e das praças com esses componentes. Foram citados alguns usos que depredam o componente aquático pelo hábito de jogar lixo, lançar comida aos peixes, atirar pedras, além da destruição de penas d'água para lavagem de carro, da degradação dos gramados e dos acessos próximos a estes componentes. O uso para a pesca também é um dos fatores de depredação pela alteração da composição original do componente e da função dos peixes com relação ao equilíbrio ecológico de insetos predadores e do embelezamento dos espelhos d'água.

As opiniões sobre os projetos apontam as alterações de função dos componentes aquáticos nas reformas, quando estes são aterrados para servirem de jardineiras em diversas praças da cidade. Segundo os entrevistados, o fato dos componentes aquáticos não se incluírem nos novos projetos de praças está atrelado também ao seu custo, tanto de execução, como de manutenção e fiscalização. A falta de regularidade na manutenção leva às baixas condições de salubridade e a aparência degradada, originando mal-cheiro e provocando doenças. A limpeza, por exemplo, requer uma mão-de-obra específica, e seu custo não é mais alto do que os serviços de poda ou limpeza diária da praça. Apenas, em alguns casos é mais trabalhosa, devido à quantidade de resíduos e lama que se acumulam no fundo dos espelhos d'água, que passam até dois anos para serem limpos.

Quadro 02 – Visão dos técnicos e profissionais liberais sobre os usos dos componentes aquáticos

Relação com os usos	Técnicos e profissionais liberais
Tipos	Olhar a água, animais e reflexos; lavar carros e roupas
Importância	Beleza e amenização climática, paisagem
História	Influência européia, bicas, fontes e chafarizes, espelhos d'água
Projetos	Sucesso das formas orgânicas de Burle Marx
Problemas	Sujeira, depredação, custo de manutenção e fiscalização
Alterações	Aterros

**Figura 5.7:** Quadro 02. **Fonte:** Pesquisa direta, 2002.

### 5.3- As opiniões dos usuários

As opiniões dos dezenove usuários entrevistados, sobre os usos dos componentes aquáticos foram identificadas e classificadas de acordo com a denominação, a importância, o projeto, as aspirações e os problemas.

A denominação do componente aquático foi um fator decisivo para a identificação de alguns usuários. Para os lavadores de carro da Praça do Campo Santo e da Praça do Hipódromo, além do pipoqueiro, da encarregada da varrição e do vigilante, o nome adotado é “tanque”, apenas dois entrevistados se referiram a ele como “lago ou piscina”. Para os usuários da dimensão contemplativa a denominação clara é “lago, açude, rio, piscina ou ilha”.

Os usuários da dimensão contemplativa e os que trabalham na praça acham que a importância do componente aquático na praça está na beleza das águas, das plantas, no contato com a natureza, promovendo relaxamento e lazer. Para os lavadores de carro os componentes aquáticos devem servir água, que é considerada como um objeto de trabalho. Por isso verificamos uma certa associação entre a denominação e a função do componente aquático, para cada grupo de usuário.

Em caso de um futuro projeto de reforma na praça, os lavadores da Praça do Campo Santo manifestaram sua preocupação com o possível gradil, o que dificultaria o acesso à água, aspirando à criação de um poço com água limpa fora da praça, com armários para a guarda do

material de trabalho, onde eles pudessem usar a água sem entrar na praça. Essa aspiração também é dos lavadores da Praça do Hipódromo. Os lavadores de carro da Praça do Derby não foram entrevistados, porque não havia água suficiente nos componentes no período da pesquisa.

A limpeza da água é a principal aspiração dos usuários das três praças em geral, tanto os lavadores, quanto os que usam os componentes aquáticos para contemplação. Os usuários da Praça do Derby sugeriram a limpeza dos componentes, além da instalação de postes de iluminação e segurança no lago com a ilha-dos-amores.

Com relação aos problemas os usuários apontam a sujeira, o que associam a falta de educação ambiental, de segurança e manutenção, além do racionamento d'água e energia.

Quadro 03 - Visão dos usuários sobre os usos dos componentes aquáticos

Relação com os usos	Usuários
Denominação	Tanque, lago, piscina, rio
Importância	Beleza e abastecimento público de água
Projetos	Evitar gradil, criar apoio físico para os lavadores de carro
Aspirações	Limpeza, iluminação e segurança
Problemas	Sujeira e o racionamento

**Figura 5.8:** Quadro 03. **Fonte:** Pesquisa direta, 2002.

## 5.4 - Considerações finais

Consideramos que há uma diferença bastante significativa entre as opiniões dos grupos de técnicos e profissionais liberais e as dos usuários, sobre os componentes aquáticos, devido aos seus papéis diante da sociedade ou no cotidiano das praças estudadas.

As opiniões comuns do entrevistados apontam à beleza, como sendo a importância desses componentes nas praças, além de proporcionarem uma forma de contato com a natureza. Os usos com dimensão contemplativa, como, ler, namorar, encontrar, passear, olhar a água ou os peixes, mostram-se presentes e de grande importância na vida da cidade, para os diversos grupos de

entrevistados. Em seguida, através dos tipos de práticas mais constantes, as lavagens de carro aparecem nas opiniões dos dois grupos de entrevistados. O grupo dos usuários-lavadores vê os componentes aquáticos apenas como locais de serviços.

Na maioria das entrevistas, a sujeira e/ou a falta de manutenção aparecem com os principais problemas que existem no uso dos componentes aquáticos, tanto para os técnicos e profissionais liberais quanto para os usuários. Isso nos mostra que as más condições desses mobiliários no desempenho de práticas cotidianas, estendem-se ao espaço envolvente, aos bancos, a ponte, a ilha, os postes de iluminação e os acessos, principalmente na Praça do Derby. Esse estado deprezado de conservação leva cada vez mais ao desuso desses componentes. A falta de manutenção, para os dois grupos, pode contribuir na apropriação dos componentes aquáticos por grupos marginalizados, como os cheira-colas e os mendigos, que impedem indiretamente a presença de outros grupos como acontece na Praça do Derby. Através das entrevistas dos usuários do cotidiano da Praça do Hipódromo, a apropriação do componente pelo grupo de lavadores de carro, não causa impedimento aos outros grupos de usuários, pois a coexistência das dimensões de uso nesta praça é pacífica.

A falta de vigilância não foi mencionada pelos usuários como um problema, como foi para os técnicos e para os profissionais liberais, mas percebemos que a presença de um vigilante da EMLURB nas praças, muitas vezes não é eficaz, pois na Praça do Hipódromo, por exemplo, eles trabalham por turno, por isso, desconhecem o cotidiano e até evitam falar da praça, enquanto que o vigilante da Praça do Derby, que trabalha na praça há muitos anos, é bastante respeitado pelos cheira-colas e mendigos da praça. Na Praça do Campo Santo quem faz o papel do vigilante, além da engenheira responsável pela manutenção, é a encarregada da varrição “a galega”. Citada pelos lavadores como um “empecilho”, ela age como uma forma de controle, além de limpar a praça, ela zela e regula os usos na praça. Por estar presente na praça há dezessete anos, ela conhece profundamente os problemas do dia a dia do lugar e os usuários, sentindo-se capaz de interferir nas ações de grupos que deprezam a praça.

Os técnicos e profissionais liberais afirmaram que as lavagens de carro vêm prejudicando a conservação das praças, por não serem usos previstos no projeto original. Isto vem levando, ora aos aterros ou substituições por jardineiras, ora aos estudos para propostas de caminhos e grades, que mantenham o acesso dos lavadores de carro a esses componentes, para que essas práticas

estabelecidas, possam permanecer sem desconfigurar a praça, como acontece há pelo menos 25 anos na Praça Lula Cardoso Ayres, em Parnamirim. Na Praça do Campo Santo, o aterro do tanque não excluiu os lavadores, que criaram outra possibilidade de uso através da apropriação do poço existente, mencionando que outros exemplos acontecem também em praças próximas.

Durante as entrevistas com os usuários verificamos outros pontos de utilização dos espaços públicos para as lavagens de carro, que vêm surgindo como alternativa para o desemprego no cotidiano da cidade. Entre esses pontos há a apropriação da pena d'água na Praça do Rosarinho, apesar do espelho d'água ser hoje uma jardineira. Portanto, as diversas formas de uso com dimensões utilitárias encontradas nos componentes aquáticos da Praça do Campo Santo, Hipódromo e Derby, não aparecem como um fenômeno isolado, mas sim como exemplos representativos do que vem acontecendo hoje na maioria das praças do Recife que possuem “tanques”, como são popularmente chamados os componentes aquáticos.

Sendo assim, através das entrevistas aos dois grupos de entrevistados, identificamos que há um impasse, entre as opiniões sobre a convivência entre as dimensões contemplativa e utilitária e a importância desses componentes nas praças. As respostas dos usuários da dimensão contemplativa confirmam-nos a importância ambiental desses componentes aquáticos, ressaltando que as necessidades sociais e econômicas são importantes na definição de usos com dimensão utilitária. Os usuários da dimensão utilitária, que não tem emprego, que freqüentam, moram ou trabalham nas praças, reconhecem a transformação do projeto da praça realizada por eles, que aproveitam a oferta gratuita do serviço público d'água. Enquanto que os técnicos e profissionais liberais, enquanto planejadores, questionadores ou produtores dos espaços urbanos, vêm percebendo uma necessidade solucionar os problemas de uso atuais nas praças, para que estas sejam locais de socialização, lazer e qualidade de vida na estrutura e na paisagem da cidade.

Enfim, observando cada praça no estudo desses casos, compreendemos que os usos dos componentes aquáticos encontram-se em estágios diferenciados, sendo o padrão de uso influenciado tanto pelo projeto, pelo uso do entorno, quanto pela história das práticas desempenhadas, que vem se alterando conforme o tempo e as novas necessidades sociais. Assim, os resultados coletados nas entrevistas sobre o uso dos componentes aquáticos nas praças e, em especial, nos estudos de casos, deram-nos uma amostra de fenômenos que representam a realidade da maioria das praças da cidade do Recife com componentes aquáticos.

---

## CONCLUSÃO

Este capítulo final procurou sintetizar a análise descritiva dos fenômenos e evidências verificadas na pesquisa sobre o uso dos componentes aquáticos nas praças do Recife, buscando atender aos objetivos, responder às questões e comprovar o pressuposto inicial, para contribuir nas futuras reflexões sobre as transformações do cotidiano da cidade do Recife, na perspectiva de que o tema abordado possa ser uma das partes que compõe o todo da paisagem urbana.

Na história da paisagem urbana do Recife, onde as águas aparecem nos rios, nos mares, nos jardins, nos quintais e no espaço público, as cacimbas e os poços surgiram nas ruas, nas praças e nos pátios da ilha no século XVII, bem como os viveiros para a criação de peixes. Os primeiros chafarizes e fontes foram implantados para abastecimento d'água, em meados do século XIX.

Verificamos em um primeiro momento, em meados do século XIX, que a finalidade da implantação das fontes e chafarizes nos logradouros foi prioritariamente utilitária, associando o consumo d'água à função estética, pois, a origem dessa utilização ocorreu na Europa e chegou ao Recife no ano de 1846, ao mesmo tempo, com o aprimoramento técnico e estético. Neste momento, o uso dos componentes aquáticos nas praças com as dimensões utilitária e contemplativa, efetivavam-se, enquanto todos, as damas, os comerciantes, os estrangeiros e as crianças, podiam olhar o componente, o movimento da água, sentir o frescor, ter os seus momentos de encontro, de lazer e de passeio, ao mesmo tempo em que os negros aguadeiros compravam água para seus donos e conversavam.

Em um segundo momento, no início do século XX, esses componentes aquáticos passaram a ser usados para a contemplação. Surgiram os lagos artificiais, alguns reutilizando antigos viveiros, como na Praça Sérgio Lorêto ou águas remanescentes de aterros, tal qual na Praça do Derby, associados a outros elementos de jardim, como a vegetação aquática, o animal, os bancos, a ponte ou a ilha. Nesse momento, verificamos a influência de Burle Marx no paisagismo do Recife, sobretudo com a utilização de formas orgânicas, principalmente a partir das décadas de 70, 80, que caracterizam hoje a maioria dos espelhos d'água construídos nas praças. A partir de alguns fatores sócio-econômicos provenientes do desenvolvimento acelerado da cidade, inicia-se o uso



dos componentes aquáticos para as lavagens de carro, na Praça Lula Cardoso Ayres, de roupa na Praça da Independência e os banhos na Praça do Campo Santo, que começam a participar do cotidiano das praças com esses componentes.

O terceiro momento, da década de 1990 até o início deste século XXI, há uma consolidação do uso dos componentes aquáticos para as lavagens de carro em diversas praças da cidade do Recife, desconfigurando os pisos e alterando a função da praça na paisagem urbana. Este fenômeno de uso, associado aos outros condicionantes, como o racionamento de água, de energia e a falta de manutenção, vêm fazendo com que os componentes aquáticos da área urbana, sejam substituídos por jardineiras (Praça do Rosarinho), ou aterrados (Praça do Campo Santo).

Diante desses fatos descritos acima, as formas de uso aparecem como resposta da questão central: *até que ponto as reformas realizadas nos projetos das praças e a história do uso dos espaços públicos influenciam nas formas atuais de uso dos componentes aquáticos?* A análise do projeto paisagístico e da história, envolvendo as práticas cotidianas no estudo de casos, mostrou-nos evidências, confirmando que os componentes aquáticos das praças do Recife vêm passando por um período de transformação ao longo da história. A transformação do objeto em si, ou do seu espaço envolvente é provocado tanto pela inscrição dessas práticas espaciais do cotidiano das praças, quanto pelas ações dos órgãos públicos.

Identificamos a história das práticas cotidianas nos espaços públicos, influenciando mais diretamente as formas atuais de uso dos componentes aquáticos nas praças, do que os projetos de reformas. Embora as reformas visem proporcionar os usos com dimensões contemplativas, elas abrem caminho às dimensões utilitárias. Por isso, outra questão secundária surgiu, a partir da constatação das evidências sobre os atuais usos dos componentes aquáticos nas praças: *O que fazer com os lavadores de carro nas praças?* Os lavadores, conscientes que suas práticas cotidianas alteram o estado de conservação das praças, acham que é preciso programar um espaço para eles trabalharem, incorporando-os na praça ou no lado de fora delas, para que eles permaneçam em suas práticas cotidianas, sem prejudicar as condições físicas das praças. Enquanto que os planejadores e técnicos agem de maneira prática, buscando excluir estes grupos, introduzindo aterros ou substituições dos componentes por jardineiras.

Verificamos algumas ações realizadas no sentido de impedir tais usos, como o aterro do espelho d'água da Praça do Campo Santo. Entretanto, estas práticas cotidianas reapareceram materializadas de outra forma. A materialização das improvisações e as criativas formas de uso e de apropriação do componente aquático nas praças são mais evidentes através das lavagens de carro, que refletem as ordens sociais de um grupo de usuários e não a ordem espacial estabelecida no projeto, ou seja, há uma adaptação do espaço. As criativas formas de usar, que De Certeau (2001) chama de “astúcias”, foram encontradas reproduzindo o espaço social através de rearranjos espaciais, que criam a territorialidade nas praças com os componentes aquáticos ao longo do tempo. As técnicas de apropriação da água no poço, pelos lavadores de carro, expressaram a força do “habitus”, proveniente das necessidades sociais, onde as condições objetivas são estabelecidas primeiramente no “espaço social” (Bourdieu, 1996), confirmando a continuidade da lógica e do processo de democratização, de improvisação e da materialização nos espaços livres públicos ao longo da história da cidade, confirmando a hipótese.

Foi através da identificação das práticas do cotidiano e as suas formas de manifestação nos objetos estudados, que reconhecemos existir uma maneira alternativa e criativa de usá-los. As associações de formas físicas e culturais, segundo Sauer (1998, p.23), constituem a paisagem, portanto são passíveis de transformações, que refletem através da dimensão morfológica e histórica as ações dos homens ao longo do tempo. Por isso, considerando as praças como uma dessas formas físicas e culturais, comprovamos a hipótese, onde os usos atuais dos componentes aquáticos, de certo modo, permanecem transformando a praça e conseqüentemente a paisagem das cidades, através das dimensões contemplativa e utilitária, estabelecidas na história.

Por isso, a análise dos aspectos do projeto e da história apontou que muitas das substituições nos componentes aquáticos ao longo da história da cidade do Recife, principalmente nas últimas décadas do século XX, aconteceram no sentido de solucionar problemas de uso que alteram os projetos paisagísticos das praças. Ainda o custo da manutenção, o racionamento de água, de energia e a não solicitação dos usuários em alguns bairros, também vem fazendo com que esses componentes sejam cada vez mais eliminados dos novos projetos.

Ao mesmo tempo, algumas reformas nas últimas décadas também ocorreram, no sentido de valorizar as praças, tais como, a conservação das fontes-chafariz da Praça do Entroncamento e da Maciel Pinheiro em 1990, a implantação de fonte e iluminação de alta tecnologia na Praça da

República em 1999 ou através da requalificação dos espelhos d'água, tais como a Praça Sérgio Lorêto e a Praça do Hipódromo em 2000. Estas intervenções significativas mostram-nos a importância de tais componentes, para o embelezamento, para o resgate do uso do espaço público com a dimensão contemplativa e para melhorar a qualidade de vida na cidade.

Podemos citar as evidências encontradas na análise do projeto de reforma da Praça do Hipódromo, realizado no final do ano de 2000, onde o lago de formas orgânicas, uma pequena ilha e a ponte foram reformados em sua íntegra, exaltando a água como elemento de atração. A acessibilidade e a diversidade espacial criaram locais de permanência e contemplação das águas, dos peixes e das plantas. A utilização dos bancos, da ponte, da ilha e dos passeios em torno da água, mostra a positividade de tais elementos na concepção dos projetos das praças e na história da paisagem desta cidade aquática.

A partir da definição de paisagem por Santos (1996, p.83), compreendemos que o uso da água na praça pode exprimir as heranças que representam as relações, entre o homem e a natureza da cidade, ao longo do tempo. A Praça do Hipódromo é dinâmica e a diversidade de usos – os meninos pescando, os homens pegando água para lavar os carros, as mulheres jogando pão para os peixes e distraindo as crianças, os homens refletindo ou os adolescentes namorando - expressam a relação análoga entre as práticas vividas pelos atuais usuários e a lógica de uso e ocupação das praças na história dos espaços públicos desta cidade, ou seja, indicam uma coexistência de dimensões de usos, que também confirmam a hipótese.

Entretanto, compreendemos essa analogia como uma continuidade histórica do processo de democratização do espaço, onde os tipos e práticas são expressas de maneiras diferentes. Entendemos que não podemos comparar as necessidades sociais de épocas com contextos sócio-econômicos e culturais modificados ao longo dos quatro séculos de existência desses componentes, incluindo as cacimbas, os viveiros, os chafarizes, até os espelhos d'água e fontes monumentais. A coexistência dos usos com a dimensão contemplativa e/ou utilitária dos componentes aquáticos nas praças do Recife do passado, permanece no presente e anuncia sua continuidade no futuro. Portanto, consideramos que o uso dos componentes aquáticos nas praças é essencial à vida e à dinâmica da praça, pois além de representar a dinâmica da cidade é uma possibilidade de melhoria da qualidade de vida.

Assim, para que pudéssemos contribuir para o planejamento dos espaços livres públicos do Recife, a partir da análise dos usos dos componentes aquáticos das praças, segundo as dimensões contemplativa e utilitária, considerando os aspectos do projeto e histórico das praças, traçamos algumas recomendações sobre os componentes aquáticos das praças.

As praças com os componentes aquáticos ajustam-se à realidade cotidiana dos cidadãos. Por isso, tanto os novos projetos ou as reformas dos componentes aquáticos nas praças do Recife, podem ser instrumentos de integração social. Esses componentes tornam as praças locais democráticos, proporcionam a heterogeneidade de usos e de grupos sociais, onde se desenvolvam encontros e práticas sociais, de lazer, de serviços, além de serem utilizados como elementos de amenização climática e melhoria da qualidade de vida, sendo partes integrantes do possível sistema de espaços livres na paisagem da cidade. É importante realizar um programa de educação ambiental na praça, para mostrar aos usuários a importância desses componentes aquáticos na praça e na cidade, criando um sistema de parceria, ou seja, despertando o senso de responsabilidade social nos usuários e nos gestores.

A pesquisa mostrou também, que a acessibilidade aos componentes aquáticos deve ser criada no projeto e não evitada para impedir usos indesejáveis, haja vista, a força das práticas individuais ou coletivas em apropriarem-se da água, alterando os projetos, desconfigurando os passeios, os gramados e os bancos. Por isso, diversificar espaços para os usos contemplativos ou utilitários, representa dinamizar as praças e a cidade, embora reconheçamos que é impossível a previsão das ações e dos comportamentos humanos, principalmente nos espaços públicos.

Enfim, esperamos que essas recomendações possibilitem as reflexões quanto às novas diretrizes para o planejamento e aos projetos de requalificação de praças com componentes aquáticos e que esta pesquisa possa contribuir para que as praças estudadas ou outras adquiram o caráter mais humano, onde as novas propostas saibam conduzir esses fenômenos de uso. Pois, temos a impressão de que as propostas incluídas e voltadas para a demanda possam levar estas praças ao sucesso e a integração social. Para finalizarmos este trabalho, cremos na importância dos componentes aquáticos nas praças para a qualidade de vida e para a diversidade de atores e práticas sociais, tornando as praças vivas na cidade, sobretudo, numa cidade como Recife, que tem as águas urbanas tão significativas na história da sua paisagem.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Érika Audet. **A Articulação dos Espaços Públicos no Recife do Século XIX**. Recife: 2001, (Dissertação de Mestrado, orientação de Ana Rita Sá Carneiro), UFPE, MDU, **2001**.
- ALVES, Cleide. **O Recife de Burle Marx**. Jornal do Comércio, Recife, 17 set. **2000**.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiore. **O Lugar da Arquitetura Depois dos Modernos**. 3ª ed, São Paulo: EDUSP, **2000**.
- AZEVEDO, Heloísa P. Lima. **Um Estudo de Desempenho dos Espaços Públicos para o Pedestre**; um estudo de caso no centro de Taguatinga. Brasília: 1992, (Dissertação de Mestrado, orientação de Frederico Holanda), UNB, **1992**.
- BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**, Ensaio sobre a imaginação da matéria. 2ª ed, São Paulo: Martins Fontes, **1998**.
- BARTALINI, Vladimir. **Sintonias e Defasagens**. Os parques públicos nos planos para São Paulo: In Paisagem e Ambiente, nº 07, jun.1995. São Paulo: USP, FAUSP, **1995**, pp. 69-89.
- BASSO, Jussara Mª. **Investigação dos Fatores que Afetam o Desempenho e a Apropriação dos Espaços Abertos**: o caso de Campo Grande-MS, (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: FA-PROPUR, UFRGS, **2001**.
- BENTLEY et al. **Responsive Environments**, a manual for designers. Buutterwirth Architecture, **1985**.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, **1996**.
- CAMPOS, Heleniza Ávila. **A Conservação dos Conjuntos Históricos em Área Centrais Urbanas a partir do Uso de seus Espaços Públicos Abertos**: um recorte no centro expandido da cidade do Recife, (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, **1998**.
- CAMPOS, Maria Beatriz de Arruda. **Strategic Spaces**: Patterns of uses in public squares of the city of London. In Space Syntax First Internacional Symposium. Londres: **1997**, vol. II-Urban Themes, cap. 26, pp.1-11.
- CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Prefeitura municipal do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Conselho municipal de cultura, **1977**.
- CAVENDISH, Marshall. **Pequenas História das Invenções**, Londres: Copyright, **1994**.
- CONSIGLIERE, Victor. **A Morfologia da Arquitetura (1920-1970)**. Lisboa: Stampa, **1994**.

- COSTA, Lúcia M. **Os Rios e a Paisagem Urbana**. Disponível em:  
<<http://WWW.jornaldapaisagem.com.br/> Acessado em 29 de abr. 2002.
- DA LUZ, Luiz Fernando. **Parque Farroupilha**; o lago e os eixos como elemento de composição.  
In Revista Arquitexto, V.01, zero (2000). Porto Alegre: UFRGS, 2000, pp.85-93.
- DANTAS SILVA, Leonardo. **Recife: Uma História de Quatro Séculos**, Recife: Prefeitura Municipal do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1975.
- DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**, artes de fazer. 6ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- DICIONÁRIO BRASILEIRO GLOBO MULTIMÍDIA. São Paulo: Copyright, Globo S.A. 1997.
- ENGE, Torsten Olaf e SCHROER, Crl Friedrich. **Garden Architecture in Europe –1450-1800**. London:Taschen, 1992.
- FRANCA, Rubem. **Monumentos do Recife**: estátuas e bustos, igrejas e prédios, lápides, placas e inscrições históricas do Recife. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1977.
- GIL, Antônio Carlo. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUERRA, Cristianne de M. **Estudo dos Usos e da Configuração Espacial de um Espaço Livre Público**; A Praça do Campo Santo, (Trabalho da disciplina de Morfologia Urbana, orientado por Luis do Eirado Amorim). Recife: UFPE, MDU, 2000.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança. São Paulo: Loyola, 1993.
- HILLIER, Bill et al. **Natural Movement**: Or, Configuration and Attraction in Urban Pedestrian Movement: Environment and Planning B, planning and design, London: vol.20(1), 1993, pp 29-66.
- HOLANDA, Frederico. **O Espaço de Exceção**. Brasília: 1998. pp. 47-124.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KOHLSDORF, Mª Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: UNB, 1996.
- LEENHARDT, Jacques (org). **Nos Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação C.A Louste Gulbenkain, 1993.
- LYNCH, Kevin, **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. **La Buena Forma de la Ciudad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.
- \_\_\_\_\_. **The Openness of Open Space** (1965). In City sense and city design, 1990, pp. 396- 398.
- MACÊDO, Silvio Soares de. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: FAUSP, 1999.

- MARX, Roberto Burle. **Jardins e Parques do Recife**. Jornal Diário de Tarde, Recife, 14 mar. **1935**.
- MATOS, Francisco. **A Praça do Hipódromo**. Jornal Diário de Pernambuco, Recife, 08 abril. **1989**.
- MELO, Kátia. **Paisagismo Internacional**. Os jardins da ilusão. Revista Isto é, São Paulo, nº 1602, p. 112-115, jun. **2000**.
- MELLO, Virgínia Pernambucano de. **Água Vai!** História do Saneamento de Pernambuco, 1537-1837. 1ª ed, Recife: COMPESA, **1991**.
- MENEZES et. al. **Águas do Prata**, História do saneamento de Pernambuco (1838-1912). 1ª ed Recife: COMPESA, **1991**.
- MENEZES, José Luiz Mota (org). **Atlas Histórico e Cartográfico do Recife**. Recife: PCR/URB/ FUNDAJ/ Massangana, **1988**.
- MESQUITA, Liana. **Memória dos verdes urbanos do Recife**. In Cadernos do Meio Ambiente, Recife: vol. 01, **1998**, PCR, pp. 07-54.
- MINAYO, Mª Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social; teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, **1997**.
- MORAES, Demóstenes A.; CAMPOS, Heleniza & FREITAS, Ruskin M. A. **A Produção Cotidiana da Diversidade**. In Anais do Seminário Interdisciplinar, Cidade e produção do cotidiano. Recife, 1993: UFPE, MDU, **1995**. P.323-a 336.
- MORRIS, A. E.J. **História de La Forma Urbana; desde sus orígenes hatá la revolucion industrial**. Barcelona: Gustavo Gill, **1984**.
- MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, **1982**.
- OUTTES, Joel. **O Recife: Gênese do Urbanismo 1927-1943**. Recife: FUNDAJ, Massangana, **1997**.
- PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: Ontem e Hoje, Governo do Estado de Pernambuco**, Recife, **1978**.
- PENERAI, Philippe. **O Retorno à Cidade**. O espaço público como desafio do projeto urbano. São Paulo: In Revista Projeto, nº. 173, abr. **1994**, pp.78-82.
- PITTA, Danielle Perim Rocha. **O Recife e as Águas**. In Reunião do Centro de pesquisas sobre o imaginário, Recife, abril/1980: Fundação Joaquim Nabuco, **1980** ( no prelo).
- PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE - PCR. **Lei de Uso e Ocupação do Solo Nº 14511/83**, Recife, **1983**.

- \_\_\_\_\_. **Lei de Uso e Ocupação do Solo N° 16179/96**, Recife, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Praças de Burle Marx**, Síntese do trabalho realizado, Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente; Diretoria Geral de Urbanismo. Recife, Set. 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa de Opinião**. URB, Divisão de Estudos e Pesquisas-DEP, Diretoria de Planejamento-DPU, Recife, 1989.
- RÊGO, Joana D'Arc Queiroz Maracaípe. **Transformações da Identidade Topoceptiva da Praça Tubal Vilela** - Uberlândia- MG, mai. 2000 (Dissertação de mestrado). Brasília: UNB, FAU, 2000.
- REVISTA DE PERNAMBUCO. Recife: Repartição de Publicações oficiais do Estado de Pernambuco, ano I, Jul.,ago., set.,out, nov e dez.1924, ano II, jan. e mar.1925.
- ROSSI, Aldo. **Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- RIBEIRO, Ana Rita Sá Carneiro. **Usos e Funções dos Parques Urbanos do Recife**. In Cadernos do Meio Ambiente do Recife, Vol. 01, abr/jun. 1998. Recife: PCR, 1998, pp. 55-71.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita e MESQUITA, Liana. **Espaços Livres do Recife**. Recife: UFPE, 2000.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira e VOGEL, Arno (org.). **Quando a Rua Vira Casa: A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**, técnica e tempo, razão e emoção. 2ª ed, São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SAUER, Carl O. **A Morfologia da Paisagem**. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: ed. URRJ, 1998, pp.12-74.
- SERDOURA, Francisco; MACHADO, Antonio & BERNARDO, Luís. **O Espaço Colectivo da Cidade de Lisboa**. Factores de Apropriação e utilização, Anais em Cd room do IX Congresso Ibero-americano de Urbanismo. Recife: 2000.
- SETTE, Mario. **Arruar**. História pitoresca do Recife Antigo. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.
- SPIRN, Anne Whiston. **O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade**, (tradução de Paulo Pellegrino). São Paulo: EDUSP, 1995.
- SITES:
- <http://www.jatodagua.com.br/>
- <http://www.abnt.com.br/>
- <http://www.passeiopublico.com.br/>
- <http://www.jornaldapaisagem.com.br/>
- <http://www.semiotic.com.br/usuarios/quapa.htm/>



## ANEXOS

### **Modelo de entrevista 01 – Técnicos/ Profissionais Liberais – Data:**

Nome:

Data de nascimento:

Profissão:

Empresa que trabalha:

Tempo:

Cursos:

- 01) Qual a importância dos componentes aquáticos nas praças do Recife?
- 02) Você considera a quantidade de componentes aquáticos nas praças satisfatória para a cidade?
- 03) Existe a concentração em alguns bairros? Porque?
- 04) Quais os tipos de usos existentes nas praças provenientes dos espelhos d'água?
- 05) Quais problemas que eles criam a partir do uso?
- 06) Você acha que existe alguma relação entre os usos atuais destes e a história dos chafarizes e das fontes na cidade?
- 07) O componente aquático é um elemento visual de atração de pessoas na praça, elas gostam ?
- 08) Você acha que a geografia do Recife e as águas fazem as pessoas gostarem de ver a água nas praças?
- 09) Você conhece algum programa de educação ambiental para melhorar o uso destes ?
- 10) Quais fatores influenciam a escolha do tipo ou forma do componente aquático na elaboração dos projetos?
- 11) Você já projetou alguma praça com componente aquático? Quais e explique porque utilizou?
- 12) Há alguma relação entre a implantação de um componente aquático de uma praça e a proximidade com algum elemento aquático natural (rio, mangue)?
- 13) Você acha que a história das fontes ou chafarizes em praças contribuiu para a presença de espelhos ou jardins de água nas praças do Recife do século XX?
- 14) Os projetos das praças de Burle Marx com componentes aquáticos das décadas de 1930 e 50, influenciaram os projetos das décadas seguintes?
- 15) Quais as transformações físicas dos componentes aquáticos que você conhece ( aterro, eliminação, substituição)?
- 16) O que você considera fundamental para que o uso do componente aquático seja compatível com o projeto?

- 17) Os tipos de usos dos componentes aquáticos dependem do bairro em que a praça se localiza?
- 18) Qual o melhor projeto de praça que possui componente aquático, que você conhece?
- 19) outras perguntas

**Modelo de entrevista 02 – Usuários – Data:**

Nome: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_  
Ocupação/Profissão: \_\_\_\_\_ Grau de instrução: \_\_\_\_\_  
Local de trabalho: \_\_\_\_\_

- 01) Como você chama este elemento com água na praça?  
02) Você vem sempre aqui, o que gosta de fazer ? Porque?  
03) Existe algum problema para você usar esse elemento?  
04) Por que você escolheu usar esse elemento?  
05) Qual a importância dele na praça?  
06) O que você mais gosta nesse lugar?  
07) O que poderia melhorar nele?  
08) Você conhece outras praças com esse elemento?  
09) Qual a que você acha mais bonita?  
10) Você mora longe daqui?  
11) outras perguntas

**LISTA 01- Dados das entrevistas com os técnicos e profissionais liberais**

Entrevista Nº 01 - Data: 24/09/2001

Nome: Juliane Barreto Lourenço	Data de nascimento: 29/05/65
Profissão: Agrônoma	Empresa que trabalha: EMLURB
Tempo de serviço: 15 anos	Cargo que ocupou: Chefe da divisão de poda e erradicação
Cargo que ocupa: Chefe do depto de praças e áreas verdes	Tempo de serviço: 8 meses

Entrevista Nº 02 - Data: 10/10/2001

Nome: Maria Inês de Oliveira Mendonça

Profissão: Arquiteta

Cargo: Arquiteta

Cursos: Especialização na área de meio ambiente e paisagismo

Data de nascimento: 27/12/48

Empresa que trabalha: EMLURB

Tempo de serviço: 30 anos

Entrevista Nº 03 - Data: 10/10/2001

Nome: Brena Lúcia de Aguiar Remígio

Profissão: Arquiteta

Cargo: Arquiteta

Cursos: Transporte

Data de nascimento: 01/11/46

Empresa que trabalha: EMLURB

Tempo de serviço: 30 anos

Entrevista Nº 04 - Data: 16/10/2001

Nome: M<sup>a</sup> do Socorro Florêncio Mussalém

Profissão: Arquiteta

Cargo: Arquiteta e Diretora do Depto e Divisão

Tempo: 30 anos

Data de nascimento: 08/05/46

Empresa que trabalhou: Aposentada da Prefeitura do Recife

Empresa que trabalha: MR S/A Depto de Paisagismo e meio ambiente

Entrevista Nº 05 - Data: 23/10/2001

Nome: Beatriz Assmann Varejão de Azevedo

Profissão: Arquiteta

Cargo: Arquiteta

Data de nascimento: 1954

Empresa que trabalha: URBTempo: 17 anos

Cursos: Paisagismo em geral

Entrevista N 06 - Data: 25/10/2001

Nome: João Barros Corrêa

Empresa que trabalha: EMLURB

Cargo: Engenheiro/DPPA

Profissão: Engenheiro civil

Tempo: 16 anos

Entrevista Nº 07 - Data: 06/12/2001

Nome: Andréa Melo Lins Storch

Profissão: Arquiteta

Empresa que trabalha: SEPLAN  
Cargo: Arquiteta e profess. UNICAP

Tempo: 1 ano e 5 meses  
Cursos: Mestrado em Desenvolvimento Urbano

Entrevista Nº 08 - Data: 07/12/2001

Nome: José Luiz Motta Menezes  
Profissão: Arquiteto/ historiador  
Tempo: 25 anos

Data de Nascimento: 1936  
Empresa que trabalhou: UFPE  
Cargo: Professor

Entrevista Nº 09 - Data: 04/01/2002

Nome: Fábio José de Araújo Pedrosa  
Profissão: Geólogo  
Tempo: 10 anos  
Cursos: Doutorado/ mestrado em geociência

Data de nascimento: 1964  
Empresa que trabalha: UPE/ UNICAP  
Cargo: Professor

Entrevista Nº 10 - Data: 18/03/2002

Nome: Liana de Barros Mesquita  
Profissão: Arquiteta  
Empresa que trabalha: Laboratório da Paisagem, COOSERPLAN; Cooperativa de trabalhos e serviços de Planejamento e Projetos.

Data de Nascimento: 12/02/1935  
Empresa que trabalhou: SUDENE; Chefe de Ecossistema, e URB-Recife,  
Cursos: Pós-Graduação em Desenvolvimento econômico, SUDENE-BNDS; Especialização em Ecologia Urbana.

Entrevista Nº 11 - Data: 21/03/2002

Nome: Maria de Fátima Barbosa  
Profissão: Agrônoma  
Cursos: Educação ambiental-UNB, Pós-Graduação em gestão e controle do Ambiente.

Data de nascimento: 11/11/52  
Empresa que trabalha: EMLURB

## Dados das entrevistas com os usuários

Entrevista Nº 12 – Data: 04/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Elizalvo Viana Leite

Profissão: Advogado

Local de trabalho: Escritório na rua Nova      Data de nascimento: 07/10/39

Local de residência: Hipódromo

Entrevista Nº13 – Data: 04/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Mário José de Oliveira      Profissão: pipoqueiro

Local de trabalho: Casa Forte      Data de nascimento: 1967

Local de residência: Campo Grande      Grau de instrução: primário incompleto

Entrevista Nº 14 – Data:08/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Edivaldo Pereira Pinheiro      Profissão: desempregado

Local de trabalho:      Data de nascimento: 1981

Local de residência: Campo Grande      Grau de instrução: até 6ª série

Entrevista Nº 15 – Data: 08/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Eberton de Melo      Profissão: estudante

Local que estuda: escola da praça      Data de nascimento: 1988

Local de residência: Campo Grande/ilha      Grau de instrução: 6ª série

Entrevista Nº 16 - Data: 08/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Hélio Duarte      Profissão: lavador de carro

Local de trabalho: praça Hipódromo      Tempo: 8 anos

Local de residência: Campina do Barreto

Entrevista Nº 17 – Data:08/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Carlos Cipriano      Profissão: Supervisor de obras da EMLURB

Local de trabalho: Praça Hipódromo      Data de nascimento: 1951

Tempo: 6 meses      Grau de instrução: 8ª série

Entrevista Nº 18 – Data: 12/05/2002 (Praça do Hipódromo)

Nome: Lindinalva Mª dos Santos      Profissão: doméstica-babá

Local de trabalho: Hipódromo      Data de nascimento: 1972

Local de residência: interior      Grau de instrução: 1º grau incompleto



Local de residência: Grau de instrução: 8ª série

Entrevista Nº 26 – Data: 07/05/2002 (Praça do Campo Santo)

Nome: Marcílio Fernandes Profissão: lavador de carro  
Local de trabalho: praça do Campo Santo Data de nascimento: 1960  
Local de residência: Santo Amaro Grau de instrução: 1º grau incompleto

Entrevista Nº 27 – Data: 08/05/2002 (Praça do Campo Santo)

Nome: Jairo Rodrigues de Souza Profissão: lavador de carro  
Local de trabalho: praça do Campo Santo Data de nascimento: 1965  
Local de residência: Santo Amaro Grau de instrução: primário

Entrevista Nº 28 – Data: 14/05/2002 (Praça do Campo Santo)

Nome: Helena Mª de Lima da Silva Profissão: auxiliar de serviços gerais-  
Local de trabalho: Praça do Campo Santo EMLURB  
Local de residência: Pau Amarelo

Entrevista Nº 29 – Data: 13/08/2002 (Praça do Campo Santo)

Nome: Uiliane Batista da Cruz Profissão: comerciante  
Local de trabalho: Praça do Campo Santo Data de Nascimento: 1956  
Local de residência: Abreu e Lima Grau de instrução: 5ª série

Entrevista Nº 30 – Data: 13/08/2002 (Praça do Campo Santo)

Nome: Félix Dionísio da Silva Profissão: Floricultor  
Local de trabalho: Praça do Campo Santo Data de Nascimento: 1946  
Local de residência: Santo Amaro Grau de instrução: 1º grau

**LISTA 02-** Lista de desempregados e lavadores de carro da Praça do Hipódromo fornecidos  
pela Engenheira da Praça do Campo Santo

Marcos da Silva Amorim, vulgo Fala Manso

Luis Carlos da Silva, pedreiro, pintor e serviços gerais

Dorisos Carlos Nascimento dos Santos, serviços gerais

Evânio Batista dos Santos

\*Marcílio Fernandes, lavador de carro

Severino Francisco de Lima, vulgo Ozias

Cremiltom Silvino da Rocha, vulgo Paloma

\*Jairo Rodrigues de Souza, lavador de carro

José Adalberto

Alcy Urbano da Silva

Fernando Frazão de Santana

Ricardo Antônio da Conceição

Sebastião Carlos de Souza Dias

Igor César dos Santos Silva

\*Luiz Antônio Claudino dos Santos, lavador de carro

Edmilson José

\* Refere-se aos que foram os entrevistados.